

BOLETIM *de* ARIEL

MENSARIO CRITICO-BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS, ARTES, SCIENCIAS

DIRECTOR

Gastão Cruls

REDACTOR-CHEFE

Agrippino Grieco

RIO DE JANEIRO, SETEMBRO DE 1938

ANNO VII

N.º 12

ESCREVEM NESTE NUMERO :

AFFONSO BANHOS — A. HERNÁNDEZ CATÁ
ANTONIO FERREIRA — ANTONIO SIMÕES DOS REIS
AURELIO GOMES DE OLIVEIRA
DOMINGOS RIBEIRO FILHO — EDGARD CAVALHEIRO
HUMBERTO BASTOS — MARQUES REBELLO
NELIO REIS — NUNO SIMÕES
OSORIO BORBA — OSORIO DUTRA
PEREGRINO JUNIOR — RAYMUNDO MORAES
SALAZAR REGUEIRA — VINICIO DA VEIGA

NESTE NUMERO :

Secções de:

CINEMA e DISCOS

Correspondencia de

FRANÇA e PORTUGAL

NESTE NUMERO :

"A AMAZONIA"

Paginas de LUIZ CRULS

"BAHIANINHA"

Conto de RIBEIRO CCUTO

"TIRO—E—QUEDA"

Conto inédito de
CMER MCNT'ALEGRE



PREÇO PARA TODO O BRASIL : 2\$000



ACABA DE APPARECER
O NOVO VOLUME DE CONTOS DE
Gastão Cruls :

Historia Puxa Historia

Summario:

CONTAS BRABAS — MÃE D'AGUA — ARREPEN-
DIMENTO — MEU SOSIA — CARTA DE OUTRO NAPE
A PATATIVA — CIRCUITO DA GAVEA — INICIAÇÃO
O ESPELHO — DO OUTRO LADO — FAUNA EXOTICA
FIM DE VIAGEM



SEQUANA

O MELHOR LIVRO
FRANCEZ DO MEZ

Temos o prazer de anunciar aos nossos leitores que a ARIEL EDITORA LTDA. se tornou representante exclusiva, para todo o Brasil, dessa importante sociedade franceza de edições, de renome universal, SEQUANA.

COMITE' SEQUANA

O Comité Sequana de Paris está constituído por Henry Bordeaux, Joseph Bédier, Paul Valéry, André Champeix, Pierre Benoit, François Mauriac, Abel Bonnard, Léon Berard, Edmond Jaloux, Pol Neveux, Fortunat Strowsky, Tristan Derème, Pierre Lyautey, Henri Massis, André Maurois, Jean-Louis Vaudoyer e Georges Duhamel.

No Brasil o Comité de Honra de Sequana conta com a presidencia de Sua Excellencia o Senhor Marques Lefèvre d'Ormesson, Embaixador de França no Brasil.

E os membros desse Comité são: Annibal Falcão, redactor-chefe d'*O Economista*, director da *Revue Française du Bresil*; Elmano Cardim, Director do *Jornal do Commercio*; Herbert Moses, Presidente da Associação Brasileira de Imprensa; Miguel Osorio de Almeida, da Academia Brasileira de Letras, ex-reitor da Universidade do Distrito Federal; Raul David de Sanson, medico; Rodrigo Octavio Filho, homem de letras, advogado; Senhoras Anna Amelia Carneiro de Mendonça, poetiza, directora da Casa do Estudante do Brasil; Branca Fialho, escriptora; Lucia Miguel Pereira; Lucia Magalhães, inspectora do ensino secundario; Maria Eugenia Celso, poetiza e escriptora; Maria Velloso, escriptora, professora de francez por concurso no Instituto de Educação; Rachel Boher, directora da Bibliotheca Circulante do Rio de Janeiro.

CONDIÇÕES GERAES DE ASSIGNATURAS

As assignaturas são pagas no acto da subscrição

Só são validas as assignaturas INTEIRAMENTE PAGAS:

a) directamente na Séde da Sociedade: Rua Sete de Setembro n.º 162-1.º and., — Rio de Janeiro. b) por cheques, ordens de pagamento, vales postaes, etc., endereçados a ARIEL, EDITORA LTDA. c) CONTRA NOSSOS RECIBOS, em mãos de nossos cobradores, agentes ou correspondentes, devidamente autorizados por escripto por nós.

A assignatura dá direito a receber UM LIVRO POR MEZ, durante 12 mezes seguidos, a partir do mez seguinte ao da assignatura, e nas condições indicadas para cada caso: A, B, C, ou D.

As assignaturas cujos pagamentos forem feitos antes do dia 20 de cada mez, começarão no mez immediato.

Os livros são enviados pelo correio, cuidadosamente acondicionados, ou re-

mettidos, aos endereços indicados pelos assignantes nos seus coupons de assignatura.

Nossos assignantes poderão fazer enviar seus livros ao nosso escriptorio, onde nós os conservaremos á sua disposição.

Em caso de mudança de endereço, avisar POR CARTA REGISTRADA, antes do dia 20 do mez anterior á mudança.

ABONNEMENT A

Tarif N.º 1

Collection des AMIS DE SEQUANA

IMPRIME' sur beau et fort vélin blanc de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression soignée. — Tirage spécial.

BROCHE', sous couverture papier Japon deux couleurs.

Rs. 160\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

ABONNEMENT B

Collection des AMIS DE SEQUANA

IMPRIME' sur beau et fort vélin blanc de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression soignée — Tirage spécial.

RELIE' plein cuir, véritable basane fine rouge, tête et tranches jaspées, titre et fers spéciaux à l'or, tranche-fil et signet soie.

Rs. 300\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

Tarif N.º 1

ABONNEMENT C

Collection de BIBLIOPHILE

IMPRIME' sur le véritable papier de chiffon de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression DE LUXE. Tirage spécial.

RELIE' CUIR LUXE, larges plats. X— Entièrement fait à la main. — Tête et fers spéciaux à l'or. — Couleur: fauve, bleu ou rouge (au choix).

Rs. 380\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

ABONNEMENT D

Collection de BIBLIOPHILE

IMPRIME' sur le véritable papier de chiffon de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression DE LUXE. Tirage spécial.

RELIE' GRAND LUXE, chagrin fin poli, avec bande, plats toile fine; tête, titre et fers spécial à l'or. Couleur: fauve, bleu, rouge, vert ou gris (au choix).

Rs. 500\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

BULLETIN D'ABONNEMENT

A remplir avec soin et à envoyer par la poste à:

ARIEL, EDITORA LTDA. — Rua 7 de Setembro, 162-1.º and. — RIO DE JANEIRO

Je soussigné (NOM).....

ADRESSE.....

VILLE..... ETAT.....

déclare souscrire à.....abonnement..... SEQUANA

(Barrer les indications inutiles)

A à 160\$000 broché C à 380\$000 relié cuir luxe fauve, bleu rouge

B à 300\$000 relié plein cuir D à 500\$000 relié grand luxe fauve, bleu, rouge, vert, gris.

aux conditions du tarif SEQUANA N. 1 ci-joint.

Adresse pour l'envoi des livres.....

Je vous envoie ci-joint par chèque, par mandat postal, par lettre chargée,

p. porteur, la somme de.....\$.....montant de.....abonnement.....

Signature.....

BOLETIM DE ARIEL

EXPEDIENTE

DIRECTOR:

Gastão Cruls

REDACTOR-CHEFE:

Agrippino Grieco

GERENTE:

João Teixeira Soares Neto

SECRETARIO

Donatello Grieco

ASSIGNATURAS

Preços para todo o Brasil e paizes da Convenção Postal Pan Americana:

Simple 18\$000
Registrada 24\$000

EXTERIOR

Simple 22\$000
Registrada 28\$000

Numero avulso 2\$000
Numero atrasado 3\$000

As assignaturas são sempre annuaes e começam a partir de qualquer mez.

Os pedidos de assignatura deverão vir acompanhados do seu respectivo valor.

O BOLETIM DE ARIEL, em sua parte editorial só publica trabalhos ineditos, sendo assegurada a seus collaboradores plena liberdade de pensamento.

Quem quer que transcreva trabalhos apparecidos em suas paginas, na integra ou em excerptos, fará a gentileza de mencionar a procedencia.

Em relação aos livros nacionaes, o BOLETIM DE ARIEL só se occupará dos apparecidos no ultimo trimestre, e, em relação aos estrangeiros, dos publicados nos ultimos 12 mezes.

O BOLETIM DE ARIEL não se occupará duas vezes do mesmo livro, a não ser que se trate de obra de subido valor.

NÃO HA RESTITUIÇÃO DE ORIGINAES

SÃO CORRESPONDENTES DESTA REVISTA

- Na França — *Sra. Picard-Loewy* — Paris
Em Portugal — *Sr. Osorio de Oliveira* — Lisboa
No Rio Grande do Sul — *Sr. Paulo Arinos* — P. Alegre
Em S. Paulo — *Dr. Wladimir Malheiros* — S. Paulo
Em Minas Geraes — *Dr. Guilhermino Cesar* — Bello Horizonte
Em Pernambuco — *Dr. Aderbal Jurema* — Recife
Na Bahia — *Dr. Aydano Couto Ferraz* — Bahia
Em Alagoas — *Dr. Raul Lima* — Maceió
Na Parahyba do Norte — *Dr. Adhemar Vidal* — João Pessoa
No Ceará — *Sr. Affonso Banhos* — Fortaleza
No Pará — *Dr. Gastão Vieira* — Belém
No Amazonas — *Dr. Araujo Lima* — Manáos.

DIRECÇÃO REDACÇÃO, PUBLICIDADE :

ARIEL, EDITORA LIMITADA

Rua 7 de Setembro 162-1º.

Tel. 22-1406 — End. Tel. "Ariel"

RIO DE JANEIRO — BRASIL

VANTAGENS

CONCEDIDAS AOS ASSIGNANTES DO
"BOLETIM DE ARIEL"

CONSULTAS:

O BOLETIM DE ARIEL, attende a qualquer consulta de seus leitores que se prenda ás letras, artes e sciencias. Prestará todas as informações que lhe forem solicitadas sobre a existencia e preço, no mercado do Rio de Janeiro, de livros communs, raros, nacionaes ou estrangeiros.

DESCONTOS:

Os assignantes desta revista gosam de um desconto de 20 % sobre os preços dos livros editados por «Ariel, Editora Ltda.», quando os mesmos forem adquiridos directamente na nossa séde, e de 10 % quando, attendendo a pedidos do interior, os tivermos de remetter pelo Correio, correndo então por nossa conta as despesas de porte. Sob o titulo «EDICÇÕES ARIEL», na nossa secção de annuncios, ha uma lista completa das obras que podem ser offerecidas com aquelles descontos.

ENCOMMENDAS DE LIVROS

Encarregamo-nos da compra de qualquer outro livro que não conste das nossas listas. Essas encomendas de livros alheios não gosarão de desconto, sendo executadas ao preço de venda do mercado. As despesas do porte correm por conta do freguez.

«BOLETIM DE ARIEL» ENCADERNADO

Tanto na nossa redacção como nas principaes livrarias desta cidade se encontram volumes bellamente encadernados, reunindo as collecções do primeiro, segundo, terceiro, quarto e quinto annos do BOLETIM DE ARIEL, á venda pelo preço de Rs. 40\$000 cada volume. As encomendas do interior serão attendidas sem augmento de porte.

COUPON DE ASSIGNATURA

Junto envio a quantia de Rs.
para que seja remettida uma assignatura annual do Boletim de Ariel, ao seguinte endereço e a partir do mez de

NOME

RUA

CIDADE

ESTADO

Côrte e envie este coupon a ARIEL, EDITORA LTDA. — Rua 7 de Setembro 162 — 1º. — Rio de Janeiro.

N. B. -- A importancia deve ser remettida em carta com valor declarado, vale postal ou cheque bancario.

SERVICO DE REEMBOLSO

NO INTUITO DE BEM SERVIR AOS SEUS LEITORES, *BOLETIM DE ARIEL* TEM ORGANIZADO UM INTERESSANTE SERVIÇO DE FORNECIMENTO DE LIVROS PELO SYSTEMA DE ENTREGA DA ENCOMMENDA CONTRA REEMBOLSO.

DAMOS A SEGUIR AOS NOSSOS LEITORES OS ESCLARECIMENTOS NECESSARIOS PARA QUE POSSAM SE UTILIZAR DESSE VANTAJOSO E PRATICO SYSTEMA.

- A — O fornecimento de livros será feito para qualquer localidade do Paiz desde que esta possua o serviço de «vales postaes» em sua Agencia do Correio.
- B — Os livros serão remetidos em qualquer quantidade.
- C — As encommendas poderão ser feitas pelos meios usuaes: carta, telegramma ou por um simples cartão postal, sendo indispensavel apenas que tanto o titulo das obras como o nome e endereço do destinatario sejam escriptos com a maxima clareza.
- D — No acto da encommenda V. S. não precisará remetter-nos importancia alguma. Feita por nós a remessa de sua encommenda, V. S. receberá da Agencia do Correio de sua localidade o aviso da chegada, bastando então que compareça á mesma onde receberá os livros mediante o pagamento da respectiva importancia.
- E — Os livros serão fornecidos pelos preços de capa, sem augmento de especie alguma.
- F — Todas as despesas de embalagem, porte e registro correrão por nossa conta, ficando apenas a cargo do destinatario despesas referentes ao «Serviço de Reembolso» que são mininas. Nas encommendas, entretanto, superiores a Rs. 30\$000, até mesmo estas ultimas despesas correrão por nossa conta.
- G — Afim de que V. S. possa conferir a exactidão da importancia a ser paga ao Correio, seguirá sempre com a encommenda uma factura detalhada onde serão especificados os titulos e preços de cada obra.
- H — Dado o enorme vulto de encommendas que recebemos constantemente de nossos leitores e assignantes, é indispensavel, para o bom andamento de nosso serviço, que V. S. indique em seu pedido que a remessa deverá ser feita pelo «Serviço de Reembolso». Para maior facilidade, damos abaixo um coupon que poderá ser utilizado em taes casos:

Á ARIEL EDITORA, LTDA.

R. 7 de Setembro, 162 - 1.º andar — RIO DE JANEIRO

Pelo SERVIÇO POSTAL DE REEMBOLSO queiram enviar-me os seguintes livros:

.....
.....
.....
.....
.....

(Nome e endereço completo, bem legíveis)

.....
.....
.....



BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO - BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS — ARTES — SCIENCIAS

DIRECTOR

Gastão Cruls

CONSELHO CONSULTIVO:

Gilberto Amado — Lucia Miguel Perelra
Miguel Ozorio de Almeida — Octavio de Faria
V. de Miranda Reis

REDACTOR-CHEFE

Agrippino Grieco

BARNICES PARA EL ALMA

Saturado de pensamiento, el discurso de Gregorio Marañón en respuesta al del académico de la Medicina doctor Mouriz, sin faltar a ninguna de las exigencias rituales en tal linaje de ceremonias, abunda en sugerencias de general interés espiritual, por las cuales adquiere esa supervalía polémica, esforzada, anhelosa de mejoras sociales, que viene dando a la obra de nuestro amigo el sabor inconfundible de la simiente destinada a generosas germinaciones.

Después de insistir en una idea ya iniciada en anteriores trabajos suyos — la disyuntiva casi por igual opresora de pobreza y riqueza que amenaza a todo sabio — se queja de esa voracidad de la vida de hoy para engullir en estériles festines de una hora, ensayos y conferencias que obligan al investigador a vaguedades o reiteraciones, cuando no a adoptar el único tono posible de quien se dirige a un público desprovisto de elemental preparación. Con razones incontrovertibles, Gregorio Marañón sitúa el problema y, sin negar a las conferencias benéfico influjo cultural, enumera los riesgos que para el hombre de ciencia entrañan, según él, y según nosotros, el éxito embriagador y el exponerse a defraudar a un público ganoso de ver pagada su hora de atención con las revelaciones de un milagro, de un hallazgo sensacional o del fruto íntegro de una existencia de esfuerzos patéticos hacia la verdad; constituyen por igual sirtes y remolinos donde muchas cosas, incluso algo de la hombría de bien, pueden perderse.

Pero el ritmo frenético de la ciudad impone este rebajamiento de la ciencia y del arte, y convierte los laboratorios en imágenes cinematográficas, los cuadros en miniaturas comerciales que pueden llevarse en el bolsillo con los billetes de las carreras de caballos y las invitaciones a fiestas sociales, y los libros en novedades efímeras. Arte y ciencia al DETALL se despacha para los apresurados y los SNOBS. La época de los substitutivos engendrada por la guerra, traslada su sistema de engaños al área espiritual, y agrava el daño con el ansia de prisa y de sensualidades que la terrible eficacia del dolor y la muerte desencadenados por Marte. Veinte expo-

siciones, treinta revistas, cuarenta guiños de la publicidad incitan al alma cada mes. La menor noción nueva, la particularidad ínfima del aspecto más secundario de cualquier estudio, adquieren enseguida una bibliografía enorme que os estorba el paso. El cenobita del estudio padece más tentaciones que San Antonio. Y de una exposición a otra, de uno en otro libro, de una en otra conferencia, el espíritu no tiene el tiempo preciso para que las ideas se sedimenten. De aquí tanto confusionismo: barnices de alma que apenas pierden el color de conocimiento, dejan ver ignorancia y desorientación.

Todos conocemos a alguno o varios víctimas de ese azacaneo cultural. Llevan la última obra vocinglera bajo el brazo, observan con un silencio cabalístico que haría por sí solo odiar a los placeres superinteligentes, la última naturaleza muerta o agonizante del último genio recién salido, sonrían y se hablan en secreto con la pueril pretensión de hacernos creer que hacen signos a un astro remoto y que éste les responde. Yo puedo exhibir como caso específico a una señora, joven y graciosa por demás; a la que, si un providencial embarazo no viene a manumitirla de la tiranía de los barnices espirituales, tendrá que recibir muy pronto el doctor Marañón en su clínica, agobiada por los horrores de una oclusión de todas las vías eliminatorias del espíritu. Si no fuese tan linda podría calificársela de inevitable tarasca de las procesiones culturales. Las más heterogéneas ramas del saber la tienen por igual atenta. Va y viene, atragantada siempre, siempre con prisa, y lo único que se distrae en ese ardilleo son sus tacones, porque nunca como en esta ocasión me he dado cuenta de que la mayor parte de nuestros placeres están computados por la suma de unas cuantas cosas que nos disgustan en el fondo. Los labios extranjeros constituyen su debilidad máxima; también los poetas que escriben las letras mayúsculas con minúsculas la fascinan. Cuando Einstein explicó en una lección su teoría de la relatividad, era una niña y ya tuvo un disgusto «de muerte» por no poder conseguir uno de los puestos de primera fila. Ha pasado desde el

catón a la superciencia y a la superestética. Y muchas veces he tenido la maligna fantasía de suponerla, de regreso a su casa, quitándose en la intimidad de la alcoba el corsé espiritual de duras ballenas, y diciendo dos o tres buenas malas palabras, para desentumecerse los labios! — tan besabres! — resacos de musitar los nuevos lugares comunes del Arte y de la Ciencia.

La ley de oferta y demanda que rige el comercio domina cuanto se comercializa, y la ciudad ha puesto bajo el signo de Mercurio al pobre cuervo de Minerva, mal disecado la mayor parte de las veces. El sabio hosco, el buscador solitario; están condenados a la vida sin brillos sociales. Pobreza oscura que sólo los contados capaces de transformar el deber en placer, pueden resistir. La vanidad y el tedio, dos de los imperativos modernos, crean públicos para todo, especuladores de todo. Establecimiento en los que el mismo artículo cuesta tres veces más que en el vecino, se ven llenos a todas horas. Y en el timo cultural, como en los timos célebres perseguidos por la Policía, el timador no opera si no halla al sujeto — especie de bandido pasivo — propicio a aceptar gangas culpables. Adquirir una cosmología en unas cuantas horas, sería, sin duda, maravilloso. Pero ocurre que los pocos que la poseen han meditado, han trabajado muchos años y han renunciado a muchas gracias fáciles, para adquirirla.

Ir contra la moda es machacar en hierro frío. Por eso, querido doctor Maraño, cuando yo veo a mi amigueta tan presurosa, tan semienterada de tantas semicosas, en vez de decirle que un libro mediano releído y pensado deja más que cuatro leídos al vuelo, y que cultura viene de agro, y no es número de naciones o datos, sino sólo aquéllos que aran nuestra alma, disminuyen las malas hierbas de ciertos instintos y la fertilizan, la miro con admiración compasiva y, si, como ahora, hace un calor denso de sensualismo, detengo la mirada en sus labios con cierto apetito de venganza animal.

A. HERNÁNDEZ — CATÁ.

— Todos os amigos das bellas letras christãs devem ler a *Pedagogia do Catecismo*, de P. A. Negromonte, da Editora Vozes de Petropolis. Existem ahi coisas preciosas que nos são transmittidas sem pedantismo, com a maior amenidade de linguagem.

— Chama-se *O mirante do Baixo Amazonas* o ultimo livro de Raymundo Moraes, que a Companhia Melhoramentos de São Paulo nos offerece em linda apresentação graphica. O novo trabalho do grande pintor da vida amazonica servirá para intensificar a admiração em que o têm milhares de leitores, deslumbrados ainda e sempre pela adoravel arte desse Gustavo Doré dos scenarios e das silhuetas de uma região onde tudo é milagre de pittoresco nas paizagens e nas creaturas.

A. HERNANDEZ CATÁ

Temos o prazer de offerecer aos leitores do BOLETIM DE ARIEL, este mez, uma formosa pagina inédita do eminente escriptor Alfonso Hernández Catá, que ora desempenha no Rio de Janeiro as altas funções de chefe da missão diplomatica cubana junto ao governo brasileiro e que possui uma consideravel bagagem litteraria, onde os romances e os ensaios criticos assumem brilho incommum, a par de uma originalidade a toda prova.

Preferimos conservar no original castelhano a collaboração do sr. Hernández Catá, porque traduzil-a seria tirar-lhe muito do brilho e da vivacidade com que foi composta por esse illustre intellectual cubano.

DE FERNANDO PESSOA

1-8-1931.

*Hoje que a tarde é calma e o céu tranquilo,
E a noite chega sem que eu saiba bem,
Quero considerar-me e ver aquillo
Que sou, e o que sou o que é que tem.*

*Olho por todo o meu passado e vejo
Que fui quem foi aquillo em torno meu,
Salvo o que o vago e incognito desejo
De ser eu mesmo de meu ser me deu.*

*Como a paginas já relidas, vergo
Minha attenção sobre quem fui de mim.
E nada de verdade em mim albergo
Salvo uma ancia sem principio ou fim.*

*Como alguém distraído na viagem,
Segui por dois caminhos par a par.
Fui com o mundo, parte da paizagem;
Commigo fui, sem vêr nem recordar.*

*Chegando aqui, onde hoje entou, conheço
Que sou diversos no que informe estou.
No meu proprio caminho me atravesso.
Não conheço quem fui no que hoje sou.*

*Serei eu, porque nada é impossivel,
Varios trazidos de outros mundos, e
No mesmo ponto espacial sensivel
Que sou eu, sendo eu por' estar aqui?*

*Serei eu, porque todo o pensamento,
Podendo conceber, bem pode ser,
Um dilatado e mürmurio momento,
De tempos-seres de quem sou o viver?*

OBRAS

- DE -

MATHEUS DE ALBUQUERQUE

(Novas edições uniformes em papel vergé)

ANNOS DE APRENDIZAGEM

I SENSACÕES E REFLEXÕES . . . 8\$000

TRILOGIA DE AMOROSAS

I DORA (ou o desejo de amar) . . . 7\$000

II MARGARA (a que o amor salvou) 8\$000

III NAIR (a que o amor perdeu) . . 8\$000

MUSA TACITA

I A JUVENTUDE DE ANSELMO
TORRES 8\$000

PEDIDOS A

ARIEL, EDITORA LTDA.

RUA SETE DE SETEMBRO, 162 — 1.º and.
Rio de Janeiro

ASSÚ E PEDRA BONITA

Um escriptor que tem vencido os perigos de uma producção incessante e copiosa e os consequentes vaticinios dos criticos sem bôa vontade. Cada novo romance do Sr. José Lins do Rego — e elle os tem lançado á razão de um por anno, a partir de 1932 — é por muitos esperado sempre como o primeiro signal de decadencia ou exgottamento. Uma producção assim excessivamente plethorica pode naturalmente cançar o auctor ou pelo menos dar a impressão disso... Mas na verdade não chegou ainda o livro do romancista do *Menino de Engenho* que se pudesse, indiscutivelmente, considerar inferior ao anterior ou aos anteriores. A força creadora do escriptor assignala, ao contrario, em cada delles uma nova victoria sobre as performances apresentadas anteriormente.

Encerrado o «cyclo da canna de assucar», o sr. Lins do Rego, depois de *Pureza*, em que ha o resumo de uma sociedade decadente, alguns destroços humanos que se agitam um pouco fora do mundo, no isolamento de uma estaçãozinha ferroviaria perdida no meio do campo — da-nos agora um quadro mais amplo da vida do sertão. Mais vasto e complexo, ahi, o material humano e o conjuncto de factos sociaes que o auctor movimenta, em mais largas perspectivas. No Assú, melancolico burgo decadente, com a dolorosa consciencia da sua decadencia irremediavel, ameaçado constantemente pelo cangaço e pelas razzias policiaes, o Sr. Lins do Rego retrata admiravelmente um typo commum de cidadezinha miseravel do nosso interior. Uma dessas nossas pequenas e longinquas cidades mortas, onde a vida escorre, durante seculos, em completa estagnação, sem nenhuma actividade, sem possibilidade de progresso, onde a conservação da existencia humana, mesmo puramente vegetativa, é um phenomeno difficil de comprehender. Nesses lugarejos parados, sem vida e sem esperança, a miseria pesa sobre tudo e todos como uma fatalidade e se reflecte nos caracteres. Por isto, no Assú do sr. Lins do Rego, o pessimismo nada tem de artificial. Elle é um realista quando nos apresenta aquelles tristes exempla-

res humanos deshumanizados, abatidos e humilhados pela vida, duros amargos, seccos, revoltados. Nessa galeria de maos e de desequilibrados quase que só uma figura vibra de ternura humana: a figura apostolar do Padre Amancio. Os outros são o croinha torturado, cheio de recalques tremendos, aquelle pobre Antonio Bento, um typo de timido que é infallivel nos romances do Sr. Lins do Rego, e que nos reaparece agora em *Pedra Bonita* quasi como uma simples versão nova, do Carlinhos de Mello dos livros do «cyclo» numa insistencia que interessará particularmente aos psychanalystas no estudo da personalidade do escriptor; a irmã do vigario, despotica, absorvente e irascivel, dominando tyrannicamente o ambiente familiar em que age; D. Fausta, a solteirona cujo drama sexual, uma longa martyrizante contenção, explode finalmente um dia, na volupia do escandalo intencional; o fazendeiro Bentão, ensandecido pelo isolamento na penuria, sob a pressão das prevenções com que o estigmatizou e aos seus uma credence do povo; os filhos do fazendeiro, impellidos para o cangaço pelas perseguições das «volantes», tão criminosas quanto o banditismo que vão reprimir; e, no Assú, os sub-homens da politicagem roceira entredevorando-se; o «gang» do mexerico e da maledicencia, reunido em sessão permanente debaixo

da tamarineira. Violeiros nomades, cantores mulherengos, beatas, trocadores de cavallos, aguardenteiros contrabandistas, todo um mundo pittoresco de figuras typicas do sertão desfila no romance com uma nitidez enorme.

Ha nessas paginas uma vida palpitante, um senso agudo do real, que somente escapará a quem não conheça mesmo superficialmente o ambiente physico e social que ellas refletem.

O surto de fanatismo vinculado ao cangaço, a parte final do livro, onde a acção atinge o maximo de intensidade, tem momentos de uma poesia e de uma força dramatica empolgantes, como o relato da «maldição» de Pedra Bonita, aquelle confuso Apocalypse realizado no apparecimento do «Filho de Deus» as predicas do «santo», de uma extranha belleza, a scena da «cura», as da loucura mystica da multidão no acampamento dos fanaticos.

Os vernaculistas não perdôam a linguagem do Sr. Lins do Rego. Seu estylo é cada vez menos «castigado». Sua syntaxe não é bem a portugueza... Mas a lingua desses romances regionaes — universaes pelo seu conteúdo humano e pela vida que encerram — é saborosa; seu vocabulario, rico de pittoresco, a lingua exacta do povo de que elle nos fala.

Criticos eruditissimos cansam as munhecas discutindo aspectos «estheticos» dos livros do Sr. Lins do Rego, discutindo se elles são ou não obras de arte, condenando tics ou defeitos de estylo, deficiencias technicas. Nós outros, os simples leitores sem obrigação de julgar esses romances, sentimo-los. Sentem-nos intensamente sobretudo os que ahi identificam scenarios e figuras que conhecem do real e que nelles estão animados com uma grande força de representação epica. E os sociologos, os estudiosos de uma phase da evolução do nordeste, das crises de transformação economica, das psychoses sociaes, como o beatismo e o cangaço, encontrarão nos livros do parahybano um mundo de factos suggestivos subtilmente observados e typos humanos de um interesse irresistivel.

OSORIO BORBA

Edição ARIEL:

CYRO MARTINS

SEM RUMO

Novella Gaúcha

EM TODAS AS
LIVRARIAS
DO BRASIL

RIO SEM HISTORIA

O Amazonas é um rio sem historia, apagado na tradição millenar dos povos cultos, inexistente mesmo nos balanços immemoriaes dos grandes cursos fluviaes do globo. Se ainda hoje elle traz no seio, depois de quatro seculos de explorações, uma aurea de mysterio, como se de facto fôra um dos enigmas do universo, avalie-se o que não seria nos tempos remotos, naquelles idos em que a civilização, arredada por contingencias geographicas da America do Sul, não cogitava de seu valle, de suas aguas, de sua natureza, de seus habitantes. As famosas arterias hydrographicas do planeta, eram, assim, pelo conhecimento que della tinham os velhos cosmographos, o Nilo, o Yang-Tse-Kiang, o Congo, o Volga, o Gange, o Danubio, o Dnieper, o Rheno, o Rhodano.

O Amazonas, apesar do seu volume e da sua extensão, desdobra-se num fio lendario, coberto de hypotheses e de fabulas.

As tribus que lhe povoavam as margens, sob milhares de fogos morticos, eram anonymas, sem projecção na lembrança publica das gentes de outros massios continentaes. Embora as malocas fossem incontaveis no seu flanco magestoso de maior rio do mundo nunca se ouviu dellas falar para além dos lindes austraes americanos. Agrupados aleatoriamente, seus moradores vagavam, como num palco cyclopico, dentro do proprio amphitheatro amazonico. Iam e vinham de léste para oeste; cruzavam do norte para o sul e vice-versa, em busca certamente dalguma propicia miragem, dalguma deusa, dalguma plaga encantada, que bem podia ser aquella entrevista no sonho da sua exhaustiva caminhada — *a terra em que não se morre*.

Apesar das lutas entre si, da hostilidade que desenvolviam no solo de nascença contra adventicios nunca tiveram um choque, um attrito, uma peleja, uma batalha, em summa, fora do continente em que habitavam. Seus *raids*, ao que parece, mesmo das tribus rondantes perto dos oceanos, Atlantico ou Pacifico, limitavam-se ás pescas marujas, á sombra das aguas territoriaes. Não conquistavam, pois, novas rochas, novas áreas, novas zonas, quer para residir, quer para colonizar. Não se expandiam para lá do horizonte marinho em que a terra alaga na perspectiva humana. Não buscavam sequer trocar productos com povos que não fossem os fechados na moldura orogenica do seu amphitheatro. Isso denuncia-lhes, indiscutivelmente, senão o jardim edenico, o paraiso terreal que procuravam, pelo menos o clima benigno, a fartura de peixe, a abundancia de caça o privilegio dos frutos.

Taes pormenores, no emtanto, que hoje se apuram mais por indução e deducção que por um relato escripto, fosse memoria ou fosse roteiro, codice ou Diario de Viagem, só começaram a ser divulgados na Amazônia de quatrocentos annos para cá, depois da investida de piratas, flibusteiros hollandezes e inglezes no golpho em que se abre e vomita a gargula monstro do Rio-Mar. Antes disso, o que debruava o valle immenso era o segredo, a cinza, a linha indefinida e umbrosa das penumbras enigmaticas; de tal maneira e com tanto sigillo, que ainda agora não se sabe em rigor se as humanas e nume-

rosas levas que ahi erravam seriam autochtones ou estrangeiras, originarias espontaneamente da plaga sul-americana ou egressas de outros continentes.

Duas opiniões scientificas, advindas de anthropologos e ethnologos, contradizem-se a respeito. A menor defende o indigenato, queremos dizer, a origem colombina dessas tribus. A maior defende o alienigenismo, melhor, o povoamento sul-americano por gerações vindas de fóra. Na hypothese dos nossos aborigenes provirem da rechã em que foram encontrados pelos exploradores europeus, brotaram das dobras do chão no silencio augusto dos vegetaes, sem ruido maior que o das plantas ao nascer. Vingaram, cresceram e disseminaram-se por montes e valles. Adstrictos a um periplo interno, ora vagando na planicie immensamente verde, ora subindo aos planaltos de corcovas azuladas, circuitavam na faina aleatoria de hypnotizados pelos scenarios centraes da bacia mediterranea. De olhar fixo num ponto imaginario, iman polar de suas bussolas, dahi não sahiam, dahi não se despregavam, dahi não se desviavam.

A corrente maior dos naturalistas e historiadores, a que affirma ser o povo amazônico producto de invasões migratorias, vindas, porventura dos mares do sul, India, China, Oceania, Palynesia, Japão (Barbosa Rodrigues entre estes), ou do Mediterraneo, Egito, Phenicia, Carthago, Grecia, Lemuria, Troya (Porto Seguro entre estes), argumenta, em prol dessas idéas, com a semelhança de costumes, de palavras, de ritos, de lendas, de leis, de tabús. Até a circuncisão semita, usada em certas hordas selvagens na Amazonia, serve-lhes de amparo ao balanço social no panorama ethnographico. Os contornos de biremes e triremes, das jponas e das fardas, além dos perfis de navegantes, egressos do Continente Negro e achados na decoração da louça marajoára, entram-lhes, igualmente, nas razões fundamentaes com que proclamam as origens adventicias de nossas tribus selvagens.

Nas conclusões anthropogeographicas dos exegetas que rebuscam a proveniencia do amerindio, entram ainda os signarios, os symbolos, as allegorias, os caracteres symbolicos, as letras alphabeticas, as inscrições rupestres. Francisco A. Loayza, no seu livro *Manko Kapa*, denuncia milhares de letras e phrases japonezas, abertas na rocha peruana, como indicio do homem egresso do Paiz do Sol Nascente. Vinha, ao sabor da grande corrente marinha do Pacifico, transpunha a cordilheira dos Andes, e descia a muralha cisandina até alcançar a planicie, paradoxalmente chamada *montaña* pelos loretanos. Os que julgam a migração amazonica originaria da Africa, exhibem, por sua vez, como succede a Varnhagen, semelhança com as daqui nas lendas, no nome das embarcações, no folklore, na reminiscencia das frotas, na liturgia. Dahi a confusão na matéria. Entretanto, seria bom fazer ressaltar um alto caracteristico do indio na America do Sul, e, sobretudo, do que ainda hoje se encontra á margem dos nossos rios: é o olho aryano. De facto o selvicola da vasta planicie, e mesmo das mesetas alpestres, possui um typo mongoloide. Seu aspecto asiastico é de chim, é de mandchú,

é de nippon, é de mongol, salvo nas arcadas superciliares, nas palpebras, na estrutura enfim dos globos oculares, rasgados, bellos, alegres, como se de um authentico europeu. O amerindio pode carregar todos os vestigios somaticos do homem da Mongolia, menos esse do olho papudo, inchado, o que abre um clarão ethnico de maneira a alertar o sabio, obrigando-o a revêr de novo a tabella de Broca.

Um solido argumento, todavia, se estende sobre tudo isso: a unidade idiomática do tupy-guarany. Se a raça numerosa veiu, como pensa a maioria dos especialistas, deste ou daquelle continente, conduziu, sem contestação, a lingua que fala. Isto porque, do Paraguay ao panno de pedra andino, do Chaco alagado aos derradeiros sulcos montezinos do Maranon, o idioma é, na sua estructura lexica, uno. Tenha o nome que tiver a tribu, o povo, a nação; chame-se tupynambá, tupiniquim, tymbira, panno, caxinauá, arara, parintintin, caraiba, aruac, tupy, guarany, a linha mestra do falar é identica. Pode-se, é verdade, aqui, ali, acolá, ouvir um nome por outro, esta expressão por aquella, certa phrase pela phrase do vizinho, sem, contudo, se deixar de comprehender o sentido, a idéa, o pensamento integral da imagem.

São testemunhas do caso varios amazonenses que, na guerra contra Lopes, se entendiam francamente com as hostes paraguayas no campo da luta. Para que de Assumpção a Jurimaguas se articulasse apenas um idioma, fôra preciso que o advena que o povoou tivesse vindo igualmente de uma só patria. Disto não ha fugir. Entretanto, se assim succedeu, frise-se de novo, a infiltração migratoria foi feita em surdina, sem arrepios nem explosões que se ouvissem nos meios adiantados. Os povos cultos não lhe perceberam a mudança de terra, a transferencia para outro *habitat*.

Confronte-se pois este eclipse social, este viver apagado e solitario da maioria das hordas sul-americanas com a millenaria e retumbante projecção nilótica e veja-se, irrefutavelmente, que o Amazonas não tem historia. Delle mal se falava nas remotas eras das civilizações passadas. Enquanto a dynastia pharaonica levantava, nas azas de um dynamismo ruidoso, turbulento por vezes, mas sempre maravilhoso, os esplendores do Egypto sobre areas em fogo, onde as rainhas projetavam a fama que varou a historia, criando os dramas coruscantes de audacia e paixão — os tuchauas e caciques amerindios da vasta planura permaneciam na mais estioiada das attitudes no que concerne á civilização. Incapazes dum feito impressionante que deslumbrasse, já não dizemos sciencia, mas a propria arte militar dos continentes vizinhos, sua acção foi estactica, teve apenas a força inerte das montanhas. E' verdade que as civilizações de Tiuanaco e Cusco aluem estes argumentos, abalam a these que os ethnologos expõem maxime se dermos credito ao que dizem certos anthropólogos, isto é, que a civilização foi das baixadas para as serras, das varzeas amazonicas, venezuelanas, colombianas e platinas para a cordilheira dos Andes. E mais ainda: que caraibas e aruacs, para não falar em outras tribus, eram amazonicas. Egressas da planicie, subiram aos altiplanos e ali se fixaram como pastores em virtude da abundancia dos camelideos, lhama, alpaca, guanaco, vicunha.

De facto a civilização das duas remotas cidades alpestres é quasi immemorial, revelando possivelmente aos desavisados uns laivos de autochtonismo. Se compararmos porém as lendas religiosas e historicas dos fundadores de Tiuanaco e Cusco com a dynastia do Grande Archipélago, chega-se a comprehender a possibilidade das proveniencias raciaes dos mares do Sul. Volvendo, no entanto, ás margens do Nilo para os contrastes deste sabio e os confrontos daquelle, nada mais chocante que as vidas singulares do felláh e do caboclo. A' proporção que o morador das margens do rio africano attingia os altos graus da sciencia, do saber guerreiro, da architectura, da pintura, da escultura, da poesia, da musica, da belleza, enfim, envolvendo mesmo os mais serios problemas mathematicos e cosmographicos, como a precessão dos equinoxios e o nauirragio da Atlantida — o morador das margens do Amazonas jazia sem cultura, sem projecção, incapaz de ir além, ao se tratar de numeros, dos dedos da mão. Seu ponto de vista artistico, tratando-se dos aruacs, era attributo da mulher, oleira magnifica e excellentes decoradeira, se levarmos em conta o atraso esthetico da epoca. Todas as nossas malocas fechavam-se, em summa, no segredo bruto, alheio ao menor surto de evolução.

Mas o anonymato do Amazonas não se restringia apenas ao homem. A parte physica do caudal era tão mofina e desmaiada como a estructura racial das suas populações. As alternativas geologicas que lhe modificavam geognosticamente o perfil, afundando-lhe os abordos, solapando-lhe os debruns, submergindo-lhe os barrancos, baixando-lhe as serras, metamorphoseando-lhe o traçado, desviando-lhe o *cañon*, somente agora, desses claros dias do Renascimento para cá, estão sendo sabidas por um outro raro portulano. Para lá da Encyclopédia, ainda nas dobras turvas do tempo, tudo nelle surgia escorado em hypotheses. Os mais argutos olhares não enxergaram para além do quichua, do chibcha, do kolya, aimaras no fundo.

Depois da invasão espanhola no Perú, alguns flibusteiros, Orellana e Ursúa, por exemplo, desceram o Amazonas em tragicas derrotas. Assombrados, porém, com a hostilidade aborigene, com o discreto isolamento em que a gente das tabas se mantinha, repontavam espavoridos Atlantico a fóra. Vinham tontos, diminuidos sem duvida na prosapia equipolente de Castella. Inventaram, então, para melhor explicativa das surras que apanhavam, nações de mulheres guerreiras, taes as icamiabas. Do que era o rio nas suas fórmulas geographicas, nos seus problemas telluricos, nas suas ribanceiras e praias, nas suas bordas fofas, inconsistentes através da planicie immensa que atravessava — pouco diziam.

Entretanto alguns naturalistas, antes de 1865 e 1866, isto é, na frente de Agassiz, referiam-se á tectonica da Amazonia, sciencia que estuda os movimentos do solo. Alguns com profundeza e penetração. Todavia, somente depois que o sabio suiso palmilhou a planicie, é que as vistas dos homens de sciencia se voltaram para os mil aspectos do nosso extraordinario valle. Sua falsa theoria de Periodo Glacial do Equador brasileiro valeu por uma bomba. Os interessados nas alternativas do planeta acordaram, de subito, espantados com a noticia. Quando

se provou o contrario do que dizia o atrevido pesquisador, já o amphitheatro amazonico se achava sob a vigilancia de muitos sabios. Foi elle, pois, através duma estrondosa caraminhola, quem começou a historia social e physica da vasta bacia mediterranea. Em boa fé ninguem lhe pôde arrebatár o laurel de nosso maior propagandista nos circulos scientificos.

Humboldt, com o genio penetrante da Germania, com a visão divinatoria dos predestinados, falou, sem duvida, no homem e na terra da Venezuela, no homem e na terra da Bolivia, no homem e na terra do Equador, no homem e na terra do Perú, no homem e na terra da Columbia, nações que percorrera e povos que examinára; sua voz, todavia, por mais colorida e harmoniosa que fosse, por mais incisiva e convincente que ecoasse não teve o sonoro reboó da voz de Agassiz, que, se não trilhou os paizes varados pela bota de sete leguas do teuto, trilhou a vastidão da Amazonia Brasileira, vendo não só o que todos enxergavam como tambem o que a menina de seus olhos surprehendia, realidade ou ficção.

Para melhor frisar a eloquencia dessa voz, a magia desse olhar, a força desses gestos, é preciso dizer-se que, antes d'elle, famoso grupo de homens de sciencia já visitara o amphitheatro amazonico, espiolhando os recantos, observando as estrellas, conversando o selvagem, analysando a gleba, calculando a corrente, examinando os bichos, estudando as plantas. Cada uma dessas figuras scientificas levava para os institutos universaes da sabedoria mil novidades, mil descobertas, mil phenomenos colhidos na faustosa natureza da Amazonia, sendo que alguns retumbantes, outros pittorescos, muitos curiosos. Conferencias, artigos, memorias, livros, planos geographicos projectavam no mundo as maravilhas surpreendidas em baixo do Equador brasileiro.

Alexandre Rodrigues Ferreira, para logo citar um vulto de pennacho, e, ainda mais bahiano, na sua *Viagem Philosophica* vehiculara tanta novidade amazonica que se tornava difficil sobrepujar-o; La Condamine, descendo Rio-Mar abaixo, de Cuencas, Perú, entornará no orbe um turbilhão de noticias, não somente a respeito do arco da terra por elle medido nos altiplanos de onde volvia, como a respeito das icamiabas e de Manõa, que elle enalçara collado ao nome de Manaus, capital Baré; Humboldt, com a clarividencia genial de quem havia de escrever o *Cosmos* e o *Descobrimento da América*, surpreendera, através de conchas, esqueletos de peixes e plantas marinhas, dormindo ha millenios na grimpa dos Andes, que a cordilheira, gigantesca cortina orogenica, do accidente amazonico, já submergira e emergira, em varios cyclos geologicos, tres vezes do seio do Pacifico; Martius e Spix, numa peregrinação radosa, além de diversas surpresas botanicas e zoológicas, constatavam noticias étnicas do mais alto proveito á anthropologia, fixando mesmo, nas paginas dum dictionario tupy-latim, o lexico recolhido na caminhada pela hinterlandia; Netterer, depois de sete annos em Matto Grosso, e antes de se casar em Barcellos com uma paraense, como já havia succedido em Belém com Alexandre Rodrigues Ferreira, descobre em Borba, no Madeira, o celebre rato sem rabo que levou o mundo zoológico a protestar contra a falsidade da affirmativa, pois em sciencia, conforme

se manifestou o Conclave que rebateu a noticia, só ha um rato caudado; Orbigny, num estudo physico impressionante da bacia do Madeira, avançou particularidades curiosissimas sobre a terra em que corre o maior tributario do Rio-Mar; Castelnau, que tambem examinou as particularidades geognosticas referentes ao *divortium aquarum* entre o Prata e o Amazonas, vehiculou, do mesmo passo, factos imprevistos em materia geologica, inclusive o caso paradoxal de que as terras das baixadas são mais velhas do que as montanhosas; da mesma forma Herndon, calculando a massa d'água que o Amazonas despeja no mar, externou considerações relevantes sobre hydrographia; Schomburgk igualmente, observando as tribus da alta Guiana através da mascara mimetica nas dansas selvagens; o principe Adalberto da Prussia, medindo a corrente de Xingú, os lenções aquaticos do estuario do Tocantins, expendeu os mais sensacionais argumentos que um oceanographo já expendeu sobre potamographia; fez outro tanto Costa Azevedo, levantando a carta da Amazonia Brasileira até os lindes peruanos; não foi menos imponente a noticia propalada pelo botanico Wallis, de que havia descoberto nas margens do Rio Branco, *farwest* amazonico, uma arvore gigante, cuja circumferencia de 158 metros na copa, cobrindo o espaço de quasi 2 e meio hectares, podia conter em sua sombra 25.000 homens.

Pode-se dobrar, triplicar, quadruplicar estes exemplos para traduzir a irradiação scientifica que soprava da Amazonia antes da viagem de Agassiz a estas plagas. Pois bem, nenhuma dessas vezes teve a suggestão, o magnetismo, o poder eletrizante de attrahir alguém para estas rochas. Nenhum dos outros sabios, como o suiso imponente, teve o condão miraculoso de agitar, em torno da Amazonia, um carrilhão de bronze propagandista. Antes d'elle, a nossa terra encolhia-se na sua immensidade, apagava-se na sua amplitude, absorvia-se no seu desmedido segredo. Dir-se-ia, como de facto era, uma gleba sem historia. Vasta e fecunda, nella se deitava, gigante esquecido, o Amazonas. Apesar de ser o maior rio do orbe, o mais volumoso caudal do globo, era o mais anónimo, o mais desconhecido, o menos falado.

A desmedida area de sua bacia, vasta como algumas nações juntas, atravessando de oéste a léste o massico continental da America, não valia, na projecção cartographica dos povos civilizados, esse africano e mofino curso fluvial chamado Nilo. Foi Agassiz, com a sua imaginação irrequieta, cheia de sonhos e pesadellos, de miragens e realidades que começou a metter, pelos ouvidos e pelos olhos dos sabios, phenomenos que só elle presentira. Entre esses phenomenos avulta o mirabolante e estrondoso Periodo Glacial do Equador Brasileiro. Errado, não há duvida, porém sensacional. Colhido na fantasia, é certo, mas roncante e dramatico. Verdadeira novella scientifica, quasi á moda interessante de Flammarion, trazia os pormenores curiosos que Agassiz propalára. Parecia um eleito do Senhor conduzindo a chama esclarecedora de todas as sombras, de todas as penumbras, de todos os crepusculos da nossa geologia.

Os olhos dos naturalistas abriram-se ainda mais deslumbrados ante as fulgurações crepitantes do facho luminoso erguido na mão potente daquelle devassa-

DE PORTUGAL

PROFISSÃO DE FÉ

Quero falar contigo, só contigo
 O' rio Lima! Tu vaez tão devagar
 Que podes certamente, meu amigo,
 Para alguns momentos a escutar
 Esta nova canção.
 Acerca de uma hora
 Que me vejo sózinho sobre a areia
 Sentindo preso aqui o coração
 Mas o meu Sentimento e a minha Idéa
 Deslizam pelas tuas margens fóra
 Até ao mar... e quando chegam lá
 Retiram bem depressa, arrependidos!
 De teus encantos já
 Distanciados... vêem-se perdidos!
 Sim, voltam para aquém da tua foz
 Onde perdeste o ser, onde não corre
 Tua agua doce e onde a tua voz
 Mal se fazendo ouvir, soluça e morre!
 Descança, pois, na branda somnolencia
 Doutras éras! Ou já te não consome
 Saber que tu, no mar, perdes o nome
 e acabas a existencia!?
 A corrente suspende agora e para
 Emquanto eu olho na paizagem bella
 Da terra cara
 Os teus vergeis floridos!
 Quero-te pôr na luxidia téla,
 Quero afogar em ti os meus sentidos
 É na embriaguez sublime deste dia
 De imperecível arte
 Oh, quero co'a sonora melodia
 Da hereditária lyra retratar-te!
 Descansa, pois, um pouco junto a mim,

Brando e quieto,
 Não busques o teu fim,
 O' rio predilecto!
 O mar é uma zona desmarcada,
 Uma extensão
 Desnacionalizada,
 E tu, agua azulina,
 Tu és a affirmação
 Mais transparente, pura e crystallina
 Da minha encantadora Região!
 Deixa por isso que também levante
 Só para ti uma sentida prece
 Esta alma antiga que, em teu leito errante
 Agora se remira e refloresce!
 Oh, deixa que um só quadro fantasie
 Na téla imaginaria,
 Que ao dar-te um beijo d'alma eu delicie
 Meus labios de poeta
 Na fronte millenária
 Do teu hercúleo ser, ó bravo atleta!
 Que desse beijo augusto saia então
 Um brado novo para a tua fama
 E que nelle perdure a intensa chamma
 Da antiga inspiração!
 Que numa flor se mude por magia,
 Eternizando em petalas vermelhas
 O viço da poesia!
 Brasa do fogo com que tu me animas,
 Vá faiscando espirituaes scentelhas
 E reflorindo pelo espaço em rimas!

Ponte do Lima — 1938

ANTONIO FERREIRA

dor de segredos. Para nós, que lhe acompanhamos espiritualmente a figura excepcional subindo e descendo a poderosa arteria dagua doce, de Belem ao forte de Tabatinga e vice-versa, elle, por momentos, se transfigura naquelle robusto troglodita da idade da pedra, e surge-nos, vestido de pelles sylvestres, de tocha resinosa na destra, mostrando no ambito de sua caverna, ás tribus vizinhas que o ajudavam na caça da rena e do mamut, os machados, as lanças, os terçados de pedra lascada; as variedades de rocha que elle recolhia: o silex, o feldspatho, a turmalina, a agatha e mesmo o coral, originario do mar. O mais importante, porém, dessa rude exposição seriam os ingenuos e iniciaes signarios, as luas, as estrellas, os cometas, os caracteres symbolicos enfim que se abriam nas paredes das grutas, nos marfins dos elephantes, nas serras dos espadartes.

Então, á luz desse archote fumegante, que de novo se transfere para a mão do sabio, a nossa terra incognita volveu-se em terra memoravel, o rio anonymo volveu-se em rio fabuloso, o homem obscuro volveu-se em homem discutido. E, debaixo do brandão ardente que Agassiz levantava, ouvia-se-lhe a voz sonora como o som duma trombeta desvendadora e prophetica. Os mais longinquos nucleos de sabios escutaram-lhe o alarme scientifico. E', pois, com alta

e sincera gratidão que recapitulamos, nestas linhas bambas e incolores, a estrondosa prapaganda feita por Luiz Agassiz, propaganda que tanto aproveitou a esta plaga e ao seu habitante. Rio sem historia, só agora o Amazonas começa a ter as homenagens dos sabios e dos estudiosos, que lhe remarcam nas margens meandricas o maior dynamismo da terra. O eminente geographo Elisée Reclus, num surto fascinante de prosa, chama-o de gloria do Planeta.

RAYMUNDO MORAES

(Palavras de abertura, á guisa de Prefacio, do volume intitulado *A' Margem do Livro de Agassiz*).

— Feliz lembrança a do livreiro Zelio Valverde em reeditar as *Espumas fluctuantes* e a *Cachoeira de Paulo Affonso*, em dois volumes bastante sympathicos. Ha sempre enthusiasmas para os versos lyricos e os versos épicos do grande Castro Alves.

— Quem nos fala de *Paul et Virginie* é Henri d'Alméras. Todos sabem que o livro de Bernardin de Saint-Pierre tem constituido, através dos tempos, um grande successo litterario. Adolescentes e adultos lêem-no noite a dentro e inundam-no de lagrimas. A scena do naufragio não vae sem muitos soluços por parte dos seres sensiveis. Felizmente quasi toda essa clientela ingenua ignora que o autor do romance famoso era um frascario dos peores, seduzindo as mulheres até dos amigos mais intimos...

DE LISBOA

CRITICO E POLEMISTA

Creio que não será erro intencional apenas de alguns intellectuaes e homens de letras portuguezes o quererem reduzir Agripino Grieco a um simples pamphletario, manejaedor proficiente e atrevido de sarcasmos, que põe orelhas de burro a quem está illusoriamente convencido de que as tem de gente e rabos de palha a quem, no julgamento livre e capaz dos seus concidadãos de verdadeiro merito, só a essa terminação tem realmente direito.

No nosso paiz, como no Brasil, grande é o numero dos idolos e manipansos aos quaes a pedrada certa do jornalista tem quebrado o nariz grotesco ou a frechada cruel do sagittario tem posto a mostra as entranhas de trapo e papel sujo, ou de farello e sortida estopinha.

As victimas desse inexoravel adversario do lugar commum; das celebridades officiaes; do videirismo invertebrado; do pretencioso ridiculo; da politica sem moral; da litteratura sem intelligencia, sem emoção ou sem cultura; da justiça sem independencia ou sem competencia; do magisterio, sem espirito irradiante de apostolo, sem paixão pedagogica e sem generoso saber; da riqueza esteril e esterilizadora, sem bondade que a humanize, não quererão ver mais nada em Grieco do que o espirito combativo e risinho com que elle as flagella. Fazel-o passar por um polemista ouriçado e systematicamente demolidor que tudo ataca e a todos caricatura e deprime, será ainda uma fórma de diminuir os seus talentos ao mesmo tempo que de tornar sympathicos os pobres ou sollennes sujeitos com que elle embirrou.

Mas Agripino Grieco não é só o que as suas victimas querem ou o que desejariam os seus possiveis alvos. Ninguem, como elle, tem o prazer de admirar e de bem dizer dos que realmente merecem. Onde houver intelligencia que realmente ãulja, bondade que inilludivelmente irradie, emoção, ternura, grandeza de alma, arte verdadeira, poesia profunda, Agripino não apparecerá rebelde, desrespeitoso, epigrammatico. Vel-o-eis tirar o seu chapéu, fazer a sua venia de apreço, proferir o seu louvor intelligente e independente, de critico, de homem

de letras, de guia intellectual com aquellas «virtudes de exame e de capacidade de julgamento, alicerçadas numa intelligencia luminosa e numa cultura admiravel, e servidas pela leitura, pela memoria e pelo fichario», que nelle encontrou, sem esforço, esse exigente Rubens do Amaral.

Já a sua sympathia pela gente nova, pelas tentativas, pelas experiencias e pelas ousadias da gente nova, é prova de que dentro d'elle não ha aziume senão para o que realmente o merece e justifica, falta de piedade senão para os que nunca a mereceram.

Com os mandarinatos litterarios e sociaes, feitos a custa não só da subservencia dos falsos «clercs», mas a custa das complacencias mais vis e dos conluios mais impudentes de outros mandarinatos obtidos por subservencia igual, é que Agripino Grieco é absolutamente intransigente.

Ao lado de muitas paginas de pamphleto, violentas e ardidadas no ataque, mas em que tantas vezes vòam fogos raros de imageiro e de artista, de mistura com silvos agudos e humilhantes de travessura agarotada, Agripino tem muito maior numero dellas ainda de sereno, tranquilo e elevado exame da litteratura brasileira e das litteraturas estranhas em que exercitou os seus meritos superiores de critico e de ensaista, com poderes de analyse e de synthese, analogos e bem altos, por signal.

E não só grandes figuras nacionaes o seduziram, e puzeram a prova o seu sentido de escriptor e de moralista.

Algumas grandes personalidades dos quadros sociaes do mundo lhe tentaram a penna agil e ninguem a sentiu embaraçada no tracejar dos perfis magistraes.

Pode, aqui e acolá, o pendor para a satyra, de Grieco, sacrificar a uma *boutade* feliz uma obra ou uma attitude que mais reflectidamente o critico respeitaria?

Mas quem por isso lhe recusará a categoria de critico e dos mais cultos, conscienciosos e independentes das letras brasileiras ao mesmo tempo que um inexoravel repressor de todos os abusos, artificios, fraudes e contrafacções intellectuaes e

litterarias, sociaes e moraes tambem, com que se pretenda corromper o bom gosto, envenenar a intelligencia e enganar a curiosidade dos brasileiros?!

Aqui tenho, em *Carcassas Gloriosas*, uma fileira de grandes bonecos illustres de cabeça de barro com fardas academicas, com becas, com galões diplomaticos, com insignias doutoraes, coroados de louros, com purpuras liturgicas ou casacas de grande dia parlamentar, com gaforina desvairada de pasquinhos e com ademanos lyricos de tenores. Agripino Grieco os fez, os vestiu, lhes compoz as attitudes superiores, como convêm aos postos que occupam, solennes, hirtos, conselheirescos, cathedaticos, quando não os aggressivos e desgrenhados ares que certas funcções de opposição requerem.

E foi vel-o, depois de acabado o seu trabalho de esculptor caricaturista, dado o prazer de escacar todas aquellas cabeças vazias, — provadamente vazias — e de desfazer todos aquelles corpos bambos, todas aquellas fardas e demais variadas e symbolicas vestes da selecta galeria, atirando-lhes desapiadadamente e até excessivamente, ás vezes, com pilherias contundentes, frechas de ironias, sarcasmos dilacerantes e satyras explosivas e destruidoras. — A incruenta, a surpreendente batalha contra os pequenos espantalhos de suppostos grandes homens!

Mas no canto dessa barraca de *pim-pam-pum* intellectual — sempre o prazer e a gloria do contraste, — Agrippino Grieco soube guardar um pequeno grupo tumular que elle esculpiu, com a ternura e mágoa criadora de um artista que, angustiosamente, viu, no leito de doente de João Ribeiro, irremediavelmente enferma, a propria intelligencia do paiz.

São meia duzia de paginas enternecidas essas em que as mãos da admiração miraculosamente tallham as folhas de louro para a corôa da estatua jacente do estheta e do ensaista, e discreta mas orgulhosamente sobre ella espalham as flores frescas que as verdadeiras amizades sempre renovam nas campas dos pobres, dos santos e dos artistas.

Decadencia de Paul Valéry

A maior possibilidade de Valéry estava na posse do seu velho mundo, da medulla de sua propria logica e de onde elle hauriu a sadia vitalidade do espirito. Realmente não ha *aquelle que não trabalha pela cultura*, *aquelle que está a parte*, ou que se refugia em si mesmo. Ha em todos os trabalhadores do espirito algo que é vital mas ha tambem, muito ou pouco, *aquillo que é morto*, que já pereceu. Valéry reprocha aos romanticos a falta de profundeza. Alias não foi propriamente a falta de profundeza o que aniquillou os romanticos, e, talvez, nem mesmo *aquelle vehemencia esthetica, aquella estar ao lado da cultura*. Faltou aos romanticos a sã hostilidade, e, o que é importante, *aquelle respeito voltaireano pela intelligencia como arma a serviço da cultura, a possibilidade re-creativa*.

O mundo de Valéry, é certo, torna-se obra surprehendente de architectonica, de equilibrio logico de

Mesmo ahi, porem, Grieco não se conforma. A perda que sentiu não cala o sarcasmo que nelle grita e assim se exprime:

«Mas fui-lhe ao enterro. E lá vi affluirem, á morada de João Ribeiro, alguns confrades seus da Academia de Lettras. Sinistro cortejo. Os mortos eram elles».

Não deve haver conveniencias que consigam soffrear a voz clara, a voz eloquente, a voz libertadora da verdade.

Agrippino, — honra lhe seja, — não sabe de taes conveniencias. Esse é o grande defeito para os que lhe soffrem o desprezo por ellas. Mas é por isso mesmo a sua grande virtude para os que chamam ou gostam de ouvir chamar as pessoas e as coisas, pelos seus nomes proprios.

Cá de longe lho diz quem só pelos livros e artigos o conhece e é mais seu leitor agradecido e contente, mesmo quando o sente exaggerar, do que sócio na litteratura ou na critica, pretendendo saccar para futuros negocios, com partilha de lucros.

NUNO SIMÕES

(Transcrito de «O Diabo» - Lisboa)

«fashionable world» esthetico, torna-se desmedida analyse cartesiana, digo mais — vehemente posse de uma lucidez excessiva, mas lhe escapa, não está na intimidade de sua essencia, a comprehensão de cultura como humanidade. Naturalmente que Valéry seria anti-romantico, ou mesmo, no methodo, raciniano. Mas a que attingia esse anti-romantismo, esse intellectualismo esthetico de Paul Valéry, tão distante daquelle intellectualismo voltaireano — voltado para a essencia da cultura como re-creação?

A superfetação de Valéry — diria como Benda — *aquelle «impuissance» para avançar além de suas estruturas interiores, aquella impossibilidade de ultrapassar o mundo dado, de re-fazer-se, de attingir a ansia da revisão de valores, aquella desespero pelo «être soi», o respeito pelo spectaculo, aquella sua tendencia pela inercia, pela «surmenage» do presente — e, o que é mais triste, aquella sua incontida ancia para aferir valores sem o contacto do sensível — tudo se oppõe ao Valéry que desejamos, adstricto ás fronteiras de uma hostilidade creativa.*

Não ha porventura força mais tendente á inercia e respeitadora da dissolução do que aquella força de um espirito que se acomoda á doçura do momento. Todos nós sabemos da lucta — dessa lucta quotidiana de um Valéry que gradativamente ascende á paisagem da lucidez. Mas a *decadencia* de Valéry não vem dahi, como dahi tambem não veio a de Unamuno, mas, como já assignálamos, ella decorre de sua propria impotencia logica. Creio que cada espirito como cada momento historico de sua propria imentidade historica necessita de sua illogicidade, e o «espirito» é mesmo, fundamentalmente, não aquillo que receia, não propriamente um «puissance de transformation» mas algo assumindo a feição de illogicismos, *algo que não respeita*. Somente em contacto com essa significação de «espirito» poderemos oppor os re-creadores da Encyclopedia aos romanticos e aos *modernos* — aos Musset, aos Heredia.

Foi na posse de sua logica que Valéry accentuou o seu aneio de esthetismo. Porque o esthetismo de

Valéry é opposição tremenda áquella integração pascaliana, por exemplo. E a sua posse de esthetismo foi, porventura, o caminho de sua propria decadencia. E' admissivel que um Pascal não tenha assumido a hostilidade somente para o seu proprio prazer, mas não é admissivel que um Valéry esqueça a sua hostilidade em função do prazer.

Neste ponto aliás os romanticos agiram de accordo com o que o proprio pensamento do auctor de *Eupalinos* tanto nega: refiro-me ao «plaisir», á fuga eleatica á realidade, ao «asco plotiniano á materia», a ausencia de contacto voltaireano com o instante da cultura. Essas opposições que actuaram nos cerebros dos Bacon, dos Emerson, dos Jaurés não perturbaram a serenidade muito delicada e quieta do creador de *Amphyon*. Ascensão de Julien Benda, decadencia de Paul Valéry.

AFFONSO BANHOS

LIVRARIA DO GLOBO

Chegam-nos tres volumes magnificos da Livraria do Globo, de Porto Alegre. Um é o romance *Olha os lirios do campo*, de Erico Verissimo, que está correspondendo com tanto brilho, em terras gaúchas, ao admiravel surto do ficcionismo nordestino. Outro são os *Poemas da vida e da morte*, de Paulo Corrêa Lopes, justamente louvado num bello estudo de Carlos Dante de Moraes. E o terceiro é uma esplendida collectanea de contos de Telmo Vergara, *Nove historias tranquilas*, todas de uma adoravel força de ideação e execução.

COLLECCÃO ARIEL
DE OBRAS PRIMAS

1.º VOLUME

DO AMOR

de STENDHAL

Tradução de
MARQUES REBELLO
e CORRÊA DE SÁ

Preço: 15\$000

De Parque Antigo a Vovô Morungaba

Um volume de versos, *Parque Antigo*, acontecimento da mocidade sem posterior repetição e, uma collectanea de contos, *O sementeiro de peccados* onde entre alguns trabalhos realistas, objectivos, transparece ainda um bom lastro do lyrismo, não de todo largado nas poesias, marcam os primeiros momentos litterarios do sr. Galeão Coutinho.

Depois, um longo periodo de uma vida jornalística activa e absorvente como poucas, em que o melhor das suas energias e talento, foram empregados no anonymato inglorio da profissão. Periodo longo e activo, quebrado de vez em quando, com uma ou outra conferencia (Judeus prodigos, O sentido revolucionario na obra de Machado de Assis, etc.) um ou outro artigo assignado (O elogio de pão duro, O tormento da criação, etc.), e, uma novella, *Cambio a 3*, que, se não nos revelava um romancista, dizia bem do prosador que sabia tecer uma acção, acompanhar a evolução de um personagem, etc. Foi, não se pôde negar, antes uma alta reportagem que propriamente um romance. Assoberbado sempre por inumeros afazeres, não teve tempo ou paciencia para deixar que a idéa ammadurecesse.

Jornalista, editor, traductor e, não sei que mais, é de espantar que a Galeão Coutinho ainda restem alguns momentos para escrever obras de folego. E' verdade que depois de *Cambio a 3*, custou um pouco para nos offerecer outro volume. E esse volume mesmo, foi obra mais de circumstancias especiaes. Aconteceu que, obrigado a encher diariamente um canto de columna no seu jornal, viu-se, certo dia, sem saber o que dizer, pois a censura, rigorosissima, impedia qualquer commentario sobre os acontecimentos politicos de então. O espaço, comtudo, lá estava á sua

espera. Que fazer? Pegou dois typos dessa vidinha miúda, dessa vidinha média sem aparentes altos e baixos e, começou a contar, num estylo meio brejeiro, impregnado de uma ironia sorridente, as aventuras e desventuras conjugaes de um marido um tanto bilontra, que disfarçava esse bilontrismo numa apparente resignação aos contratempos e choques diarios, mas que, na verdade, levava enorme «vantagem» com a sua philosophia de malandro escovado. Os artigos começaram a interessar. A assignatura Simão, o caólho, e a fórmula de memorias em que vinham vasadas aquellas chronicas, attrahiram um publico numeroso, a esperar, diariamente, como talvez esperassem os leitores de Dickens, as aventuras de Pickwick ou de David Copperfield, o desenrolar das peripecias que Simão ia narrando. Pouco tempo depois Dona Marcolina e Simão, o caólho, tinham creado corpo, virado gente e, o livro se impunha, era mesmo impossivel não publical-o.

O sucesso de *Memorias de Simão, o caólho*, animou o autor. Successo merecido, diga-se, embora o livro soffra os defeitos naturaes de uma obra não iniciada com o intuito preconcebido de fazer um romance. Pode-se apontar defeitos technicos na construcção, no desenvolvimento, etc. E', porém, impossivel negar um forte poder de observação e captação ao romancista. E, principalmente, que Dona Marcolina e Simão foram duas creações incorporadas á nossa litteratura que, já disse uma vez, é de uma pobreza franciscana em typos representativos. Se um dia Galeão Coutinho pegasse esse livro e o reescrevesse novamente, dando-lhe uma consistencia mais solida, não só teria escripto a sua maior e definitiva obra, como um dos maiores livros da nossa litteratura, antiga ou moderna. Sei que estou querendo um impossivel. Livro escripto é livro morto.

Toquei no assumpto porque em *Vovô Morungaba*, seu ultimo trabalho, a maioria dos defeitos technicos de Simão, o caólho, desapareceram quasi totalmente e, o estylo já está bem mais apurado, assim como a presença do romancista se revela numa força apenas transparecida no livro anterior. Não affirmo com isso que *Vovô Morungaba* seja um modelo em technica, ou em realização. Não é. Ainda deixa um pouco a desejar. O defeito principal, a meu ver, é o jornalista entrando muitas vezes na pelle do romancista. Exemplifico: por tres ou quatro vezes, podemos encontrar, entre suas paginas, coisas assim: «o leitor deve-se recordar do episodio, etc.». Ou então: «como o leitor deverá estar lembrado, etc.». Isso e mais a tendencia de explicar muito os actos da sua gente, defeito proveniente sem duvida, da profissão, constituem senões facilmente corrigiveis. Como corrigivel é empregar gyria quando quem fala é o romancista. Sei que essas pequenas miudezas não invalidam, em absoluto, *Vovô Morungaba*, que resiste a essas e outras possiveis falhas, porque é um livro humano, real, doloroso talvez, mas profundamente verdadeiro.

Contando a historia de Elpidio Barra Mansa e Mata-Sete, dois typos encalacrados de dividas, a viver de expedientes de toda sorte, annota o sr. Galeão

O mais moderno Livro de Cozinha

MARIA DE LOURDES

ARTE DE COZINHAR

(Petiscos e Petisqueiras)

1350 Receitas Diversas

A' venda em todas as livrarias do Brasil

Volume Cartonado: 14\$000

PEDIDOS A

Civilização Brasileira S/A

Rua 7 de Setembro, 162

RIO DE JANEIRO

Coutinho, muitas vezes com rara felicidade, todos os recursos de que se póde utilizar numa metropole como São Paulo, para arrancar o dinheiro do proximo, sem cair nas mãos da policia, como contraventor de qualquer artigo do codigo. Tanto Barra-Mansa como Mata-Sete mal ganham para o sustento proprio, quanto mais para a familia. Divida puxa divida, letra aceita ou endossada é letra reformada sempre com acrescimo. Chega o momento em que não ha mais geito com os credores e o remedio é descobrir novos methods, novas formulas de fazer dinheiro. Barra Mansa, um timido, callejado pela miseria, usa a impassibilidade como arma, soffrendo calado, com um sorriso resignado nos labios, os maiores insultos, as mais humilhantes piadas sobre o seu infortunio, com tanto que no fim renda alguma coisa. Mata-Sete é o seu opposto. Atrevido, não engulindo desaforo de ninguem, devendo sim, mas nem porisso levando desfeita para casa, que elle «é brasileiro, está na sua terra», etc. Temperamentos oppostos, combinam-se admiravelmente, como em geral costuma acontecer. Um planeja e o outro realiza. A principio, umas rifas. O velho gramophone rifado como modernissima victrola, depois uma cabra que não existia ou existiu ha muito tempo e, finalmente, um cachorrinho lulú, «encontrado» pelo Mata-Sete. Explorado esse terreno, a intervenção da policia atrapalhando novas tentativas, tóca a procurar novos meios de equilibrar o orçamento. Chefe de «claque», alabama, porteiro de cabaret, todos esses pequenos «bicos» que mal davam para as despesas do omnibus ou do café, não impediam que as dividas fossem sempre crescendo. Barra Mansa, na realidade, não sabia mais quanto e a quem devia. Corretagens, vendas de terras em Goyaz, licença na repartição, para evitar por algum tempo o desconto em folha, «casaca-de-ferro» num circo e, até «cadaver», para que o amigo inseparavel, corresse a lista para o enterro e auxilio á viuva e orphãos inconsolaveis. Dos mais interessantes é o periodo em que Barra Mansa vae ser «medium» num centro espirita, fundado pelo Mata Sete. Ahi apparece Vovô Morungaba e uma duvida começa a atormental-o: não será o avô, o principal causador das suas infelicidades? Boas paginas evocativas nos dá então o autor. O centro espirita, como era natural, não dura muito e as aperturas financeiras sempre para peor, até que a filha adocece seriamente. Com a receita do medico, em mãos, onde assanjar dinheiro com que mandar avial-a? Neste capitulo, *O Conto da Receita*, está sem duvida o «climax» do livro, onde a densidade esperada é plenamente attingida e a leitor se integra, commovido, nas desventuras de um pobre pae a fazer desesperados esforços para conseguir o dinheiro de que necessita. São paginas de qualquer grande romancista. As discussões no omnibus, particularmente, constituem flagrantes dos mais felizes.

Aliás, o livro todo está pontilhado de observações agudas, achados de rara argucia, de alguém que sabe como poucos fixar um detalhe, accentuar um traço caracteristico, imperceptivel aos olhares profanos. As figuras que Galeão Coutinho movimenta nas suas paginas, acabam com a vida propria, e ao fim da leitura de *Vovô Morungaba* conhecemos mais duas ou tres pessoas, tornamo-nos amigos ou comparsas ou simples assistentes de alguns sêres em carne

e osso e, não simples fantoches que a sua imaginação porventura tenha architectado. Ninguem melhor do que Genolino Amado accentuou esse poder de Galeão Coutinho em tirar de sêres na apparencia sem segredos os mais surprehendedes motivos de vida, fixando com rara maestria, tudo aquillo que constitue a vida de um «pobre diabo», de uma pessoa, «igual a todas as outras». Parte dahi, com certeza, o successo de *Simão, o Caólho* e agora deste *Vovô Morungaba*. Não successo de critica, uma vez que o autor não pertence aos grupelhos ou panellinhas de elogios mutuos, mas sim dos leitores desprevenidos, sem «partipris», dos que andam por ahi, curiosos e sinceros, levando muito «bluffs», é verdade, mas tendo, em compensação, algumas suprezas agradaveis como ao encontrar no meio de tanto «sloper», um livro sincero e humano como *Vovô Morungaba*.

EDGARD CAVALHEIRO

LIVROS PORTUGUEZES

Não esmorece o entusiasmo dos lusos pela disseminação de bons livros. Emquanto Manoel Murias e Alvaro Pinto lançam, numa tentativa que se faz logo victoria, a revista *Occidente*, das melhores da lingua, Jorge Daupias offerece-nos as *Recreações philologicas*, onde nos instrue sem entediarnos. Adolpho Coelho traduz agilmente um volume de Jean Galtier-Boissière sobre *Os mysterios da policia secreta*, que é historia e se lê como um romance de aventuras. Nos *Poemas de Deus e do Diabo*, José Régio prosegue em sua pesquisa do Eterno, juntando novos pensamentos soberbos á obra de Fernando Pessoa, tão reveladora em Portugal. *Leonardo Coimbra*, philosopho e estheta da estirpe de Anthero, é vigorosamente effigiado por Sant'Anna Dionisio, num ensaio que vale os mais fortes retratos de Columbano. As *Tendencias do lyrismo contemporaneo*, de Eugenio de Castro a José Régio, são finissimamente elucidadas por Hernani Cidade, autor de uma adoravel monographia em torno aos sonetos e ás redondilhas de Camões. Romancista e critico de arte igualmente robustos, José Gaspar Simões prova, em seus *Novos temas*, que a immensa cultura não lhe asphyxiou, antes lhe aviventou a subtil sensibilidade de interprete dos poetas e prosadores. *O outro livro de Job* encarna bem as aspirações metaphysicas, o delicado jogo de sonhos e rythmos de Miguel Torga, tambem ficcionista deslumbrado pelas inspirações do universo physico, ao que se vê das paginas do romance *A criação do mundo*, onde existem curiosos detalhes sobre o Brasil. Pedro Homem de Mello, tão seductor já agora nos *Jardins suspensos*, não tardará a reaparecer-nos em trabalhos que mais vigorosamente lhe definam a personalidade. Não faltam suggestivas novidades ao *Perfil de Salazar*, traçado com mão firme por Luiz Teixeira. E quanto ao *Panorama*, de Manoel Anselmo, é uma sequencia de chronicas e impressões deliciosas, de quem percorreu as obras essenciaes das melhores litteraturas e se mostra digno de escrever no idioma em que escreveram Garrett, Eça de Queiroz e Santo-Thyrso.

Em edição ARIEL:

PAULO GUANABARA

A ORIGEM DO MUNDO

Um livro que põe a historia e a vida do mundo ao alcance da creança

A AMAZONIA

Graças ás pesquisas realizadas pelo Sr. Eloy Pontes, publicamos abaixo o interessante artigo aparecido na «Federação», de Manãos, de 1º de Maio de 1901, de autoria de Luiz Cruls e transcripto no «Estado de São Paulo» de 22 do mesmo mez e anno, por occasião da discussão sobre o clima do Amazonas, por iniciativa do Dr. Luiz Pereira Barreto. Esse artigo foi escripto por Luiz Cruls quando se achava este a caminho do Rio Javary, chefiando a Comissão de Limites Brasil-Bolivia.

O brasileiro, nascido em algum dos Estados do Sul, e que, pela primeira vez, embarca com destino á região amazonense, fál-o sempre com uma certa prevenção e um espirito imbuido de idéas, senão de todo falsas, ao menos muito erroneas a seu respeito, e que, infelizmente, estão implantadas na opinião publica, como se se tratasse de coisa passada em julgado. E' preciso reagir contra semelhantes idéas, que, unicamente, podem trazer como consequencia o descredito desta região, cujo desenvolvimento, no emtanto, é uma simples questão de tempo.

E' necessário dizel-o e affirmal-o, de modo categorico: o clima da Amazonia tem sido muitissimo calumniado. Não quer isto dizer que ella goze de condições climatericas e de salubridade isenta de defeitos. Mas onde, sobre toda a superficie do globo, se encontra, porventura, algum clima, que não tenha defeitos?. Em parte nenhuma.

Será nos Estados Unidos, devastados periodicamente pelos terriveis ciclones, e onde tivemos occasião de, em setembro de 1884, constatar um abaixamento brusco de temperatura de 36.º a 16.º centigrados, após um periodo de fortissimo calor, que obrigara a municipalidade a fechar as escolas publicas, e durante o qual os casos de insolação fulminante, mesmo entre os animaes, eram, na media, de sessenta por dia, e isto só em Nova York?

Será, por ventura, na Republica Argentina, onde, ao passarmos pela cidade da Bahia Blanca, em Janeiro de 1883, soubemos que no dia 4 desse mez o thermometro, á sombra, subira alli a 44º centigrados, chegando os passaros a cairem fulminados pela insolação?

Será talvez na França, em cuja capital, annualmente, a temperatura alcança regularmente 37º a 39º, e onde, no anno proximo passado, ella chegou a um gráu até então desconhecido alli, e cujas desastrosas consequencias foram registradas por todos os periodicos.

Não será, certamente, na Hespanha, onde as maximas attingem normalmente, mesmo em logares elevados, 41º e 42º, á sombra; e ainda menor, em Werkojansk, na Russia Siberiana, onde, no verão, o thermometro accusa — 36º, á sombra, e no inverno, desce a — 56º abaixo de zéro.

Illudir-se-ia o leitor, pensando que escolhemos, a dedo, esses exemplos. A verdade é que citamos aquelles que nos occorreram ao espirito, e que con-

servamos na memoria, por mais nos terem impressionado.

Escolhemol-os, porem, todos, em logares situados na zona, impropriamente chamada de «temperada». Dizemos, impropriamente, porque a nosso vêr, é difficil accetarmos a divisão da superficie da terra, sob o ponto de vista climatologico, em zona glacial, zona temperada e zona torrida, quando, esta classificação, pelos menos, no que diz respeito ás duas ultimas, não está justificada pelos factos.

Em geral, o espirito humano tem sempre uma tendencia para exaggerar os males da sua sorte, e raras vezes dá o justo apreço áquillo que o merece. Alguma coisa de semelhante se dá em relação á Amazonia, cujos inesgottaveis recursos naturaes, ainda mal conhecidos, offerecem ao habitante uma justa remuneração dos seus esforços e do seu labór. E' innegavel, que, não somente agora, como aliás por um longo futuro, o trabalho, aqui, será mais productivo do que na maior parte da zona temperada. Indo mais longe e comparando as condições de trabalho, em uma e outra zona, quanta differença não se verifica, e toda em favor desta região!

E, senão vejamos:

O lavrador, o operario, vindo do estrangeiro, e que, ao chegar aqui, se queixa do clima, esquece-se de que, na terra onde nasceu, a natureza, pelo espaço de alguns mezes e devido ao excessivo rigor do frio, fica com as suas fontes de vida estancadas. Quaesquer trabalhos quér no campo, quér nas cidades, estão suspensos e paralyzados, trazendo como consequencia a fome e a miseria, com o seu cortejo de horrores e de crimes, a qual, durante esse periodo, impera nos grandes centros populosos, e que, no entretanto, é desconhecida aqui.

Nesta região, pelo contrario, só ha duas estações, e são denominadas: de inverno, aquella que coincide com a epoca das chuvas; de verão, aquella que coincide com a secca; quando mais exactamente, têm ellas os caracteres da primavera e do estio. E, durante todo o anno, as condições do trabalho não se modificam, e nunca devido ás intemperies, que aqui são desconhecidas, deixa de haver trabalho, para quem queira trabalhar.

Fala-se, é verdade, na existencia de certas molestias de caracter endemico, e não a negaremos. E' preciso, porem, restituir aos factos as suas justas proporções, e não parecer acreditar que é esta região a unica, onde taes caracteres nosologicos dominam. Facilimo nos seria citar numerosissimas regiões da terra, cujas condições de salubridade são eguaes ou peiores do que na região amazonense.

Durante longos annos e ainda hoje, o impaldismo tem reinado sob a forma endemica, na maior parte da Hollanda, cujo territorio, em parte, pôde dizer-se, foi conquistado ao mar.

O mesmo se dá na região denominada os «Polders», na Belgica. A malaria é demasiado conhecida na região pantanosa da Italia, onde em 1900, se fizeram experiencias tão concludentes sobre a sua transmissão por meio de mosquitos. Em Washington e arredores,

reinam durante todo o anno, febres malarias que não poupam ninguém. Não nos alongaremos nesta enumeração, que, para ser completa, necessitaria de um grosso volume; queremos somente deixar estabelecido aqui que os climas completamente salubres, se os ha, não são muitos.

O clima de uma região não constitue, aliás, um elemento de caracter immutavel; pôde, com o tempo, modifica-se, ou para melhor, ou para peor, o que depende, essencialmente, da natureza da intervenção humana. Não é, certamente, derrubando as mattas ou movimentando o sub-solo, que se conseguirá melhora-lo. E para augmentar a salubridade de uma região, as proprias condições locais consideradas sob o ponto de vista da constituição dos terrenos e da distribuição natural das aguas attendendo aos pretextos da hygiene publica, mostrarão o que convem fazer, ou deixar de fazer.

Não é justo attribuir exclusivamente á natureza um estado de coisas, em que cabe ao homem uma grande parte de responsabilidade. Nunca se deve perder de vista que, ao passar de uma região para outra, de caracteres climatericos differentes, é indispensavel uma adaptação previa do organismo ao novo meio em que deverá viver. As mais das vezes, é por descuidar-se nisso, que a mudança se torna prejudicial e mesmo fatal ao homem, que lança depois á conta do clima o que, em grande parte, é devido á sua propria imprudencia, ou ao seu descuido.

Não possuímos, na verdade, por experiencia pessoal, um cabedal sufficiente de factos, para exprimirmos uma opinião ponderada sobre o clima da região amazonense, pois, apenas, contamos nella quatro mezes de permanencia; mas foi o sufficiente para termos a prova de quanto exaggeradas são as ideas, que a respeito da Amazonia forma, em geral, não direi o estrangeiro, mas, infelizmente, o proprio brasileiro, que só conhece os Estados do Sul deste vasto territorio. Vae o exaggero até denominar-se este clima de «senegalesco». E, no emtanto, durante o periodo, que vae de 21 de Janeiro até hoje, temos visto a temperatura oscillar entre 21° a 31° centigrados, e isto, com uma regularidade tão grande que, só por si, ella deve constituir uma condição favoravel á saude.

Esta regularidade, na variação diurna da temperatura, é tal, que quasi se lhe poderia applicar o que da pressão atmospherica, na região tropical, já dissera o celebre Humboldt, isto é, que ella poderia servir de relógio. As temperaturas que temos observado, sobretudo, pela manhã, á tarde, e á noite, têm sido as mais agradaveis que se podem imaginar, e, como já o disse Agassiz, ellas são, principalmente, nas primeiras horas do dia, deliciosas.

Vem aqui, a proposito, mencionar uma circumstancia que explica como o calor se torna, não só excessivo, como mais deprimente para o organismo, em logares que, no emtanto, se acham mais afastados do Equador do que outros.

Referimo-nos ao periodo durante o qual o sol permanece nas immedições do zenith. Tomemos, como exemplo, o Rio de Janeiro e Manaus, cujas latitudes são proximamente de 23° e 3° Sul. Alli, a distancia zenithal meridiana do sol é inferior a um gráo, durante um periodo de *cincoenta dias*, de 2 de dezembro a 21 de Janeiro, ao passo que aqui, isto só se dá

de 10 a 15 de março, e de 21 de setembro a 3 de outubro, isto é, durante *dex dias*, ao todo, divididos, porém, em dois periodos de *cinco dias* apenas (dez vezes menor do que no Rio de Janeiro), e afastados, um outro, e cerca de seis mezes. Esta circumstancia pouco lembrada, é entretanto de uma importancia extrema para explicar certas particularidades climatericas, que, á primeira vista, poderiam passar por anomalias paradoxaes.

Forçosamente, as condições climatericas locais devem modificar-se sensivelmente, em toda a extensão da vastissima bacia do Amazonas, e dos seus afluentes.

Considerando somente o tronco principal deste gigantesco systema hydrographico, o maravilhoso Amazonas, tivemos occasião, entre o Pará e Manaus, de verificar uma sensivel modificação, tanto na temperatura do ar, como no seu gráo hygrometrico, toda a favor desta região. Quanto á fertilidade dos terrenos, ella é innegavel, e a industria pastoril, convenientemente protegida pelos poderes publicos do Estado, encontrará poderosos elementos para se desenvolver.

Não seremos, pois, temerarios em predizermos para esta região amazonense um futuro de prosperidade, para o qual não lhe falta nenhum dos elementos de que a natureza se mostrou aqui, em extremo, prodiga. O Brasil, pela sua enorme extensão em latitude e diversidade de seus recursos naturaes, está, incontestavelmente, destinado a occupar, no futuro, um dos primeiros lugares entre as nações ricas e prosperas. Basta, para isso, que o homem ajude á natureza, e tire judiciosamente proveitos dos innumerables recursos, que ella põe á sua disposição.

Bom será que se torne mais conhecida esta região, imperfeitamente apreciada, não só no estrangeiro, como mesmo nos Estados irmãos, que lhe ficam ao sul. E se para concluirmos, nos fosse permitido emittir um voto, seria o de vêr os illustres diplomatas acreditados junto ao governo da União, dirigir não só a sua atenção, para os Estados mais proximos da capital da Republica, mas tambem comprehender em seus estudos e incluir em seus itinerarios de viagem, esta Amazonia, de que julgam apenas pelas opiniões de outrem. Podemos, desde já, assegurar-lhes que encontrarão aqui, não somente um vasto campo de estudo, pouco explorado, e por isso mesmo de grande interesse internacional, como ficarão largamente recompensados os seus esforços, estreitando por esta forma os laços que devem unir os interesses das nações que representam, com os dos Estados do Brasil, tanto do Sul, como do Norte.

Manaus, 29 de Abril de 1901.

LUIZ CRULS

— Na *Policia politica*, do sr. Napoleão Lopes, encontram-se corajosos estudos sobre a democracia e a siderurgia nacional. O autor é dos que nobilitam a arte do pamphleto.

— O sr. Aires da Matta Machado Filho, de Bello Horizonte, é o mais amavel dos grammaticos. Não possui a mascara tragica dos profissionaes da collocação dos pronomes e do Brasil com «s» ou «z». Ensina sorrindo e é por isso que se lêmos sempre com prazer. Tal nesta segunda série do *Escrever certo*, em boa hora lançada aqui no Rio pela Editora A B C.

« CANUDOS » versus « OS SERTÕES »

Discute-se, hoje, Euclides da Cunha: é todo o motivo da vida intellectual do Rio de Janeiro.

Os commentarios, os mais divergentes, se bifurcam nas esquinas dos criticos anonymos.

Todo este relembrar, toda esta vida palpitante de recordações, por terem sido annunciados os novos volumes do autor do *Contrastes e Confrontos*.

E' uma victoria da intelligencia — e felizmente sou o unico collaborador intellectual, neste empreendimento que a livraria José Olympio comprehendeu e a que dará realização.

A primeira bibliographia de Euclides da Cunha deve ser a que é encontrada ás pp. 44 a 46 da *Revista do Gremio Euclides da Cunha* (1918), depois a de Arthur Motta: *Vultos e Livros* — 1.^a serie, e em seguida a de Francisco Venancio Filho — *Euclides da Cunha* (Ensaio bio-bibliographico). E' de facto a mais completa dellas e em breve, em volume, que está no prelo, analysal-a-ei mais detalhadamente.

A primeira apontada, isto é, a da *Revista do Gremio* induziu o professor Venancio em certos enganos, eis-os: o titulo do artigo *Questões sociaes*: 89, como publicado a 4 de Janeiro de 1889, o seu titulo é «89» (abreviatura do anno que se ia iniciando) e não foi naquella data a publicação e sim a 3 de Janeiro; a 6.^a chronica, *Actos e palavras* foi publicada a 18 e não a 19 de Janeiro de 1889; os artigos da serie *Homens de Hoje* foram publicados em Junho, e não a 22 e a 28 de Maio.

Enganos outros que o professor deixou escapular no seu livrinho, eu os annotarei.

Tambem Euclides merecerá de Eloy Pontes um estudo detalhado; e mesmo ahi, encontrar-se-á o meu apoio, pelo fornecimento de notas e observações.

Eloy, depois, da aproximação que fiz, delle, com a senhora D. Anna de Assis, teve que rectificar alguns capitulos de seu livro.

Não acceita, Eloy, alguns dados enunciados por D. Anna; tem o seu ponto de vista, mas não importa: esse testemunho serviu em

alguma cousa ao biographo de *Raul Pompeia*.

Esta celeuma, de certo, tomará vulto, ao apparecer o volume de *Canudos* (Diario de uma expedição). O seu confronto, com *Os Sertões* impor-se-á, inevitavel, e uma comprehensão mais nitida daquelle «poema barbaro» da mocidade de Euclides aflorará então.

A pp. 394 e 395 de *Os Sertões*, lemos:

«Ao fim de tres horas de combate, tinham-se mobilizado dois mil homens sem effeito algum. As nossas baixas avultaram. Além do grande numero de praças e officiaes de menor patente, baquearam mortos, logo pela manhã, o commandante do 29.^o major Queiroz, e o da 5.^a brigada, tenente coronel Tupy Ferreira Caldas.

A deste originara raro lance de bravura. Os soldados do 30.^o idolatravam-no. Era uma rara vocação militar. Irriquieto, nervoso e impulsivo, o seu temperamento casava-se bem á vertigem das cargas e á riqueza das casernas. Nesta campanha mesmo jogara varias vezes a vida. Fôra o commandante da vanguarda a 18 de Julho; e depois daquelle dia sahira indemne dos mais mortiferos tiroteios. As balas tinham-o até então poupado, arranhando-o, rondando-lhe o chapéo, amolgando-lhe a chapa do talim. A ultima fulminou-o. Entrou por um dos braços, soerguidos para sustentar o binoculo com que contemplava o assalto, e traspassou-lhe o peito. Atirou-o em terra instantaneamente, morto. O 30.^o procurou vingal-o. Correu-lhe pelas fileiras um fremito de pavor e de colera, e depois transmoutou de um pulo a tranqueira em que se abrigava. Embateu contra os casebres entrincheirados, de onde partira o projectil e arrojou-se a marche-marche, envergando por uma viella em torcicollos. Não se ouviu um tiro. Soldados alvejados á queima-roupa, cahiram por terra rugindo emquanto os companheiros lhes passavam por cima esbarrando de contra as portas, arrombando-as a coronhadas, penetrando os commodos escuros, travando-se, lá dentro, em pugilatos corpo á corpo. Esta arremettida, porém, das mais temerarias que se fizeram em todo

o decorrer da lucta, como as demais, reduziu-se ao primeiro impeto. Sopeou-a a tenacidade incoercivel dos jagunços. O 30.^o consideravelmente desfalcado, refluuiu em desordem á posição primitiva».

Comparemos agora, com o largo perfil do coronel Antonio Tupy Ferreira Caldas, encontrado em *Canudos*.

Escreveu Euclides na sua reportagem de 1 de Outubro de 1897, a ultima enviada para *O Estado de São Paulo*:

«Nessa occasião uma nova absolutamente inesperada abalou a todos: morrera, atravessado por uma bala, quando observava de binoculo, numa trincheira, o movimento do batalhão, o tenente coronel Tupy Caldas.

Era um official de carreira, um militar de raça, um esplendido general do futuro.

Estatura pequena; magro, secco, nervoso, physicamente fragil; olhar sem expressão animando-se, porém, repentinamente, nas discussões em que mal soffreava as expansões em um temperamento apaixonado e forte; a um tempo simples e avido de renome; modesto, mas tendo, perene, n'alma, o sonho indefinido, a idealização suprema da gloria.

Ultimamente atravessava o acampamento arrimado em comprido bordão, com o andar titubeante e incerto dos beribericos.

Rodeava-o a sympathia de todos. Os seus commandados directos, os soldados do 30.^o, respeitavam-no como a um pae.

No dia 30, á tarde, quando me dirigia para o acampamento do batalhão paulista, encontrei-o.

Interpelou-me de longe:

— Então, seu doutor, já recebeu o trabuco que lhe mandei? Uma arma interessante, ha de fazer um successo enorme em São Paulo.

Agradeceu-lhe o presente na vespera enviado e depois de breve troca de palavras, disse-lhe:

— Sabe que o general não concorda que entra amanhã no combate?

— Sei, sei, o Arthur é muito meu camarada e teme pela minha molestia... Mas não acha que é um contrasenso ficar na minha barraca agora no fim de tudo, eu, que supporto ha tanto tempo este inferno?

Livros Brasileiros sobre Alimentação

A litteratura brasileira enriqueceu-se, nestes ultimos tempos, com alguns livros excellentes sobre alimentação. Tres delles, pelo menos — o de Dante Costa, o de Cleto Seabra Velloso, o de Salvio Mendonça — representam contribuição muito oportuna para a solução do problema. Dante Costa fez talvez o livro de sentido mais pragmatico: claro, simples, bem escripto, persuasivo. O de Cleto Seabra Velloso, num plano differente, visou a um tempo leigos e medicos, sendo tambem um trabalho de incontestavel utilidade, e apresenta as questões com methodo e clareza. Quanto ao volume de Salvio de Mendonça, traz uma contribuição que é preciso salientar: um ensaio de geographia alimentar. Levando em conta o factor geographico que os autores brasileiros em geral relegam para plano secundario, Salvio de Mendonça colloca em equação um dos problemas fundamentaes da actualidade brasileira.

O assumpto está na ordem do dia e deve ser debatido por toda gente.

Interessando no seu triplice aspecto humano, social e economico, a alimentação é um problema fundamental para todos os povos civilizados, neste momento. No Brasil, particularmente, este problema assume uma gravidade consideravel, porque o brasileiro é um dos povos peor alimentados do mundo. Individual e collectivamente, o Brasil come mal. Nas casas abastadas como nas pobres, nos quarteis, como nos collegios e nas escolas, em toda parte se come mal.

Os dois grandes factores de subnutrição do brasileiro são notori-

os: a pobreza e a ignorancia. Mas esta muito mais importante que aquella, porque attinge indistintamente todas as classes sociaes. E os nossos defeitos mais graves, em materia de alimentação, são exactamente os de ordem qualitativa. Mesmo comendo muito, quantitativamente, o brasileiro come pouco, qualitativamente, porque não sabe escolher nem organizar a ração adequada ao seu clima, á sua raça, ás suas condições sociaes e economicas.

O problema, por tudo isso, é extremamente serio, e exige solução immediata, para evitar males imprevisiveis. É uma coisa sobretudo cumpre fazer desde já: a educação alimentar do brasileiro.

A questão é extensa e complexa: é preciso ensinar os preceitos elementares da moderna sciencia da nutrição, não só as creanças, mas tambem aos adultos, aos homens cultos das cidades e aos homens rudes do campo, a toda gente, sem excepção. Porque os ricos comem mal por ignorancia e os pobres porque não sabem escolher, dentro da relatividade dos seus recursos, a ração melhor e mais adequada. Depois, convem não esquecer, nessa campanha salutar e patriotica, um dos aspectos mais importantes da questão: o factor economico.

A geographia alimentar no Brasil, que, como já disse, Salvio de Mendonça estudou, é um imperativo economico e social: precisamos utilizar em nosso beneficio os alimentos que o paiz produz. Cada região se alimentará de accordo com os seus recursos naturaes, com as suas peculiaridades economicas e agricolas.

A politica alimentar que convem ao nosso paiz é aquella que ensine o brasileiro a tirar o maior rendimento nutritivo possivel dos productos de que o solo nacional é mais rico.

Não se compreende, por exemplo, que um paiz productor de assucar, de café, de milho, como o Brasil, tenha um consumo interno tão pequeno desses productos. De resto, o assucar, o café e o milho, sendo alimentos energeticos de primeira categoria, podem ser utilizados em larga escala na alimentação do brasileiro, com alto rendimento nutritivo para o povo e grande vantagem economica para o paiz.

Todos os paizes do mundo adoptam identica orientação nacionalista e geographica na nutrição do seu povo. Como a Argentina faz da carne a base fundamental da sua alimentação, o Brasil tem que fazer o mesmo com o assucar, o café, o milho, etc., que são combustiveis alimentares de primeira ordem. Se assim fizermos, teremos realizado obra honesta e patriotica, procurando collocar a equação do nosso problema alimentar nos seus verdadeiros termos, isto é, procurando resolver ao mesmo tempo as suas tres incognitas: a humana, a social e a economica.

Sabendo alimentar-se convenientemente, dentro dessa triplice orientação, o homem do Brasil será dentro de pouco tempo mais forte, mais sadio e mais diligente, aumentando assim a sua capacidade de criar riqueza e a sua aptidão para realizar os mais altos e largos destinos.

PEREGRINO JUNIOR.

Ficar na cama no fim da festa, justamente quando vão servir os doces... Não! falta só um dia, vou até o fim.

E faltava-lhe só um dia e foi até o fim o bravo e dedicado lida-dor, uma magnifica existencia heroica atravessada ao rithmo febril das cargas guerreiras, uma vida que foi um poema de bravura tendo como ponto final uma bala de Manulivher.

Correu um fremito, mixto de pavor, de espanto e de colera pelas fileiras do 30º. Houve um momento

de vacilação e depois, como um só homem, mudo assombrado, terrivel, o batalhão rolou sobre a trincheira, transpol-a de um salto, caiu no solo violentamente batido pela fuzilaria e enfrentando a morte precipitou-se sobre o inimigo, a marche-marche, sem disparar um tiro, impetuosamente, varando-o á baioneta e a couce de armas!

E — facto que teve muitas testemunhas — o soldado ao voltar desta carga tremenda, ferido, mutilado, ou chamuscado pelo incendio, coberto pela poeira dos escombros,

exausto e ofegante da lucta, vestes despedaçadas nos pugilatos corpo a corpo, indifferente á dor, indifferente á vida, que se lhe escapava lentamente pelas arterias rotas, vinha chorando, murmurando com uma veneração extranha o nome do denotado commandante».

E' todo assim, este Canudos, e assim serão todos os outros volumes que organizei: Perú Versus Bolivia, Brasil Versus Perú, Estudos Nordes-tinos, São Paulo e O Brasil no Seculo XIX.

ANTONIO SIMÕES DOS REIS.

« EMBRYÃO »

O Ssr. Antonio Constantino nasceu em Rotunda e tem talento. Estão ahi duas ocorrencias que fatalmente redundam em prejuizo para os que tiverem a desgraça de reunil-as. Antagonicas. Porque a longanime, a tolerante Rotunda tudo perdoa aos seus filhos, menos o talento, menos a intelligencia, crimes que ella equipara ao de alta trahição.

Rotunda ama o socêgo, a paz de espirito. Uma paz immensa, que invade as ruas desertas e põe silencios sedativos nas praças ajardinadas, com bichos incriveis de verdura ancorados. (A torre da matriz, debruçada sobre o casario, recorta poentes de porcellana nas tardes affectuosas que se finam, com badaladas de sinos dobrando, emquanto as beatas enchem a igreja com as suas preces e as mocinhas casadouras povoam os jardins com as suas esperanças).

A vezes, essa tranquillidade soffre hiatos: o prefeito, que é peceista, briga com o delegado que quase sempre pertence ao partido politico contrario. Então Rotunda vive horas agitadas. Exaltam-se os rotundenses. Os rumores da contenda vão despertar nas rêdes armadas nas varandas das fazendas a laboriosa classe dos cafeicultores, que sonha com mais reajustamentos, mais ajuda do governo, e tambem com mais automoveis e mais passeios á Europa. Surgem cabelludas descomposturas entre os adversarios. Ferem-se discussões. Na camara, nas pharmacias, nas esquinas, pelas columnas dos jornaes, até que um dia cansam, esquecem... Rotunda distende os musculos fatigados, enrola um cigarro de palha, e boceja como o heroe de Mario de Andrade:

Ai! que preguiça...

Volta a viver em surdina.

Não se conclua dahi que Rotunda seja infensa ás manifestações das artes, da litteratura e das sciencias. Não. Possue Rotunda grandes bachareis e grandes doutores, grandes poetas e grandes oradores. Grandes municipalmente fallando. Glorias municipaes legitimas, o unico typo de gloria que sabe bem a Rotunda. Ai, porem, do talento que ousar transpor as linhas divisorias da comarca. Passa a ser execrado por Rotunda e sua gente! É o *enfant terrible* que pretendeu ultrajar a mediocridade contente e placida da terra-berço.

É assim Rotunda, essa Rotunda que de resto é senhora da minha ternura. Todas as Rotundas são assim. Não admira, pois, se diga por lá tanto mal do sr. Antonio Constantino. Pintam-no tão ruim, que o forasteiro fica logo sympathizando com o homem.

Prova do talento polymorpho do snr. Constantino é este *Embryão* que o editor José Olympio acaba de lançar. Romance? Ou mais precisamente auto-biographia romanceada? Vê-se logo que a personagem Paulo de Tarso reproduz muitas das experiencias pessoas do A. Seria mesmo inevitavel essa diluição de reminiscencias num livro de sensibilidade como é *Embryão*. O difficil, em taes casos, é dizer-se onde começa o real e onde termina a fabula. Talvez que o povo bisbilhoteiro de Rotunda, patria do heroe, pudesse discernir.

Paulo de Tarso conta a sua historia. Narrativa acidulada e realista da vida de um menino humilde, infeliz rebento de um casal de italianos immigrados, cujos dias escorrem tristes e melancolicos numa cidadezinha do sertão paulista. Meninice sem infancia. Como a de toda creança da sua condição. Os estigmas, os soffrimentos, os pavores, as sensações de magua e de abandono, que se estereotypam na alma fragil e atormentada do pequeno Paulo, são communs aos que flagellam cada *embryão* humano do seu jaez. Mas o drama da incompreensão, que o mortifica, é o mesmo que encheu de enorme desdita os primeiros annos da vida de todos nós, não importa se de infima ou de alta extracção. Drama que tanto pôde ser fructo daquelle divorcio irreparavel do filho do immigrante — espirito delicado e sensivel — com o ambiente de sordicia que lhe suffoca os anseios, como pôde, para o menino bem nascido, gerar-se de uma dessas tão frequentes e doces imposições do carinho materno, como por exemplo, o dever de envergar certo traje á maruja com punhos e gola de rendas, bello, naturalmente, mas desprestigiante a valer aos olhos brejeiros da molecada do bairro. Que a puericia é a época das maiores angustias. Sentimol-as fundamente, ellas nos esmagam, mas não encontrando expressões proprias de desabafo no raciocinio primario, recalcamol-as dolorosamente ou deixamos que se expandam em choro. Mais avançamos no tempo, mais se apaga em nós a lembrança dèsses dias atribulados, a ponto dos cuidados e decepções de outras idades nos fazerem desejar o retorno á meninice. — Dahi o eterno desrespeito do adulto pela personalidade da creança.

Acaba de apparecer em Edição ARIEL

um novo livro de
GASTÃO CRULS

HISTORIA PUXA HISTORIA

(CONTOS)

com o seguinte sumario:

Contas brabas — Mãe d'Agua — Arrependimento
Meu sosia — Carta de outro naipe — A patativa
Circuito da Gavea — Iniciação — O espelho
Do outro lado — Fauna exotica — Fim de viagem

Pedidos à

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

RUA 7 DE SETEMBRO, 162

RIO

Aproveitando, com naturalidade, os effeitos emocionaes dêsse conflito, o snr. Constantino escreveu, sob clima por vezes vagamente dicksoniano, um trecho de colorido e vivacidade magnificos, que se percorre com interesse sempre crescente, até a ultima pagina. Para isso contribue, antes do mais, — já que o thema não se presta a grandes lances, — o seu estylo instantaneo e communicativo, compassando uma linguagem ao mesmo tempo lyrica e brutal, ainda empapada do humus da terra-roxa, e onde não é difficil descobrir-se a voz do poeta que modulou *Esta é o Canto da Minha Terra*. Paizagens bucolicas, bucolicas, amenas aguarellas, como as de pgs. 11, 103 e 171, são trechos remansosos a contrastar com o destino sombrio das personagens. E' Vitalina, bem realizado perfil de menina-moça, que morrendo adolescente deixa vincada na memoria de Paulinho os resabios de uma experiencia mallograda; é Angelina, «a viuva do Cubatão», victima das ardencias do seu temperamento, que punha em brasas a lascivia do pharmaceutico Ranieri, desesperado caçador de carne feminina; é Sinhá, é tia Augusta, é a velha preta Nazaria, figura humanissima esta, embalando os sonhos do seu Pôlinho com os duendes das historias estropiadas que ia desfiando. E' ainda o major Asarias de Almeida, comilão, preguiçoso, perdendo por ineptia os bens que herdara, obrigado a vender, para solver as dividas, o casarão em que vivia com a mulher e as cinco filhas, Violeta, Magnolia, Margarida, Rosa e Angelica.

«O meu jardim! — exclamava o pae. Flores diversas entre si, que nem os dedos da mão. Acima das palpebras, as tatoranas pretas, grossas, das sobrançelas, como se Dona Maricota houvesse tido a pachorra de transplantar as suas para a testa de cada filha».

Pequena mostra do estylo do A. Duas, tres pinceladas e a figura que elle quiz animar está deante do leitor, fallando, movendo-se, soffrendo. Não é a sombra de um titere, mas a photographia de alguém que sabemos que existe, que deve existir. Como se tivesse saltado do obturador duma leica.

Porem o que porventura augmenta a seducção destas paginas é a affectuosa solidariedade do sr. Constantino com o seu heroe. E' aquella enternecida preocupação pelo comportamento de Paulo de Tarso, pelos seus actos e reacções, que não raro o leva a desprezar, com sacrificio da intensidade da obra, excellentes situações romanceaveis, que deixa esboçadas ou apenas entrevistas. Si, por tal motivo, perde o livro em intensidade, ganha, por outro lado, em unidade, o que nos parece mais importante. Commove-dora a impressão de desamparo da crença, encerrada entre as quatro paredes da alfaiataria do pae, — «camara de supplicios», — obrigada em tenra idade a aprender o officio, emquanto lá fóra ha um dia luminoso e ha creanças menos infelizes que brincam ruidosamente; mais tarde vibramos com a explosão de colera infantil ante o castigo humilhante que lhe inflige Ranieri. O episodio ironico do acordar do sexo reprimido com lombrigueiro desdobra nossa commiserção e interesse pelo heroe. Acompanhamol-o nas suas rebeldias de inadaptação, na satisfação de suas primeiras appetencias sexuaes, no seu desgosto pela morte do cachorro Briguidoff. «Mesmo depois

de morto quiz ficar me espiando, não fechou os olhos embaciados. Aquelles olhos vitreos continuaram em mim, adeus que nunca me largava do alto da carroça de lixo. Cachorro de menino pobre morre assim mesmo, que nem viveu... E a carroça da limpeza publica leva a carcassa para a festança dos urubús lá na descida do correjo. Tudo que era meu tinha igual destino, reflectia as tristezas de uma vida de contrariedades. Meus bonecos, de retalho, disformes, ridiculos, tristes... Minha ama de emprestimo, negra, suja, triste... Meu cão, remelento, torto, feio, triste...»

Embryão é o primeiro e vigoroso élo da cadeia que sob o titulo geral de *Uma Jornada Inutil* o snr. Antonio Constantino está forjando. Apresenta as qualidades essenciaes do romance em vóga: é rude, é ingenuo, é espontaneo.

E como remate destes alinhavos vae aqui innocente reparo. Achemos que o snr. Constantino, com o intuito possivelmente de emprestar maior energia a certas descripções, excedou-se um pouco no emprego de palavras e expressões chulas. Ora, para o escriptor-nato que elle é, tal recurso não nos parece indispensavel.

Tambem o titulo geral, *Jornada Inutil*, encerra laivos de affectação. Porque *Inutil*? A jornada de quem, como Paulo de Tarso, sabe dar tão boa conta do recado que trouxe a este planeta, jamais será inutil. Em que muito pese a opinião contraria dos rotundenses...

SALAZAR REGUEIRA.

— Quem se apresenta com as melhores credenciaes de poeta á moderna é o sr. Rossine Camargo Guarnieri, prefaciado pelo sr. Mario de Andrade. *Porto inseguro* é livro de quem traz o seu canto pessoal e um canto dos mais bem timbrados. De resto, sob algumas das suas apparentes audacias, tão ferteis em rythmos saltitantes, sentimol-o um espirito de recorte classico, um lyrista em quem o ardor dos tropicos não tardará a retemperar-se na arte multiseccular dos italianos.

— Mais uma bella affirmção do talento do sr. Aureliano Leite é a que se contém neste seu volume *Amador Bueno, o Acclamado*. Já o conheciamos como contista e chronista igualmente deliciosos. Agora o temos na qualidade de cultor do romance historico. E é uma estréa que exprime indiscutivel triumpho. O ambiente paulista em que evoluiu aquelle admiravel arrastador de homens parece-nos magnificamente fixado. Escorreito o dialogo, e os trechos em que Amador Bueno avulta em toda a sua soberba corporatura são de uma singular nitidez de desenho e colorido.

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
PAULO DE AZEVEDO & Cia.

(Livreiros Editores e Importadores)

RIO DE JANEIRO

166 — Rua do Ouvidor — 166

End. Teleg. ALVESIA — Caixa Postal n. 658

F I L I A E S :

Rua Libero Badaró n. 49
São Paulo

Rua da Bahia n. 1502
Bello Horizonte

Apologos ao Léu

IX

ANTES DA FABULA

Ainda nos fins da época ternaria, quando nunhum olhar humano espionava a floresta que ia de pólo a pólo, o Leão, pleno senhor de sua força plena, dava-se á orgia das devastações. Matava por matar; os seus repastos eram hecatombes. Nenhum vislumbre do imperio economico no reino do transformismo.

Mesmo depois de farto, ao recolher-se á furna, o leão ia chacinando pelo caminho, marcando com pôças de sangue as suas altas pela verêda.

Essas carnificinas causaram alarma na brenha. Elle mesmo sentiu a fugaz, a longinqua idéa do remorso e do crime. E, certo dia, ao acaso, numa clareira, o leão, ainda lambuzado de sangue, encontrou uma inumeravel collecção de bichos e de fêras apavoradas. E lhes falou:

— Senhores, tenho feito immensos males, graves damnos por ahí a fóra. Si é certo que faço porque posso, e que vivo regalado e farto, em compensação não durmo; tenho pesadellos horrorosos de putrefacções, esqueletos, esgares e gemidos. Com franqueza, sinto medo de que vocês não se unam, não se revoltem e não se vinguem. Que dizem vocês? Que hei de fazer?

Entreolharam-se as fêras hebetadas, e um longo silencio pesou sobre os bandos, manadas, varas e alcatêas sob o olhar sanguinario do leão. Timidamente, um bicho, que depois se chamou de Raposa, assim falou numa lingua hieratica que ainda hoje é o latim:

— Ha um meio de apagar e até mesmo de illustrar todos esses crimes.

— Como?

— Muito simples. Faça-se proclamar o Rei dos animaes. Como rei, ninguem ousará tomar-lhe contas de um passado infamante, e V. será cercado de lacaios, de pompa, de gloria, de poderio.

E desde esse dia o leão passou a ser o Rei dos animaes.

X

DEPOIS DA FABULA

Entre as rãs que pediram um rei achava-se — e a fabula não diz

— um sapo. Acaçapado e fôfo, solitario e sujo, o batrachio, sapeando como sempre, apparecera por lá na hora do desastre, para tragar o seu golinho no charco e talvez visitar suas parentas do paul.

De olhos esbugalhados, olhos de observador, de abstracto, de philosopho, o velho jururú, pelo infortunio de ser corrido a pedra e injuriado, acabou por ver as coisas na realidade crua e darvinistica que é a pura innocencia universal.

Elle, que não pedira nada, achou-se subitamente sob o imperio da grosseira trave caída, como caem todos os reis, sobre o pantano. Viu a grulha das rãs escorraçadas, viu as aguas verdes e fecundas do lameiro esparramadas pelos arredores e viu ainda a antiga piscina das pererecas transformada em barreiro secco sobre que uma viga enorme e mal talhada pesava inerte e odiosa como todos os potentados deste mundo.

Triste, muito triste, nos seus descantes noctivagos, o velho sapo trazia toda a incomprehensão dos desmandados sobrevividos á vida natural.

Descobriu-o uma rã esturricada escapa do desastre:

— Estás vendo? E agora? — perguntou-lhe a irmã.

— Que sei eu?

— Nós pedimos um rei, alguém que nos regesse e nos mandasse. O rei ahí está. Já não sabemos agora o que isto é, si é uma monarchia, si é uma republica, uma democracia, um principado, uma capitania... Que achas tu, meu velho, ser agora o regimem?

— Eu? Isto é simplesmente o regimem da capatazia.

DOMINGOS RIBEIRO FILHO.

Edição Ariel:

GERMANA

Romance de VICTOR AXEL

NOVIDADE

Companhia Editora Nacional

A grande casa editora da Paulicéa continúa a espalhar bellos livros pelo paiz. Agora é o segundo tomo de *Os Indigenas do Nordeste*, de Estevão Pinto, admiravel educador e ethnographo de Pernambuco. João Dornas Filho trata de *O Padroado e a Igreja Brasileira*, com uma documentação das mais ricas e expressivas. Magnifica traducção é a que Clado Ribeiro de Lessa nos apresenta da *Viagem pelas Provincias de Rio de Janeiro e Minas Geraes*, de Augusto de Saint-Hilaire. *A Côte de Portugal no Brasil* revive através da evocação de Luiz Norton, um historiador de estylo vigoroso que nos diz muitas coisas novas a proposito da nossa imperatriz Leopoldina. Sobre *O Dominio Colonial Hollandez no Brasil* não faltam aspectos interessantes ao volume de Hermann Watjen, finalmente transplantado ao portuguez por Pedro Celso Uchôa Cavalcanti. *Clima e Saude*: eis o mais recente trabalho do glorioso Afranio Peixoto, um pesquisador que escreve sempre, com elegancia e amenidade. Finalmente, numa collecção da Civilização Brasileira, lucidamente dirigida pelo cientista Arthur Ramos, vem de surgir a *Preparação ao Methodo Scientifico*, de Djacir Menezes, formoso talento objectivo, dos que mais contam na moderna cultura do paiz.

Livraria José Olympio

Excellentes as ultimas edições lançadas pelo brilhante e infatigavel José Olympio. Jacques Maritain e outros depõem sobre *Os Judeus*, num livro que o poeta Jorge de Lima soube trazer com arte á melhor prosa portugueza. Oliveira Vianna, mestre indisputado de quantos versem assumptos de sociologia, fala de *Problemas de Direito Corporativo*, com autoridade não menor. Um volume impressionante: *Doença e Constituição de Machado de Assis*, de Peregrino Junior, em quem o talento do escriptoer e a cultura do medico se equilibram de maneira harmoniosa.

— Adaptando um conceito de dom João da Camara com referencia a Raymundo Corrêa, podemos dizer que Herculanano Rebordão, grande poeta portuguez, é, consequentemente, uma gloria brasileira. A mesma raça, o mesmo idioma, innumeradas affinidades de ideologia ou sentimento... Ademais, os melhores versos dos *Caminhos do meu olhar* foram escriptos aqui no Brasil. Nossas paizagens, nossos corações, esse bello artista os viu em verdade, embora a nostalgia, a saudade bem iberica lhe transmudasse, lhe transfigurasse tudo isso em terra lusitana, em alma lusitana. E que doçura de rythmos, quanta noite de lua nesses poematos! Nossos violões estão ahí a queixar-se, misturados ás guitarras de Coimbra ou do Porto. Herculanano Rebordão é dos que realizam o milagre de supprimir distancias no tempo e no espaço. Lendo-o encontramos logo entre os velhos lyristas da lingua e, sentindo Portugal tão proximo de nós, dizemos logo: «Não ha mais Atlantico!»

O THEATRO NA AMERICA

Desde alguns annos o movimento theatral americano vem sendo estimulado pelo cinema, embora isso pareça um paradoxo, por correr ainda a noção erronea de que o ultimo veio prejudicar o primeiro. Por duas razões faceis de comprehender: primeira, as historias de revistas, romances e contos, já não offereciam interesse para os produtores cinematographicos de Hollywood, sendo o tema de tais obras de ficção muito repetido e sedição; segunda, os cosinheiros de «scenários», quero dizer, de entrecchos para filmes, sempre em numero de dois a quatro, custavam muito dinheiro, quasi nunca se adaptavam ao regimen mechanico de produção litteraria, ou estavam sempre em desacôrdo com os autores do assunto original submetido ao seu estudo.

Comprehende-se bem que as peças theatraes, que constituem um todo homogeneo como obra litteraria, de arte e technica, atrahissem a atenção dos studios cinematographicos da California, não já pela simplicidade de transformação em pelicula sonora, devido aos dialogos, como pelas provas de fogo da critica de Broadway, como do rendimento de caixa.

Assim, estabeleceu-se o costume de virem, durante a estação de estréas theatraes, a Nova York, os principaes directores dos studios de Hollywood. As peças com mais de dez representações eram, então, postas em leilão, variando o preço offerecido pelos directores cinematographicos entre 15 a 25 mil dolares, dos quais metade corresponderia ao autor ou autores da peça.

Vê-se bem que o processo não só estimulou os autores a procurar assumptos interessantes e a escrever boas peças, como os empregarios da Broadway a montar mais novidades.

Esse processo interessante e práctico de procurar material para o cinema, sobretudo depois que este passou a ser falado, foi iniciado, creio bem, por Warner Brothers, quando adquiriram a peça *Street Scene* de Elmer Rice, em 1929 e *Front Page* de Ben Hecht e Charles Mac Arthur.

Depois disso quasi todas as peças de Noel Coward, e Rachel Cro-

thers, foram filmadas integralmente, assim como o *Strange Interlude*, de Eugene O' Neill, que levantou grandes dificuldades de technicas. As peças musicas (vaudeville) de George S. Kaufman e Moss Hart, e a do primeiro de parceria com Morris Ryskind tambem foram transportadas para os studios de Hollywood, mas devido as multipas faces de taes espetaculos, está claro que soffreram cortes e adaptações novas, com auxilio dos scenaristas de lá.

Queríamos, com esta explicação, chegar ao ponto principal de nosso artigo: que nos annos de 1937/38, com a retirada dos directores de Hollywood do mercado de Broadway, o movimento de peças foi menor e menos sensacionaes as estréas allí. Em todo caso, destacamos quatro grandes successos, constituidos por peças de real valor como *Stage Door* de Edna Forbes e George S. Kaufman; *Yes, my darling daughter*, de Reed; *Johnny Johnson*, de Paul Green e *High Tor* de Maxwell Anderson. Dos autores acima referidos, tres são veteranos da arte dramatica americana.

Se *High Tor* obteve apenas 29 representações, apesar do glorioso nome de Maxwell Anderson, *Yes my darling daughter*, de um novato, obteve a marca de 293 representações, o que seria, na gyria carioca dos nossos theatrologos, quasi tres centenarios.

Não obstante, as outras novidades como *Excursion*, *The Woomen*, *Daughters of Atreus* e *St. Helena*, os theatros de Broadway lançaram mão do velho e sempre extraordinario Shakespeare e muitas traducções de peças francezas. Katharine Cornell, a maior actriz da lingua ingleza da actualidade, representou, com grande successo, *Romeu e Julieta*. E o grande actor inglez Sir Cedric Hardwick encarnou *Sherlock Holmes*, pois as peças de mysterios, crimes, fantasmas, etc. ainda estão muito em moda na Inglaterra.

Com surpresa para o autor desta chronica, o *Warden Lawes*, de Sing Sing, um dos personagens principaes d'*O Presidente*, influenciado por esse romance, tambem escreveu um drama em collaboração com Jonathan Finn, em que mostra as aventuras que, como John Marvin,

do *O Presidente*, *Flying the Half-moon* os criminosos podem encontrar naquella prisão. A peça intitulada *Chalked out* o que quer dizer *Regenerado*, infelizmente, depois de duas semanas, foi retirada do cartaz, porque já não ha muito interesse em Broadway por historias de *gangsters*. Outras peças, de autores de nomeada, como Benn W. Levy, tambem falharam em attingir o maximo de duas semanas na ribalta, devido ao assumpto se ligar a experiencias de guerra.

Hollywood, realmente, só se interessou pelas produções de George Abbot, no Theatro Cort, chamando-o para repetir lá, em filmes, com um salario de Maharajah, os seus grandes successos *Boy Meets Girl*, *Three men in a Horse*, *Brother Rat* e *Room Service*, que o publico brasileiro, brevemente apreciará na tela de nossos cinemas. E foi tudo.

VINICIO DA VEIGA

DE FERNANDO PESSOA

4-8-1930

Contemplo o lago mudo
Que uma brisa estremece.
Não sei se penso em tudo
Ou se tudo me esquece.

O lago nada me diz,
Não sinto a brisa mexel-o.
Não sei se sou feliz
Nem se desejo sel-o.

Tremulos vincos risonhos
Na agua adormecida.
Porque fiz eu dos sonhos
A minha unica vida?

23-5-1932.

Quem bate á minha porta
Cão insistentemente
Saberá que está morta
A alma que em mim sente?

Saberá que eu a velo
Desde que a noite é entrada
Com o vacuo e vão desvelo
De quem não vela nada?

Saberá que estou surdo?
Porque o sabe ou não sabe,
E assim bate, ermo e absurdo,
Até que o mundo acabe?

«O Rio corre para o Mar»

O dia parecia que advinhara que Buzuquinha embarcara na vespera e Oceanira estava triste. Chovera a noite toda. A terra estava humida, empapuçada. A agua descia pelas parêdes de barro batido, formando desenhos disparatados.

Oceanira ficou parada na porta. Os olhos pisados — ella passara quasi toda a noite chorando — fixavam-se nas grandes arvores escorrendo agua pelos troncos cheios de caminhos-de-formiga.

Lembrou-se da irmãzinha, vestido apanhado em nó, agua até quasi o joelho, correndo sem modos, junto com os meninos da vizinhança, atrás dos barquinhos de miriti, que deslizavam na enxurrada. Depois a gritaria:

— Salvem o «Santa Fé», pessoal.

O barquinho navegava certinho para a rampa que desembocca nas aguas do rio.

Araujinho comandava a turma:

— Cerca dali, Cabelleira, sinão o «Marajó» vae-que-vae se afundar.

Bilá chegava á porta e bancava a desmanchaprazer:

— Gente. Onde já se viu uma coisa dessas? Passe pra dentro, menina.

Buzuquinha limpava as mãos no vestido e vinha toda chorosa para perto da negra:

— Deixa eu brincar mais um pouco, Bilá?

Bilá dansava o corpo gordo, agitada:

— Deixo nada. Isto lá tem cabimento. Tamanha menina metida com moleques.

Oceanira sentia vontade de interceder pela irmã. Lembra-se da sua infancia triste e medrosa, sempre agarrada ás saias da mãe. Mas Bilá de tudo se re-sentia:

— Vá, dona Buzuquinha, vá. Sua irmã quer, vá.

Buzuquinha ficava indecisa, sem saber se a negra estava falando serio ou não.

— Vá. Apanhe logo uma febre e bata o pacáu.

Olhava enviezado para Oceanira e sahia resmungando:

— D. Marga haveria de gostar muito de ver a filha com os pés na lama e o sinsenhor todo molhado, nessa agua imunda.

Bilá é sempre a mesma rabujenta. Lá está ella agora gritando da cosinha:

— Eh, moça, desse geito só para o anno a senhora chega no collegio.

Oceanira escolhe o caminho mais sêcco e segue apressada, porque na verdade está quasi em cima da hora e hoje é o primeiro dia de aula.

— Bom dia, d. Oceanira.

Virou-se e deu de cara com Agostinho Varella, todo respeitoso, o chapelão amassado na mão, um um sorriso destemperado nos labios rachados.

Ella não pode esconder a sensação de desagrado que o encontro lhe causava. Respondeu secca ao cumprimento e continuou a andar.

Elle insistiu:

— Como vai o Erberto?

— Não sei. Papae nunca me escreve lá do sitio.

— Pois a mim é rara a semana que não me vem uma carta delle.

Aquillo queria dizer: está vendo? Eu e seu pae somos carne e osso.

Oceanira apressou o passo. Varella abriu o delle.

— Está passeando?

— Não. É que hoje recomeçou as minhas aulas na escola.

Elle gaguejou:

— Dá licença que a acompanhe?

Oceanira ficou calada e continuou a andar apressada, livrando-se das poças dagua aqui e ali.

Varella não se deu por achado. Elle ha muito esperava uma oportunidade como aquella para falar-lhe. Não seria bôbo de perdê-la assim sem mais nem menos. Ia acompanhando-a em silencio, nervoso, desageitado, o chapéu rolando na mão, mas certo de que haveria de encontrar um geito de soltar a lingua.

Oceanira facilitou a coisa:

— Como vamos de eleições?

Varella sentiu-se como se lhe tivessem tirado um cesto de castanhas de sobre o peito.

— Optimo, d. Oceanira, optimo mesmo. Nunca o partido esteve tão duro como agora. Si houver eleição — eu duvido muito — pôde contar que é comida no papo.

Pisava agora terreno firme. Sentia que a lingua desemperrava e foi criando coragem.

— Imagine que só eu levo quinhentos eleitores.

Ficou olhando para Oceanira, esperando o effeito. Ella quasi o desanima com a sua resposta fria:

— Ora veja.

Elle reagiu. Ficasse sabendo que ali só elle e o pae della podiam se gabar de outro tanto. Além disso, os eleitores delle não eram daquelles que precisam ser carteados para votar. Páu-e-corda com elle não tinha valor. Gente delle votava porque queria votar, porque gostava delle.

— Tambem, não é querer me gabar, mas trato todos os meus trabalhadores assim...

Mostrava a palma da mão.

Oceanira quasi não ouvia o que elle lhe estava dizendo, preocupada em encontrar uma forma de livrar-se da sua presença. Sabia bem quaes eram as suas intenções. Mesmo em casa, abusando da complacencia do amigo, elle não perdia vasa em importunal-a com suas atenções insipidas, embora mantendo sempre aquella attitudê respeitosa, embaraçada, de quem pede alguma coisa.

Varella ainda lutou algum tempo, repisou o assumpto, porem a indiferença da moça terminou por dominal-o. Mas o espirito começou a reagir. Como é, seu Varella, vae ou não vae? Olhe que uma oportunidade cutúba como esta não se encontra aos lotes!

— D. Oceanira, a senhora nunca pensou em morar em Belem?

Elle falava olhando para os lados, para a frente. Para ella, só com o rabo dos olhos, com mêdo de perder o impulso.

— Note bem que para a senhora seria um verdadeiro achado. Ficaria mais perto da sua irmã, não era mesmo?

Na esquina da travessa do Capiú, a lama tomava conta da rua toda. Oceanira parou constringida:

Um depoimento sobre a Amazonia

Do sr. Gastão Cruls eu havia lido *Amazonia Mysterosa*. Livro movimentado, reflectindo na sua plasticidade de expressão o pittoresco e o imprevisito das paisagens simples das terras amazonicas, esse trabalho, no entanto, deixou somente á mostra uma grande qualidade do sr. Gastão Cruls: o maravilhoso poder inventivo. Não havia ali o resultado de uma observação directa, não se sentia a analyse objectiva de uma das zonas mais discutidas do Brasil e que guarda ainda tantas surpresas magnificas e surprehendedentes. O que se encontra na obra do sr. Gastão Cruls é como um ensaio de imaginação pura, uma especie de treino com que o autor pretendeu experimentar o effeito da sua qualidade basica, e esencial do seu talento creador.

Não vamos dizer, assim, que *Amazonia Mysterosa* é um retrato daquillo que ainda constitue segredo para muita gente. O verdadeiro documento que o sr. Gastão Cruls, como bom brasileiro, quiz dar sobre a terra do extremo Norte, terra da borracha e da organização Ford, está neste *Amazonia que eu vi*, lançado agora em nova edição.

Ahi, sim, é que vamos encontrar; não somente a imaginação do autor encaminhada para uma obra seria, como tambem outra qualidade excepcional que o sr. Gastão Cruls revela nos seus trabalhos de ficção, nos contos, por exemplo: é a capacidade de observação, aquella naturalidade de penetração psychologica.

De olhos bem abertos para um mundo meio aggressivo na sua extraordinaria originalidade, o sr. Gastão Cruls esmiuçou muitas daquellas paragens encantadas onde a natureza é uma perdularia de bellezas e onde o Brasil primitivo se encontra quasi na sua pureza total.

Terra que tem inspirado poetas, romancistas, sociologos, despertou tambem a curiosidade de um contista, dos melhores que o Brasil possui actualmente. Mas não foi com o lyrismo de alguns contos de *Historia puxa Historia* que o sr. Gastão Cruls enfrentou a Amazonia. Não. E sim com aquelle gosto pela minucia, pelo inedito que o autor tem revelado muito nitidamente. *Amazonia que eu vi* é trabalho de observação, de analyse, contribuição verdadeiramente preciosa para um estudo mais amplo da terra que o sr. Araujo Lima procurou penetrar com uma erudição excessiva, talvez.

Enquanto alguns brasileiros se movimentam para a China ou para o Japão, enquanto outros se encantam pelo clima democratico da França ou pelo ambiente absorvente da Allemanha, o sr. Gastão Cruls quiz foi conhecer o seu paiz, o pedaço maior do seu paiz. E foi um admiravel viajante. Viajante que soube observar, que soube sentir, e que soube transmittir aos outros o que viu e o que sentiu, coisa rara na maioria dos que fazem a chamada literatura de viagem.

Disse com muita justeza o sr. Roquette Pinto que o sr. Gastão Cruls serviu com sinceridade e brilho á sciencia e ás letras. Das contribuições que tenho lido sobre o Amazonas nenhuma me pareceu escripta com tanta simplicidade, com uma erudição tão leve e oportuna, sem excessos de citação e sem a fatal terminologia especializada que sempre resulta em prejuizo para a propria obra — vantagens que encontrei nessa.

A *Amazonia que eu vi* é sem duvida um significativo depoimento sobre o Amazonas que colloca o autor no plano dos melhores escriptores do Brasil.

HUMBERTO BASTOS

INSTITUTO CAYRÚ

A tenacidade patriótica do nosso querido Eugenio de Castro devemos mais um trabalho de merito, ou seja a *Relação bibliographica de linguistica americana*. O commentador do roteiro de Pero Lopes de Souza é homem que passa a existencia quasi toda nas bibliothecas. E sempre movido por um superior sentido de brasilidade, desejando saber o que nossa gente pensou e realizou através dos tempos. A bibliographia é um dos seus fortes, dentro de methodos scientificos em que o rigor da pesquisa não lhe oblitera nunca um delicioso calor de entusiasmo pelo bello conteudo dos livros que examina.

— Se alguém se mostra um poeta na sua joven geração gaúcha, esse alguém é o sr. Barcelos Pena. O verso vae-lhe ao papel com uma espontaneidade que nos leva a augurar-lhe, para muito breve, os melhores triumphos de artista. O autor é um lyrico, ainda cultiva o soneto, mas não é um cégo ás luzes das cidades de hoje, um surdo ás vozes dos homens de hoje. *Orvalho do Céu* traz-nos um nome que retornará em trabalhos dos mais vigorosos.

— E agora?

Mas Varella correra pressuroso e fôra apanhar uma tabua que estava encostada num muro. A tabua pesava, inclinava-se para frente, para traz, desequilibrando-se no seu hombro.

— Um momento, d. Oceanira.

Ageitava a tábua apressado, complicando tudo. A tábua roçava-lhe pela roupa, sujava-o todo, mas elle achava que ainda devia se desculpar:

— Não sei se estará bem assim?

Andava por cima, ia e vinha, experimentando a segurança. Depois olhava agradecido para ella:

— Experimente por favor, d. Oceanira.

Continuava agitado, limpando as mãos no lenço.

Oceanira atravessou com segurança por cima da tábua.

— Muito obrigada.

Varella derreteu-se num sorriso feliz:

— Ora, d. Oceanira...

Parecia que quem fizera o favor fôra ella.

Continuaram a caminhar. Oceanira ansiosa para que a escola chegasse logo. Varella louco para encontrar uma forma de retornar á conversa de ha pouco. O espirito animava-o: vamos, meu liga. Depois de se começar não se deve parar. Pra frente é que se anda!

— Mas como eu ia perguntando: a senhora não acha que viveria melhor lá em Belem?

Era hora do mercado. A terceira rua estava deserta. Uma cara aparecia de vez emquanto á janella, dava-lhe bom dia e retirava-se depressa para commentar lá dentro o que vira.

Isto perturbava Oceanira. Sentia vontade de pôr termo áquella situação, mas não sabia como.

NELIO REIS

(Trecho do romance — *O Rio Corre para o Mar* — no prélo.)

DA FRANÇA

Reflexões do meu Caderno de Notas

Atravessamos decididamente o seculo do paradoxo. Enquanto as democracias passam por revolucionarias, as dictaduras passam por conservadoras... Deixem-me rir.

Os conflictos ideologicos são a causa primordial de todas as nossas discordias. Vivemos intoxicados pelos metodos de Moscou e pelos processos incendiarios do racismo.

A autoridade não é uma questão de força, mas uma questão de confiança e de respeito reciprocos.

Queres ler Baudelaire? Procura a sombra de um jardim. Queres ler Verlaine? Procura a penumbra de uma alcova. Queres ler Bilac ou Martins Fontes? Procura a luz, procura o sol!

A França é, por excellencia, o paiz da medida. Descartes representa a suprema technica da acção constructora. Renan resume toda a moral humana. Bergson reflecte todo o universo.

O saber e o trabalho constituem as mais altas dignidades do homem.

Os pequenos, nadas da vida formam um rosario de grandes cousas.

Não consagres ao odio um unico minuto da tua vida!

Não vacilles jamais em face da tua consciencia!

A verdadeira inspiração encerra um mysterio que ninguem explica.

No seu mais profundo inconsciente é que o poeta vae buscar os themas dos seus cantos. Um exemplo: Verlaine. Outro exemplo: Rimbaud.

A poesia abre ao homem todos os caminhos: inclusive o da felicidade.

Lembranças... Imagens... Confidencias... Sois todos o enlevo do meu outomno.

Encontrei na minha mocidade uma mulher verdadeiramente diabolica: chamava-se Celeste. Mais tarde encontrei um anjo de ternura e de bondade: chamava-se Barbara.

Não poderei nunca descrever a fascinação que um livro novo exerce sobre a minha curiosidade.

O homem do seculo XX é um producto da vulgarização radiophonica.

Ha o amor, depois o trabalho, depois nada. Essa phrase de Gobineau me ataca os nervos.

A discreção é uma arma defensiva de extranho poder. Pena que o seu manejo seja tão difficil!

Joga fora, sem um minuto de hesitação, tudo o que te pareça inutil!

Queres te sentir bem? Pensa em tudo, menos no teu corpo.

Queres que a vida te sorria? Deixa em paz as tuas glandulas e o teu figado.

Somos victimas de uma epidemia que não perdôa: a epidemia da confusão.

Pergunta innocente: a incoherencia é masculina ou feminina?

Os limites do desejo humano são infinitos.

A vida de Montaigne foi uma perfeita contradicção. Um abysmo separa suas acções dos seus escriptos. Assegurando a impotencia da razão humana e condemnando, ao mesmo tempo, a vaidade do dogmatismo, esse philosopho cultivou o pyrrhonismo, sem ter sido um pyrrhoniano.

O scepticismo é a mais perigosa das doutrinas. Descartes, que foi a clareza personificada, só o concebeu sob a forma de uma duvida provisoria. Prefiro ficar com Descartes a ficar com Kant ou com Hume.

Para não fatigar o leitor dou a palavra a Georges Duhamel: «Nas condições actuaes do mundo humano, o destino da civilização está ligado ao destino do livro».

A leitura é para mim uma necessidade physiologica: leio um livro como bebo um copo d'agua, como fumo um cigarro.

Ponho em duvida a utilidade dos prophetas. Mas creio no vaticinio dos poetas.

Respeito cegamente a aristocracia do espirito, mas zombo da aristocracia heraldica.

Adoro a minha segunda profissão (aquella de que não vivo). As horas mais bellas e mais rapidas da minha vida são as que passo escrevendo.

Considero a imaginação de Balzac um caso prodigioso. Que mundo havia na cabeça desse homem!

Reputo um modelo de sabedoria este conselho de Duhamel: «Interroga-te cada dia sobre o sentido de tua obra e sobre a marcha de tua vida».

Desdenha o successo. Repete, em voz baixa, o que escreveu Logan Pearsall Smith: «Um livro que se vende é o tumulo dourado de um talento secundario».

A tensão nervosa em que vivemos prepara-nos uma velhice inquietante. Esgotamos as nossas fibras mais secretas. Dansamos, em verdade, sobre areias moveidas.

Qual o genio do mal que te persegue, soffredora humanidade?

Sempre que posso releio os livros de Tristan Derême. Tudo nesse poeta é cadencia e musica. Seus versos são a essencia do proprio rythmo.

Minha vida quotidiana transcorre sob o signo da poesia. Segundo as suas leis é que o governo o meu trabalho.

Terei chegado ao «outomno das idéas» de que nos fala Baudelaire?

OSORIO DUTRA

Edição ARIEL:

ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

1.ª Série

12\$000

NOVIDADES DO MEZ

Ultimas Edições da Companhia Editora Nacional

CORNELIO PIRES	Mixordia	5\$000
BERTA RUCH	Meu Samburá	5\$000
WILL DURANT	Medo do amor	4\$000
AFRANIO PEIXOTO	A esposa que não foi beijada	5\$000
R. H. MICKS	Filosofia da vida	16\$000
MARIO TRAVASSOS	Historia da Filosofia	16\$000
ARTHUR CONAN DOYLE	Clima e Saude	10\$000
HARRY BECKMAN	Novos Rumos da Medicina Legal	10\$000
EDGAR WALLACE	Noções indispensaveis de materia medica	35\$000
F. NEREO SAMPAIO	Projeção continental do Brasil	10\$000
PAULO MANGABEIRA-ALBERNAZ	A Caixa Sinistra	5\$000
FLORENCE BARCLAY	Therapeutica Clinica 3º	30\$000
ANIBAL BRUNO	O Leão da bolsa	5\$000
HILDEBRANDO ACCIOLY	O Desenho ao alcance de todos	10\$000
	Oto-Rino-Laringologia pratica	20\$000
	Acompanhando a estrella	4\$000
	Lingua Portugueza	8\$000
	Limites do Brasil	10\$000

Edições da COMPANHIA EDITORA NACIONAL Séde: Rua dos Gusmões, 118 - S. Paulo - Filiaes: CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA
Rua 7 de Setembro, 162 - Rio de Janeiro — Rua da Imperatriz, 43 Recife-Pernambuco
A venda em todas as Livrarias do Brasil e Portugal

Livraria José Olympio Editora

Telegrammas

OUVIDOR, 110
23-2389

JOLYMPIO

1.º MARÇO 13
23-2831

RIO DE JANEIRO

NOVIDADES DE AGOSTO

Julio Bello — MEMORIAS DE UM SENHOR DE ENGENHO — Volume 11 da Collecção DOCUMENTOS BRASILEIROS — Vol. br.	18\$000
Mario Sette — OS AZEVEDOS DO POÇO — Romance	10\$000
Cyrõ dos Anjos — O AMANUENSE BELMIRO — Romance — 2a. edição	8\$000
Olavo Dantas — SOB O CEU DOS TROPICOS — Lendas e narra- tivas do Brasil	6\$000

NOVIDADES DE JULHO

Monte Arraes — O ESTADO NOVO E AS SUAS DIRECTRIZES, br.	10\$000
Emilio de Maya — O BRASIL E O DRAMA DO PETROLEO br,	8\$000
Olivio Montenegro — O ROMANCE BRASILEIRO — Coll. «Docu- mentos Brasileiros» — br	12\$000
Rodrigues Alves Filho — O SOCIOLOGISMO E A IMAGINAÇÃO NO ROMANCE BRASILEIRO — br.	5\$000
Enéas Ferraz — ADOLESCENCIA TROPICAL — Romance (Dist.)	5\$000
AUTOS DE DEVISSA DA INCONFIDENCIA MINEIRA — Vol. 7º	5\$000

NOVIDADE DE JUNHO

Peregrino Junior — DOENÇA E CONSTITUIÇÃO DE MACHADO DE ASSIS	10\$000
---	---------

NOVIDADES DE MAIO

Oliveira Vianna — PROBLEMAS DE DIREITO CORPORATIVO	20\$000
Tristão de Athayde — IDADE, SEXO E TEMPO (Três aspetos da psicologia humana)	10\$000
Maritain, Claudel e outros — OS JUDEUS (trad. de Jorge de Lima)	10\$000
Conselheiro Macedo Soares — CAMPANHA JURIDICA PELA LI- BERTAÇÃO DOS ESCRAVOS	12\$000

NOVIDADES

ULTIMAS EDIÇÕES DA CIVILIZAÇÃO
BRASILEIRA S/A

SERAFIM LEITE, S. I. Historia da Companhia de Je- sus no Brasil — 1º tomo	35\$000
DARIO VELLOZO Atlantida	15\$000
GUSTAVO BARROSO A Maçonaria Seita Judaica	7\$000
CORREIO UNIVERSAL João Tymbira	3\$000
D. H. LAWRENCE O Amante de Lady Chatterley	12\$000
FORNARI O que os Brasileiros devem saber	5\$000
LUIZ EDMUNDO O Rio de Janeiro do meu tempo — 3 grossos volumes com mais de 1.200 paginas com muitas gravuras	70\$000

Livraria Civilização Brasileira

MATRIZ

FILIAL

Rua 7 de Setembro, 162
RIO DE JANEIRO

Rua 15 de Novembro, 144
SÃO PAULO

NOTA — A Matriz atende pedido pelo "Serviço de Reembolso Postal".

BAHIANINHA

Naquella pensão da praia do Flamengo o apparecimento de Zezé Flores produziu sensação.

Moravam ali uns senhores occupados e gordos que á noite, em cadeiras de vime, á porta, tomavam o fresco olhando passar os bondes. Havia tambem duas moças feias, velhuscas, funcionarias de um Ministerio, que comiam silenciosas. E um medico mocetão, vermelho, sardento, carrancudo, com um geito impertinente de exhibir a esmeralda. Estava sempre a fazer concurso para a Saude Publica e era todas as vezes desclassificado. Tinha odio ao ministro da justiça, que não sabia da sua existencia. E havia eu.

Eu, os senhores sabem, sou uma pessoa insignificante. Nunca me fiz notar por outra coisa além de uma timidez deploravel. Estava seguindo um curso particular de chimica industrial, porque meu pai, tendo empregado os seus capitaes na fabricação da agua raz, queria fazer de mim o cerebro tecnico dessa e outras proezas.

Zezé Flores chegou á pensão numa segunda-feira. O marido fora nomeado engenheiro da Inspectoria de Portos e vinham de São Salvador, de mudança, com tres pesadas malas de roupa e um accento bahiano horroroso, em que os rr eram aspirados como os hh inglezes.

Era morena, miuda e flexivel. Ao rir-se, a bocca pequena e fina descobria dentes alvos, que suggeriam mordidelas gostosas em nacos de carne polpuda. Tinha attitudes imperativas, um olhar victorioso quando encarava as pessoas. Usava vestidos de cores berrantes, amarellos de óca, vermelhos sangrentos de urucum.

Nessa primeira noite, quando Zezé Flores compareceu á sala de jantar, toda verde como uma lagarta — a lagarta do Dr. Mauricio Flores, pesado, escuro, cara quadrada, sobranceiras espessas de pixe — senti que Zezé Flores, fixando os olhos em mim, me revelara de subito o segredo das infinitas submissões do homem.

As moças feias e funcionarias, mastigando o pão com movimentos exagerados de maxillas magras, espicharam olhos despeitados para o escandalo daquelle verde (pedaço petulante de bandeira brasileira vestindo o moreno saboroso de um corpo macio, sazonado ao sol de São Salvador).

O medico sardento pareceu, desde aquelle instante, inspirar uma antipathia recta a Zezé Flores. Talvez em poucos momentos, naquella mesma tarde da chegada, ella houvesse percebido já as atencões que d. Eulalia, com os seus quarenta annos imponentes, concentrava no quarto do doutor. Porque a todas as horas do dia ou da noite ouvia-se d. Eulalia no corredor a perguntar ás criadas:

— Poz agua no jarro do dr. Esperidião?

— Você varreu bem o quarto do dr. Esperidião?

— O' Emilia, quem foi que derramou um pingo de tinta na mesa do dr. Esperidião?

— Não sei si foi por sentir, por instincto, que o dr. Esperidião se erguia

diante de mim como um rival desventurado e vingativo, o caso é que me pareceu observar na bahianinha, desde logo, uma aversão indisfarçavel por elle.

Zezé Flores ficou sendo na pensão, para toda gente — a bahianinha. As proprias criadas diziam entre ellas: a bahianinha. E eu mesmo conversando commigo, nos soliloquios melancolicos do amor que nascia, não a tratava senão por bahianinha.

O dr. Flores tinha uma fala grossa, atrovoada. No começo, pouco falava á mesa. Tornou-se verboso, depois. O seu assumpto predilecto era o Estado de São Paulo, que não conhecia. No seu entender, o Estado de São Paulo era o parasita da Republica. Tudo era para São Paulo! Leis, defesa, auxilio, só para São Paulo! E os Estados do norte que morressem á mingua!

O dr. Esperidião raramente conversava. Era de Sergipe e não gostava dos bahianos. Em todo caso, como nem eu, nem as moças funcionarias, nem os senhores gordos do commercio oppuzessem nada á argumentação do dr. Flores, sahia do silencio para dizer uma simples phrase:

— São Paulo marcha á frente do Brasil.

E voltava á sua casmurrice.

Havia um sussurro de approvação. D. Eulalia, cujo fallecido esposo era campeiro, tinha enthusiasmo por tudo que fosse paulista, armando ás vezes conflictos por causa do futebol de São Paulo, «infinitamente, mas infinitamente superior ao carioca». Então, quando o dr. Esperidião defendia a terra paulista daquelle geito, numa synthese que irradiava convicções, ella batia com a cabeça, cotucando o peito com o queixo onde havia dois fios de barba.

Os solteirões obesos, entre os quaes se contava tambem um professor de inglez, acompanhavam então o gesto de d. Eulalia, para serem agradaveis a ella. E, sob um sorriso de bonhomia experiente, settavam olhares de encoberta sensualidade para Zezé Flores.

D. Eulalia, no fim de algumas semanas, verificou que o dr. Esperidião estava impressionado pela bahianinha. Fora notando modos, gestos, alterações de habitos do medico, num inquerito silencioso e tenaz, até obter a certeza.

Uma noite, como fizesse muito calor, eu quiz tomar um banho frio ao voltar da rua. Passando em chinellos de corda pelo quarto do dr. Esperidião, ouvi cicios de conversa e commetti esta odiosa e excitante acção: espiei pelo buraco da fechadura. E' claro: d. Eulalia estava lá dentro, sentada na cama, com o rosto transformado pela ira. Gesticulava. O dr. Esperidião, em mangas de camisa, extendido ao longo do colchão, procurava ler um jornal, que ella lhe arrancava das mãos. Feriu-me a vista este pormenor: elle usava suspensorios vermelhos. Escutei:

— Eu ponho essa mulher para fóra!

A bahianinha empolgou-me. A iniciação do nosso amor foi simples.

O quarto della era na segunda parte do edificio, cujos compartimentos davam para uma area interna com jardim. O chuveiro era no fundo. Sempre que eu passava, no meu roupão de banho, via Zezé costurando, numa cadeira de braços, entre os tinhorões dos caneteiros.

Acanhado, eu cumprimentava.

Ás vezes, o chuveiro estava occupado. O professor de inglez cantarolava lá, com uma voz estertorante de barytono gasto.

A principio timidamente, fui tomando o habito de parar junto de Zezé Flores antes de ir para a ducha. Como sentisse nella uma ironia maliciosa diante do meu acanhamento, animei-me aos poucos. Passámos a conversar coisas picantes.

Ella gostava de phrases:

— O destino de uma molér bonita é o amorr. Não é não?

Essa litteratura avançada ficava chocante na sua bocca provinciana de bahianinha. Em todo caso, que fazer? Um dia beijeia.

Não teve o menor susto. Lambeu a bocca, como que recolhendo o beijo e continuou a conversa, muito calma.

Olhei para traz, com o terror de que houvessem visto: á janella de um quarto havia o gato da casa, que dormia ao sol. Uma abelha zumbia em torno de uma flor, quasi no meu nariz.

Corri ao chuveiro, para isolar-me, para collocar de novo as idéas no lugar, porque o meu instinctivo rompante me abalara as fibras, agora desmanchadas pela commoção.

Os hospedes notaram em mim qualquer mudança. Evidentemente. Talvez eu andasse mais disposto. Ou talvez mais timido e desconfiado. O facto é que notaram.

O dr. Esperidião — atrapalhado com os pontos de um novo concurso na Saude Publica — passou a odiar-me. Tive o receio de uma denuncia anonyma e communiquei isso a Zezé, uma tarde, num cinema da rua da Carioca, que frequentavamos ás escondidas.

Acaba de Apparecer:

A MÃO E SEUS SEGREDOS

de ARUS SAB

3.^a Edição

ARIEL

— Tenha medo não.

O seu «não», obrigatorio em quasi todos os finais de phrases, tinha uma sonoridade longa e profunda. Meu secreto encantamento embarcava naquella «não» como para um vôo rapido ao infinito.

D. Eulalia poz-se a tratar Zezé Flores com desprezo. Deixava o quarto do casal por fazer, até tarde do dia. A mesa, esquecia-se de servir a bahianinha.

Eu, humilde, fingia não perceber nada.

E um domingo, como não lhe desse canja e d. Eulalia declarasse, com sequidão, que não havia mais, Zezé levantou-se da mesa:

— Mauricio, eu não almoço não.

O dr. Flores, surpresa, olhou-a sem comprehender.

— Levanta. Vamos a um réstaurante.

E, atirando o guardanapo, saíu.

A grosseria fora enorme. Elle seguiu a mulher, desculpando-se, acanhado, sem saber.

No mesmo dia mudaram-se para um hotel. Na semana seguinte estavam installados numa casa em Copacabana, junto do morro.

No Flamengo o ambiente continuou carregado por muitos dias. D. Eulalia, por indirectas, atacava a bahianinha!

— Ando muito cansada desta vida de pensão. Encontra-se gente boa, mas também se encontra muita gente ordinaria.

Teve a audacia de perguntar-me, tempos depois:

— Tem visto a bahianinha? Aquillo é coisa muito atôa, já me informaram. Emfim, eu não podia saber. Ella não trazia letreiro na testa.

Espiridião resistia aos projectos de d. Eulalia. Isso a irritava contra Zezé, como si Zezé, ainda que ausente agora, tivesse a culpa de accender os sentidos do sergipano. Eu sabia o que se passava entre os dois porque...

Ha infamias deliciosas. Sim, porque eu os espiava.

Espiava-os quasi todas as noites. Vingava-me assim de terem humilhado a bahianinha e privado a mim da sua encantadora presença, a sua presença absorvente.

A' noite, quando eu enxergava luz no quarto de Esperidião, punha um olho na fechadura.

E assistia ás brigas dos dois.

As vezes d. Eulalia parecia sossegada, conversava com calma. Esperidião estava sempre em mangas de camisa esticado na cama e tinha aquelles suspensorios vermelhos. (Eu jurava para mim, não sei porque, serem presente de d. Eulalia).

Collocando o ouvido na porta ouvia tudo. Ella queria vender a pensão e montar uma casa em Santa Theresa, onde alugaria dois ou tres quartos para estrangeiros de luxo. Viveriam como casados.

— E tua filha?

Era sempre a objecção delle.

A filha de d. Eulalia era uma mocinha de quatorze annos, que vivia interna num collegio de Petropolis. Aquella filha salvava-o.

— Você continuará como um hospede como os outros.

Elle insistia, supplicante:

— Dá na vista, Eulalia...

Esperidião descobrira, ultimamente, numa festa a bordo do «Minas Geraes», que o senador Joaquim da Rocha, de Sergipe, tinha uma filha solteira, enjoandinha e rica. A providencia divina preparara este caso maravilhoso: o professor de inglez dava aulas a ella. E Esperidião, que dantes o tratava de caranca fechada, passara agora a convidal-o fazer o chylo pela praia, depois do jantar. Offerecia-lhe charutos.

Elle queria vencer! Havia de mostrar ao ministro da justiça!

Mudei-me. Santa Thereza acolheu, no encanto discreto das suas ruas, o passageante solitario das tardes de verão.

D. Seraphina, minha nova dona de casa, respondera á minha consulta balbuciada e timida:

— Sendo uma p'ssoa só, consinto. Escandalos não quero.

A rua do Curvello é propria para os amores furtivos. Passam alguns estrangeiros que por ali moram. Passam, raros, os vendedores de fructa. E apenas á tarde surge dos portões a garotada plebéa dos cortiços, em algazarra.

Nos nossos dias, a bahianinha chegava logo depois do almoço, muito leve e flexivel, a passo rapido. Antes de bater, já a porta se abria para ella. Em pyjama, eu dava-lhe o beijo da chegada. E fechava a porta de novo.

Meu pai continuava acreditando nas minhas aptidões para a chimica industrial.

Os trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Engenharia Hydraulica eram á noite. Flores não faltava. Representava pontualmente o Estado da Bahia.

Por isso Zezé marcava encontros na praia do Leblon. Ali, num recanto selvagem, diante do mar em furia, ficavamos quartos de hora perfectos, numa felicidade harmoniosa. Uma mulher tão pequena, mas tão forte! Seus braços me apertavam como cordas que me amarrassem.

— Espere, você queima o rosto — eu dizia. Não faça assim. Olhe o rosto, você se queima.

Tirava-me o cigarro, jogava-o longe. Queria-me completamente absorvido nella. Que fazer.

Uma vez meu susto foi enorme vendo approximar-se um sujeito. Vinha devagar, como quem está na certeza calma de encontrar uma pessoa procurada. Meu coração batia forte. Por instincto, apalpei uma pedra que estava a meu lado: era a minha unica arma de morte.

Si elle me desse um tiro?

Zezé Flores, adivinhando o meu terror, disse a sua phrase predilecta:

— Tenha medo não.

Bem. E agora? O sujeito vinha directamente para nós; o dr. Esperidião.

Passou. Zezé abafou um risinho de escarneo. Tomou da minha mão a pedra e perguntou-me no ouvido:

— Atiro?

Gelado, senti a chave girar na fechadura.

Zezé deu um salto na cama. Um pensamento fulminou-me:

— A viagem foi apenas um plano!

Zezé abriu depressa a janella, jogou-me nos braços a roupa e o chapéo e empurrou-me:

— Quando elle entrar, salte por ahi.

A sacada podia ter uns dois metros. Em baixo um gramado extendia-se, ao luar. O pulo era simples.

Sentindo os passos do marido dentro de casa, ella fechou a janella atraz de mim. Na vizinhança, as casas, a pequena distancia, estavam escuras, adormecidas. Escutava-se apenas o barulho do mar.

Vi-me entregue ao acaso de uma cilada. Podia haver assassinos pagos pelo Flores, á minha espreita.

Fiquei espremido naquella sacada, a cavallo na grade. Um instincto de coragem agonizante levou-me a ficar á escuta, abaixado. Ella podia precisar do meu socorro. Pobre bahianinha!

Que era aquillo?

Parecia uma invasão de soldados bebados num palacio inimigo, em praça vencida. Flores derrubava moveis, atirava cadeiras, cambalhotava as mesas, partia os espelhos. Tiniam louças estilhaçadas, garrafas, copos. Um estouro annunciou-me que a estatueta de bronze da etagere fora atirada ao chão. Nossa Senhora! Elle ia matar a bahianinha.

Se eu entrasse de novo?

Seria a confissão brutal da verdade: eu estava descomposto, com as roupas na mão. Não podia entrar. Ficaria. Ficando, Zezé seria capaz de convencer o marido. E banhó-me um fluido quente e entusiasmante de confiança no talento daquella mulherzinha. Ella o convenceria!

Aquelle raciocinio fez-me perder o medo. Esqueci que podia haver assassinos de emboscada. O luar espalhava no mar as suas faiscões de prata.

— Está louco? Está louco?

A voz da bahianinha vibrava.

— Canalha! Eu mato esse homem! Onde está? (A voz de trovoadas).

— Que homem, seu idiota? — ella gritava mais forte, com uma energia aguda.

Uma chuva de sons crystallinos... O lustre da sala de jantar fora partido. Devia ter sido a golpes de bengala. Instinctivamente, imaginei o que seria aquella bengala partindo-me a cabeça.

Ouvi então Zezé guinchar uma coisa suprema:

— Fique quieto!

A phrase pareceu-me de um insondavel prestigio na sua simplicidade imperativa.

— Eu mato!

— Pois mate! Matar a quem? Você ficou idiota? Que significa isto? Quebre á vontade porque o prejuizo é seu.

E elle não vinha até o quarto!

Eu esperava o momento em que Flores fosse procurar-me atraz das cortinas, ou dentro dos armarios. Como não parava de gritar, saberia da sua approximação e podia pular no gramado. Entretanto, Flores se limitava aos gritos e a partir tudo o que havia na sala de jantar.

Senti-me cheio de uma coragem.

— Eu sei que um homem entrou aqui!

Avançou, nesse instante, para a alcova. Dispuz-me a dar o salto surdo. A voz da bahianinha fez-me ficar no lugar:

— Veja ahi! Procure em baixo da cama! Abra o guarda-roupa! Imbecil! Não está satisfeito não? Acordar-me com esse escandalo!

Zezé dauqella vez não seria assassinada. Era evidente.

Escutei uma risadinha ironica:

— Bôbo! Amanhã tem que comprar tudo novo.

— Elle parara.

— Mas como se explica isso, Mauricio?

Tive a impressão de que ella o estava enlaçando pelo pescoço. Senti um ciúme desesperado.

— Bôbo! Só faltou abrir a janella e dar tiros. Ainda é tempo.

Ahi, puf! cahi na relva. Fugi pelo quintal com o chapéo e a roupa nos braços. Na disparada, dei com a testa num arame do varal. Ao choque, cambaleei. Continuei correndo e saltei o muro. Estava no morro.

Offegando, parei.

Em baixo, na claridade da lua, a casa estava quieta, com o ar feliz dos bangalôs de beira-mar.

— Bahianinha!

Entretanto, um ciúme, que eu procurava esconder a mim proprio, picava agora a minha gratidão.

Estariam reconciliados?

O que perdeu Zezé, naquella noite, foi a mania de meu pai. O dr. Flores sossegara, estava já convencido de que a carta anónima fora uma infamia e que a velha, posta ali na praia para espiar se algum homem entrava, mentira e roubara-lhe o dinheiro. No entanto, a «American Review of Chemistry», que eu esquecera no criado-mudo, denunciou irrecusavelmente a presença de um amante.

Então o espelho do guarda-casaca fora sacrificado.

Zezé ainda explicou: tivera curiosidade de ler aquella revista; passando á tarde pelo Boffoni para comprar uns figurinos, appetecera-lhe aquillo.

— Em inglez? Que é que você entende de inglez, infame?

O dr. Flores ficou convencido de que a mulher o trahira com um inglez, ou um norte-americano. Um engenheiro norte-americano, talvez. Um collega! E a idéa de que esse collega estrangeiro o conhecia, zombava delle ao passar, ou lhe apertava a mão com ironia, desesperava-o.

Meu pai foi o culpado. Eu recebera delle, naquella tarde, a recommendação de que não deixasse de ler todos os numeros da «American Review of Chemistry». Na sua opinião, «um chimico-industrial que se preza e que pretende ser alguma coisa na sua carreira, não pode prescindir dessa revista. Ali vem tudo, meu filho.»

Eu comprara aquelle numero. Andava com elle pelos bondes, pelos cafés, como quem é o portador de uma preciosidade. Apenas não conseguia ler dez linhas de artigo nenhum.

Como tirar a illusão de meu pai?

Eu chegara a casa cerca de duas da manhã. Preparava-me para dormir, aliviado por ter escapado daquella, ao mesmo tempo inquieto pelo rumo que tomara o meu caso de amor, quando bateram na janella. O coração pulsou-me violento. Seria o Flores? A bahianinha teria confissão tudo? Espiei pelas frestas da veneziana: Zezé!

— Que é isso?

Eu estava aturdido. Que desgraça!

— Que significa isso?

Um Romance da Terra

Recebi, hontem, aqui na redacção a offerta simples de um homem que eu não conheço mandando-me um livro que eu, tambem, infelizmente não conhecia ainda. Mario Sette, numa dedicatória affectuosa, me mandava o seu «Maxambombas e Maracatús».

Primeiro, commoveu-me a lembrança do autor enviando a um pobre diabo que trabalha, que se esforça, que vive, essa lembrança do seu ultimo livro. Uma offerta de um velho trabalhador das letras para um moço que tambem se metteu nellas e que vae, por este mundo afora, trabalhando e lutando para não deslustrar-as.

Depois, recordei o pouco que sabia do autor. Mario Sette é um escriptor de Pernambuco. Dizia-me, outro dia, Ascenso Ferreira, que quando se fez regional, na sua poesia, foi para melhor se universalizar. O homem do futuro, que pretenda estudar, daqui a centenas de annos, a vida do brasileiro, a sua litteratura popular, os anseios da alma deste povo que está vivendo agora, terá que penetrar nesses livros que tenham coisas locais, que não copiem, no espirito e na forma, escolas ou tendencias litterarias exóticas. Em todos os cantos do mundo tem sido assim. A propria Biblia, segundo a critica realista, outra coisa não é senão uma collectanea de cantos ou de contos populares, daquelles tempos recuados em que a poesia não era senão uma verdadeira forma da religião.

Mario Sette, para Pernambuco, realiza a imagem de Ascenso Ferreira. No romance, na chronica, em tudo, elle só se interessa pela vida pernambucana. A sua chronica é, sempre, sobre um costume pernambucano que se acabou ou que está morrendo; o seu romance historico é, tambem, um momento da nossa vida epica e o seu romance de ficção nada mais quer, nada mais almeja senão tecer um verdadeiro hymno de amor e confiança para o seu torrão. E' sob esse aspecto, que quero vel-o, agora.

Faz muito tempo que eu li «Senhora de Engenho». Faz tanto tempo que até nem recordo mais o nome dos seus personagens. Depois do tempo em que o li passaram, sobre mim e minha vida, longos e trepidantes annos, apagando-me, da memoria, muita impressão recuada para deixar-me, na retina, impressões vivas de uma vida dinamica que se constroe sozinha. A impressão, porém, que «Senhora de Engenho» me deixou e que ainda hoje aceito e defendo é que se trata de um romance da terra. Um romance

da terra e, principalmente, da terra pernambucana.

Ha, ali, um grande personagem vivo em todos esses moços muitas vezes doídos que vão para o Rio em busca da vida. A illusão carioca faz, muitas vezes, mais mal do que o desastre que se soffre na propria terra. E mesmo quando, como no romance de Mario Sette, o moço triumpho, com a carta de doutor ou com o emprego bom, é certo, é positivo, é seguro que a sua terra fica, sempre, no seu coração, como uma saudade e como uma lembrança amavel. O emigrante nordestino será capaz de morrer, no Rio de Janeiro, como o boi do Piauhý que, segundo a lenda, lança os olhos cansados na direcção da sua terra e morre calma, tranquillamente, como todos os bois.

Veja-se, depois, em «Senhora de Engenho» o regresso do mesmo personagem para construir, em Tracunhãem, a sua vida, a sua vida completa. O engenho que se reforma pela idéa nova adquirida no Rio; o coração que se completa, pela reintegração com a terra natal.

Aquella fita, «A Terra dos Deuses», não antecipou Mario Sette. Toda a reabilitação de terra, toda a reintegração do homem com o solo que é um dos temas, e não o menor delles, do film e do livro que o determinou, lá estão, no livro de Mario Sette, como uma constante que é, afinal de contas, a constante de toda a sua vida de escriptor.

E o romance forte, não suggere outra coisa senão isto. Tambem não visou outra coisa e, por isto mesmo, foi um grande romance de Pernambuco.

Não sei si «Maxambombas e Maracatús» tem o mesmo sentido de «Senhora de Engenho». Ha de ter. Uma personalidade não se muda, nem mesmo com a mudança de uma epoca e, em Mario Sette, ainda não se pode dizer que a sua epoca passou. Si quizermos, na verdade, estudar a sua obra comparando as epocas teremos, talvez, que concluir que elle, com a idéa dominante nos seus livros, se integrou na epoca actual. O estudo seria longo e eu não o tento, agora porque, com esta nota, já estou perfeitamente satisfeito somente com o recordar um tempo em que li um bom livro, um grande romance de minha terra...

JOÃO DUARTE FILHO.

(Transcripto da «Folha da Manhã», de Recife.)

— Filhinho, abre a porrrta. 'Ta esperando o quê?

Zonzo, fui abrir a porta.

A bahianinha entrou, o rosto a desaparecer sob um chapéo de velludo em forma de gorro, o corpo macio enrolado num mantô quente como um seio.

Beijou-me.

Apoderou-se do meu quarto, como nas tardes affectuosas. Foi para o espelho e, arrancando o chapéo, appareceu linda no quadro illuminado: o cabello enrolado ápressa, um pouco afoqueada, mas o ar

tranquillo de quem chega de um passeio.

Cahi sobre a cama, num desanimo de homem castigado. Apoiei a cabeça no braço, escondendo o rosto. Muito bem...

Ella chegou-se a mim:

— Que é isso, filhinho?

Ergui para ella uns olhos de lagrimas. Zezé soltou a sua risadinha deliciosa, ironica e contente:

— Tenha medo não...

RIBEIRO COUTO.

(De Bahianinha e outras mulheres.)

Cinema

NO VELHO CHICAGO (*In Old Chicago*) — Direcção Henry King — 20 th, Century Fox. — Como já o affirmaram em numerosissimas produções e como já assignalamos em varias das nossas chronicas, os americanos são excellentes na reconstrução do seu passado historico. Para maior autenticidade de *In Old Chicago* pediu-se a collaboração da «Chicago Historial Society». Não faltou ao film a collaboração de incontaveis especialistas e mesmo de contemporaneos dos acontecimentos apresentados. O estudo dos costumes, das preferencias, dos vicios, de toda a ambiencia de uma cidade de meados do seculo XIX, está alli completo. A atmospheria é a mesma. Percebe-se que si os mortos daquella epoca resuscitassem não achariam differença, encontrariam todas as suas coisas nos mesmos logares, não suspirariam pelo «bon vieux temps».

Quando o advogado O'Leary deixa o tribunal e desce das escadas nós vemos dois pretos sentados relaxadamente pelos cantos; em frente a rua é de um relaxamento incrível. Lamaçal é synonymo de rua.

O «saloon» é a grande tentação dos gozadores do tempo. O «saloon» que as megéras protestantes custaram tanto a liquidar, é o grande lugar do pecado, onde podem ser desrespeitados ao mesmo tempo todos os mandamentos das leis de Deus e dos homens. A entrada do velho O'Leary em Chicago é tambem uma sequencia bem dirigida e bastante esclarecedora do espirito creador dos americanos e da sua enorme coragem para enfrentar as forças poderosissimas da natureza e lograr sempre vencel-as.

A morte do bom O'Leary é cheia de doçura e de sua emoção.

A lavanderia de Mrs. O'Leary e o «Senate» ficarão para sempre na nossa memoria, para caracterizar o velho Chicago.

Em *In Old Chicago* adoptou-se como em *Tale of Two Cities* o systema de explicar o geral pelo particular, de fazer comprehender a vida de toda uma epoca pelo estudo do agrupamento basico das sociedades — a familia.

Em *In Old Chicago* toda a vida urbana se demonstra em funcção da familia O'Leary. Os O'Learys postos em evidencia explicam-nos admiravelmente toda a formula vital de um agrupamento urbano da epoca.

A situação climatica do film é sem duvida o grande, o cataclismico incendio que reduziu a cinzas as construcções vaidosas dos homens.

Mais uma vez o particular, o individual quasi, deita luz intensa sobre o geral. Um simples movimento, o movimento innocente de uma vacca leiteira — Daisy — muda completamente um scenario historico. Um coice e uma can-deia explicam o novo Chicago.

O incendio da cidade é de uma intensidade dramatica enorme. Os nossos nervos quasi que estalam á força de tão intensa vibração.

O sentimento do horror, do abatimento diante do flagello quasi não dá tempo de ter piedade dos que soffreram, dos que padeceram dores sobrehumanas entre as chammas do braseiro.

Hoje, como hontem, Chicago foi uma cidade de pouca sorte.

Hontem entregue aos donos de «saloons», ás mulheres erradas, aos politicos sem alma, a seres impiedosos, e procurando no prazer do corpo, o consolo, ou o esquecimento para a inquietude do espirito.

Hoje, os «gangsters» não deixam a menor duvida de que a nossa passagem por este mundo é extremamente ephemera e facilmente interrompida por algumas grammas de chumbo.

A direcção de Henry King admiravel. Alice Faye ensina-nos o prazer de Chicago; Don Ameche e Tyrone Power mostram-nos o bem e o mal, a natureza e a graça materializados em dois seres humanos.

A velha Alice Brady vive perfeitamente a coragem, o heroismo, a maternidade dolorosa da admiravel Mrs. O'Leary.

BLOQUEIO (*Blockade*) — United Artists — Direcção William Dieterle — Custa a acreditar que Dieterle tenha dirigido *Zola*, *Pasteur* e *Bloqueio*. *Bloqueio* quebra a homogeneidade da obra desse notavel director.

O postigo, o trabalho de studio fazem-se sentir a todo o momento.

O film não nos dá, senão em rarissimos momentos uma visão accetivel da guerra hespanhola.

Certas passagens são incrivelmente romanceadas, mas no baixo sentido, no sentido do romance-folhetim.

Sirva de exemplo a detestavel sequencia em que Marco consegue incitar os seus companheiros á luta.

Peiores ainda são as scenas da estação subterranea de rádio, que mantém communicação com um submarino nacionalista.

As scenas naturaes do campo, do pastoreio, passam.

Dieterle foi mais feliz quando nos mostrou o soffrimento, o martyrio da po-

pulação civil, mantida em constante tortura pelos bombardeios aereos, o horror dos navios torpedados á vista do porto.

Toda a capacidade de resistencia, de resignação da população hispanica, em face de penas tão incriveis, está evidente naquellas faces tristes, encovadas, chorosas, impassiveis á força de tanto padecer.

E mais uma vez se mostra á face de um mundo sem fé e sem piedade, sem sympathia humana, sem solidariedade e sem compaixão pelo soffrimento dos seres, a força da fé e da elevação mystica, que permitem aos justos resistir aos mais incriveis soffrimentos materiaes.

Bloqueio embora mereça tão serias restricções é um libello tremendo, é uma advertencia energica contra a immoralidade da guerra total, tão tranquillamente defendida pela maldade scientifica do general Ludendorff.

E é um attestado seguro de que a nossa especie caminha a passos largos para o suicidio, caso uma mutação brusca não venha produzir variedades novas de seres, uma vez que os actuaes homens, contrariando a todas as leis biologicas tudo fazem para criar o opposto de sua condição optima...

NADA E' SAGRADO (*Nothing is Sacred*) — William Wellman — Pessimismo até a ultima gotta. Aggrava-o o contrapeso do colorido.

AURELIO GOMES DE OLIVEIRA.

«Apresenta-nos qualidades sérias de technica e de expressão», disse-nos o sr. Tasso da Silveira a proposito do primeiro romance do sr. Fran Martins, *Ponta de rua*. Qualidades robustecidas e ampliadas nesta outra expressiva narração do mesmo autor, *Poço dos Páos*, nitido espelho de almas em tudo dignas da pena de um optimo ficcionista.

O sr. Affonso Louzada, já elogiado por nós como excellent fabulista, reaparece-nos com um vivo e substancioso ensaio sobre *Mello Mattos*, a quem dá o justo cognome de «apostola da infancia». O homem que tanto fez pela sanidade e educação das nossas creanças é evocado com uma sympathia intelligente que não deturpa nunca o senso definidor do biographo escrupuloso.

Acaba de apparecer:

REVISTA DO SERVIÇO DO PATRIMONIO HISTORICO E ARTISTICO NACIONAL

Em todas as livrarias ♦♦ PREÇO: 4\$000

Pedidos á Civilização Brasileira S. A.

RIO DE JANEIRO

DE LISBOA

Panorama Litterario do Brasil

«Les grandes œuvres littéraires ne sont pas seulement ces merveilleuses réussites de l'art et de l'esprit, où une pensée originale, un sentiment authentique, une impression vive trouvent pour s'exprimer une forme parfaite, ou une cadence neuve: elles sont aussi de poignants témoignages d'humanité.»

«En même temps que l'œuvre révèle ainsi «l'âme obscure» de l'auteur, si discret qu'il ait voulu être, elle ne reflète pas moins les sentiments profonds, les désirs et les angoisses d'une époque, dont tout créateur devient l'involontaire témoin».

Robert Garcia, autor das palavras transcritas, viu estes problemas com exactidão. Pois que, se nós sabemos que cada artista, como homem, é sempre a resultante de determinados conflictos, tanto basta para nos provar que a obra de arte é sempre um testemunho de humanidade. Viando segundo o grau de engrandecimento geral conquistado. Não se é isto ou aquilo a capricho proprio — mas sim em virtude dum determinismo inviolavel. Eis o ponto com que chocam todos aquelles que querem revelar-se independentes do temporal na sua obra de criação — quando temporal é o seu proprio precedente, — quando temporal é o seu proprio sub-consciente em formação.

Expressão eloquentissima duma humanidade poderosa, é já inútil aponta-lo — representa a litteratura brasileira, — a extraordinaria litteratura do novo Brasil. Surprehendente — sem duvida, é toda a sua vitalidade, — vitalidade que surge da terra, — romântica, — dramatica, — gritante. O Brasil de hoje é indiscutivelmente um clima litterario como nenhum. Clima — formado na dissociação dos seus elementos — formado na junção de todos os outros elementos — que fundiu, amoldou, misturou — e revelou.

As palavras de Alexandre Bruck sobre o phenomeno litterario russo são bem adaptadas ao Brasil de agora: «Saca su fuerza exclusivamente del contacto con el suelo nacional, y para su comprensión es necesario el conocimiento de este suelo, la familiaridad con su ambiente, y precisa penetrar en el estudio de la tierra y de sus condiciones, de la historia y de la tradición»

De facto assim é. E Gilberto Freyre, o notável sociologo da *Casa Grande & Senzala* não confirma largamente. E' que, se a litteratura brasileira é um caso de poderosa grita esthetica, — essa grita não é um devaneio sem sentido, uma mera distracção de espirito desoccupado. Ao contrario — é a terra, é o cais, é a seiva, é o homem, o céu, o mar — tudo que explode em selvatica expansão de instinctos, — pregando a campanha da libertação e da marcha para a vida plena; — povo crescido sobre si mesmo — feito gigante pelas suas proprias forças, — pela ansia de conquistar-se num futuro escaldante e definitivamente digno.

Não posso abstrahir aqui a citação desse maravilhoso poema de João de Barros Anteu: o homem vergado pela força do

hercules — que no caso brasileiro era o clima geral — dobra-se até ao chão — desfallecido: mas eis que o contacto com a terra o penetra de energias, e Anteu — o vencido — feito gigante sobre si mesmo derruba hercules. Tal o renascimento actual do Brasil. Povo a quem a Natureza escravizou durante séculos — em quem só são reconheciveis os traços de sub-raça, como deixa perceber G. Freyre, — e no proprio solo, no proprio clima, se fortalece e edifica. Que admiravel exemplo de humanidade vencedora do seu proprio destino, construida na sua propria superação. Gilberto Freyre, no seu meticuloso trabalho, vinca, com nitidez, a formação da familia brasileira. Natureza de contrastes aberrantes — de destruidoras irregularidades; — solo instavel, atmosphaera dissolvente e variavel dum ao outro extremo, — raça surgida do cruzamento das raças mais diversas, penetrada e construida no choque das mais diversas religiões, resultava, fatalmente, uma raça sem raça, uma raça sub-raça — mas justamente enorme por esse incaracteristico exclusivo. Porque é essa ausencia de caracteres ethnicos definidos que lhe imprime physionomia ethnica — e lhe permittiu a surprehendente revelação dos nossos dias. Ali, vem já dos tempos antigos, dominam os fetiches, as ensombrações, — ha os espiritos que habitam as pessoas, — um temor toma tudo — paira por toda a parte. E assim nós temos os escriptores que nos falam dos que «viraram» lobis-homens, como no pae do santo Jubiabá, os cavallos brancos correndo pela floresta, de noite, mais

velozes que os saveiros — ou dos que viraram santo — ficando como «tabú».

Em summa — toda aquella gama do Brasil dos tropicos — do Brasil da secca, da casa grande e da senzala — tudo isto posto através uma litteratura viva, capaz das mais variadas expressões: ora casta e affectuosa, ora impulsiva e despotica, ora sentimental e terna. Tal qual o clima brasileiro, levado nessa fusão de oppostos — nessa conjugação de energias dispaes.

JORGE AMADO

A leitura da obra de Jorge Amado é um permanente desdobramento de belleza. Parece confirmar-se a opinião de que o grande escriptor do *Jubiabá* insiste por vezes demasiado na mesma tecla. Assim será, com effeito; posta a série dos seus livros desde o terceiro, — *Jubiabá* — ao que creio o seu melhor trabalho —, *Mar Morto* e *Capitães da Areia* são, até certo ponto, derivações daquelle. Entretanto, acredito firmemente que os méritos de Jorge Amado nada perdem com isso. Porque estou plenamente convencido de que o arranjo, a urdidura, a technica, é o que menos preoccupa o romancista. Assim, tinha coisas a dizer, corações a saciar, multidões que o amavam, — e o seu mundo interior atirou-se dum jacto. Sahiu romance como poderia ter sahido outra coisa qualquer. Porque o que sahiu foi belleza. Belleza viva, — belleza-drama, — belleza das multidões opprimidas.

Porque de qualquer forma, — em qualquer momento —, Jorge Amado tem um mundo de belleza a reproduzir. E esse é o Mundo de Jorge Amado verdadeiro. Um Jorge Amado que antecedeu, dominou e ultrapassou as regras estheticas. Por isso, a obra de Jorge Amado — mais do que analyse, é expansão de instinctos — é sublevação de massas. Massas frementes de mundos enormes — de surprehendentes energias de vitalidade.

LINS DO REGO

Em Lins do Rego — os aspectos, identicos na forma intima de rebellião, — são outros. Particularmente interessa-me uma das facetas da sua personalidade: — a sua invulgar capacidade de reflexão sociologica. O escriptor de *Usina* — afigura-se-me —, tem especial predilecção pela formação social de ambientes. *Pedra Bonita* — o seu ultimo livro que a Livraria José Olympio agora editou, confirma essa impressão. Através Lins do Rego assistimos á criação de mundos e á sua segregação; — ao erguer e morrer de superstições, — á mutação populacional de ambientes.

De certo que, como outros tem apontado, os seus livros encerram apreciavel quantidade de superfluo, digo: — podiam condensar-se mais. Todavia Lins do Rego consegue este trabalho admiravel, — talvez justamente nessa accumulacão de superfluo: transmittir com nitidez e suggestão — a gamma intima de povoações inteiras — a expressão de agrupamentos gregarios adormecidos.

Collecções encadernadas do

BOLETIM DE ARIEL

COM O INDICE DE ARTIGOS E CITAÇÕES

Temos á venda collecções de todos os annos

Preço do volume encadernado 40\$000

Pedidos a

ARIEL EDITORA LTDA.

Rua 7 de Setembro, 162-1.º and.

RIO DE JANEIRO

ERICO VERISSIMO

Erico Verissimo — é um escriptor de mundos castos — de personagens puríssimos.

Maria Jacinta, a esclarecida directora de *Esphera*, — analysou-lhe a obra com penetração. Poz em confronto o grande escriptor de *Musica ao Longe* com o nosso Eça. Porque na realidade, Erico Verissimo, como apontou Maria Jacinta, conseguiu esta coisa rara: — penetrar o ridiculo familiar, o ridiculo das coisas. De tal maneira, porém, que tudo em Erico Verissimo assume grandeza. Erico Verissimo possui o dom de destruir o que deve destruir-se — sem magoar. Porque não ataca, — não faz apologia de nada. Foca o caso somente — como parcella do ambiente real dos seus livros.

João de Barros em artigo recente no *Primeiro de Janeiro* comparava-o, pela pureza, a Julio Diniz. Exacta a comparação. Porém — só após. Se bem julgado, Erico Verissimo está muito para além, como escriptor formado, de Julio Diniz. Melhor: Julio Diniz — bellissimo — fica como escriptor de formação geral muito aquém de Erico Verissimo. Aliás João de Barros, no seu artigo, focava mais propriamente *Musica ao Longe*, do que o escriptor. O *Musica ao Longe* é bem um livro adoravel, nada menos que um *Pupillas do Senhor Reitor*. — Mas *Caminhos Cruzados*, *Um Lugar ao Sol* que espantosos trabalhos, que surprehendedentes pedaços de vida!

Erico Verissimo tem a virtude duma propensão innata para o romance —; tudo nelle é admiravelmente equilibrado. Os seus personagens são daquelles a quem queremos, com quem vivemos intimamente.

MARQUES REBELO

Tres Caminhos de Marques Rebelo, é de *Clarissa*, todo elle, e de *Musica ao Longe* em grande parte, que o aproxima. E o autor — é ao lado de Erico Verissimo que o colloco.

Como Verissimo — sem todavia haver da parte de qualquer delles offuscamento de personalidade — Marques Rebelo é um escriptor de mundos adoraveis, levíssimos — tocando o subtil das coisas com uma graça de maravilha. *Tres Caminhos* — um livro simples suggestivamente simples!

Mas tudo isto tal qual Verissimo sem abandonar um só instante o real dos ambientes, — melhor: — historias graciosissimas justamente pela forma simples, natural — perfeita, como são movimentadas. E grandioso, no meio de tudo, o carinho com que os personagens são tratados pelo escriptor. Ha mundo ternissimos cheios de eloquente candura e vibração.

RACHEL DE QUEIROZ

Outro caso o de Rachel de Queiroz. Rachel de Queiroz é ainda um motivo identico aos anteriores. *Caminhos de Pedras* — mundos enormes de sensibilidade — aspectos rebeldes a todas as normas exteriores. Com a variante de que, emquanto com Marques Rebelo o caso se circumscreve, em *Tres Caminhos*,

a um ambiente familiar a viver de si e para si mesmo, em Rachel de Queiroz temos a revelação duma romancista com largo poder de analyse social, — uma romancista que movimenta os mundos da rebellião applicada, — põe os homens em «classes», imprimindo-lhes, ao mesmo tempo que actuação confiante como «massa», a natural desconfiança em representantes de outras classes poucas vezes firmes e quasi nunca devotadas.

Ao lado, em caminhada constante, o homem a viver-se pela sua realidade inicial — sem classes — sem dogmas. Rachel de Queiroz, realizou no Brasil o romance de applicação social — o mundo de onde brotam instinctos de constante superação.

GRACILIANO RAMOS

E agora um pouco de Graciliano Ramos visto que foi tocado este pequeno ponto. O instincto sublevado que Rachel de Queiroz apresenta em *Caminho de Pedra*, é, por assim dizer, um instincto que, comquanto em bruto, possui já aquella capacidade de «controle» critico, capaz de lhe determinar um meio de acção. Assim, a tragedia apparece num grau em que já sobre si ha uma apreciavel consciencia dos individuos que a vivem — isto é: a tragedia que já raciocina sobre os seus problemas.

Vidas Seccas, de Graciliano Ramos, é ainda um livro como *Caminho de Pedras* no qual se vislumbra a pureza de affectos e a castidade de sentimentos, mas em que o fundo da tragedia é mais esmagadoramente tragico. Ali fala-nos um mutismo mais fundo, a realidade mais dramatica. Homens, amiantes reduzidos á negação total, — aos instinctos obscurcidos.

Enaida, tambem em *Esphera* — aponta: «natureza» e homem dentro do mesmo enorme soffrimento».

Na realidade, o soffrimento em *Vidas Seccas* é geral: — é o soffrimento de homens e da terra — escravos dum clima dissolvente e dos empregados ociosos. Neste livro, Graciliano Ramos attinge a profundidade maxima: *Vidas Seccas*, livro pequenissimo, é uma poderosa synthese. Ante o leitor apparece um quadro gigantesco, grandioso. Mas grandioso não pela parte mais ou menos decorativa que lhe imprimiu o talento fantasista de Graciliano Ramos. Ao contrario, o grandioso aqui reside na ausencia total de adornos, na força do incomposto! Quadro em que só a aridez fala, só o mutismo ambiente grita. Um cão e quatro figuras humanas — sem detalhe; num pedaço de terra sem detalhe.

Concluo este artigo — que teria de ser muitissimo longo para apontar algumas particularidades salientes na generalidade dos escriptores — ainda com palavras de Robert Garric — a todo o proposito para o nosso caso: «Et voici que depuis quelques années un autre accent passe à travers notre litterature. La crise n'a pas seulement déclenché les inquiétudes économiques et sociales, ce n'est pas seulement le monde des valeurs matérielles qui a paru menacé: c'est au fond des œuvres les meilleurs un sen-

timent nouveau du tragique. Non pas un tragique de drame ou de mélodrame, qui s'exprimerait violemment, mais un tragique plus concentré et plus sourd, une inquiétude sur l'homme et son destin, un appel confus et angoissé qui pourrait bien être la voix même de notre temps».

Na realidade tal é a litteratura brasileira de hoje: um tragico mais concentrado e mais surdo, uma inquietação sobre o homem e seu destino, um chamamento confuso e angustioso que pode bem ser a propria voz do nosso tempo.

AFFONSO DE CASTRO SENDA.

(Transcripto de «O Diabo», de Lisboa, de 26 de Junho de 1928).

— O sr. Epicteto Fontes é um subtilissimo urdidor de contos, dos quaes nunca está ausente um superior interesse litterario. Duplamente da familia de Martins Fontes, do grande poeta do *Verão*, parente pelo sangue e pelo entusiasmo em relação ás coisas de arte, o sr. Epicteto deu-nos no *Amor de sangue* um livro que é bem escripto porque começou por ser bem pensado. Incapaz de rebaixar-se no vicio da vulgaridade, um tal narrador figura hoje entre os bons prosadores da Paulicéa.

— O sr. Archimedes de Mello Netto estuda os *Aspectos da influencia portugueza em Limoeiro*. Esta formosa cidade pernambucana deve, com effeito, muito e muito á capacidade de coordenação social que foi sempre uma das forças da gente lusa. Dahi o interesse do substancioso folheto do sr. Mello Netto.

— Já bastante conhecido nosso através da *Musa matuta* e de um livro em que ha tres ensaios sobre autores patricios, o sr. Exupero Monteiro volta a deliciar-nos com a *Musa aldeã*, volume de versos onde fica ainda uma vez evidenciado que a simplicidade é o melhor caminho para chegar á verdadeira poesia.

— «Cuentos de pasión», é o sub-titulo da collectanea *La eterna esjinje*, de Otto Miguel Cione, que nos chega de Montevideo, graças á cortezia da Sociedade dos Amigos do Livro Riopratense. São, na realidade, contos cheios de arrepios de vida intensa, mas de uma dramaticidade que não recorre nunca em prejuizo da arte de narrar bem, de narrar com talento, com idéas e estilo.

FRANK H. TYLER

PROFESSOR DE INGLEZ



Av. Paulo de Frontin. 358

— Trata-se depois das 20 hs. —

TIRO — E — QUEDA

O sol cahia no occaso, lá por detraz da serra Negra. A caatinga enorme, esbatida, recebia os ultimos raios do astro rei. A força com que elle causticara, torrando aquelle chão, tirando chispas daquelles cascalhos nús, punha dormencias em tudo. Tinha outro som o *blem-blélem* dos chocalhos dos pequeninos bois de enormes chifres, as alpercatas dos homens que regressavam do trabalho no campo arrastavam mais de leve na estrada levantando uma poeira fina. O sino da igreja da povoada da Ribeira, compassadamente, tocou o signal da Ave Maria. Hora de unção universal. No ceu, as primeiras estrellas. E, do outro lado da serra, saindo de detraz do pico da Itabayana, o disco muito grande da lua recobrando a caatinga com a caricia meiga da sua luz sem calor.

No barracão do mercado um clarim militar põe estridencias no espaço. Rancho. Dos botequins, de varias casas, de varios grupos de conversas, saem homens bronzeados, calçando alpercatas do typo usado pelo sertanejo para as grandes caminhadas pelo matto, com guarda para o peito de pé, calças de mescla meio curtas, dolman, chapéu de couro quebrado para cima na frente, todos diversamente armados; grandes punhaes atravessados, revólveres ou pistolas. Soldados da volante do tenente Argemiro, uma das forças mais temidas no combate ao cangaço. Como que a vida morre no exterior. Nem viv'alma nas ruas; dos telhados baixos das casas se esgarça uma fumaça tenue. Anda no ar um cheiro de xarque assado na brasa. E, de vez em quando, um choro de criança. Na pequena praça onde fica a igreja, subindo para o ceu mais alto que a cruz, as duas hastes esguias de pau ferro, antenas da estação de radio-controle do serviço de volantes.

— Alguma novidade, sargento?

— Não... besteira. O grupo do Zé Bahiano deu fogo com a força do tenente Arsenio perto do Saco...

— Mataram algum bandido?

— Não. Deve ter ficado algum ferido porque acharam rastro de sangue...

— E soldado, morreu algum?

— Morreu um...

Nos olhos do menino que fazia as perguntas, ao ouvir a noticia de que havia morrido um soldado, accendeu um brilho differente; com a mão direita fechada bateu na esquerda espalmada; e ra sua bocca sahio uma phrase de intima satisfação:

— Eta ferrol!

O sargento encarregado da estação de radio, debruçado na janella, chamou o garoto.

— Vem cá, menino.

O menino voltou.

— Inhôr...

— Tu gosta quando elles mata praça?

O menino olhou o sargento sem responder e vagueou o olhar em redor.

— Responde, menino!

Os olhos do menino tornaram a parar nos do sargento. Com os dedos indicador e maior-de-todos, da mão direita, mergulhados na bocca, o garoto não dizia nada.

— Tira estes olhos de cobra ruim de mim, pestinha! Tu não, vai dá coisa boa...

Na sala o aparelho chamou o operador e o garoto seguiu para o lado do barracão onde estava aquartelada a volante. Terminado o rancho a soldadesca armava as rêdes; alguns tocavam viola, outros samphona. Quasi todos cantavam numa voz masculina sem vibração. Dir-se-ia que o sol havia queimado as modulações vocaes nas larynges. O motivo não variava. Lampeão e seus satellites eram material bastante para a inspiração da volante.

«Eu armei uma arapuça
prá pegá um gavião,
peguei uma cobra preta
que'ra a mãe de Lampeão...»

E o estribilho cobria o ultimo verso:

«E' lamp, é lamp, é lamp,
é lamp, é Lampeão...»

Sentado numa cangalha um soldado, com a ponta do punhal, arrancava pedrinhas que na marcha recente se haviam entranhado no calcanhar rachado pelo calor. O menino foi se chegando para perto até que parou defronte com os dois dedos mettidos na bocca e a mão esquerda para traz. Quando o soldado levantou a cabeça, elle, tirando os dedos da bocca, estendeu a mão direita:

— A bença, seu Prejuizo?

— Deus lhe abençõe e lhe dê boa sorte... Comadre tá boa?

— Tá, inhôr sim...

Calou um pouco. Dahi a pedaço pediu:

— O senhor conta uma historia, hoje?

— Qual é a que você quer?

— Aquella da luta de Mirandela...

Prejuizo era um soldado veterano na luta contra o cangaço; preto valente, velho batedor da caatinga, era disputado pelas volantes. Sentado na cangalha repetiu para o menino a historia daquelle ataque inesperado de Lampeão á villa de Mirandela. A entrada. Os soldados cavando os buracos onde iam ser enterrados. Cinco. Depois o martyrio. Um enterrado vivo. Outro com a carotida rasgada. Outro com o ventre picado a punhal... Outro...

Prejuizo interrompeu um pouco a narrativa. Parou os olhos na cara do garoto:

— Mais tu gosta mesmo disto?

O menino balançou a cabeça. O incerdio. As mulheres... Prejuizo contou tudo. Depois, fechando um cigarro de palha:

— Mais um dia é da caça e outro do caçador... Oito dias despois nós pegamos o grupo acampado... E botamos a cabeça de tres bandidos de conserva. Sahiu no jorná; tu qué vê?

— Isto num tem graça, seu Prejuizo... Qui vantagem tem macaco de matar bandido?

— Tu tá perdido, num tem jeito...

— Hein, seu Prejuizo, o senhor acha que elle vem aqui?

— Lampeão? Num duvido. A zona é delle; um dia que a gente saia elle

chega; elle agora até que anda destrocado; perdeu Volta Sêca; mataram Curisco; acabaram com o grupo do Zé Sereno...

— Mas elle tem corpo fechado; ninguem acaba cum elle...

— Ué... Diz a elle prá ficar na minha mira, quietinha...

— Cumo é que elles briga?

— Até parece uns diabo... Pulam, gritam, urram, chingam... a gente fica com o coração querendo parar... E' preciso sê home... e ter amor á vida...

Lá da esquina veiu um assovio; o garoto levantou-se.

— Os cumpanheiro tão chamando; a bença, seu Prejuizo?

— Deus lhe dê juizo, meu filho...

E, mettendo os dois dedos na bocca lá se foi o menino correndo. Na esquina do botequim havia um grupo grande de garotos, cada um armado de bodeque.

— Quantos tem? perguntou o menino que chegara.

— Vinte e quatro...

— Dezeseis macacos e oito bandidos... respondeu depois de contar nos dedos.

— Eu sou o chefe da volante; gritou um garoto pallido, esguio.

— Tu só dá mesmo prá meganha... respondeu o que chegara. Pois eu vou ser o chefe dos bandidos e tu vai vê...

Cada um escolheu o seu pessoal. Os dezeseis volantes seguiram para um lado e os oito bandidos tomaram outro rumo. Iam calados. Até que um falou:

— Zequinha, nós vamo apanhá... A volante é uma vez maior do que a gente...

— Cangaceiro não apanha... e se você tá cum medo é melhor dizer logo.

— Não... qui medo...

— E'. Nós hoje vamo tomar Mirandela...

— Chi... ô pêga! Você tá ficando mesmo um Lampeão...

— Qui Lampeão qui nada... Vou arranjar um nome prá mim...

Metteu a mão no bolso e tirou um seixo; pôz no bodeque; fez a mira e disparou. Ouviu-se um ruido de vidro estilhaçado. Certo na janella da igreja.

— Tah!... Tiro-e-queda!

O bando exultou. Tiro-e-queda pôz termo ás manifestações de regosijo dando ordens.

— Nós vamos tomar Mirandella. E' no curral do conselho. Tres entra pelo fundo e quatro pela frente... E' prá atirar de verdade...

— Elles tambem vão atirar, Zequinha?

— Ninguem aqui se chama Zequinha; é Tiro-e-queda... E você tá cum molleza... Bom pra sê meganha...

— E' melhor amarrá, chefe.

O garoto começa a chorar.

— Pintado, amarra elle ahi no moirão...

OMER MONT'ALEGRE.

— *Figuras contemporaneas* intitula-se uma collecção da Norte-Editora, em que os srs. Helio Sodré, Bulcão Junior e D'Almeida Victor depõem, respectivamente, sobre *Stalin*, *Mussolini* e *Salazar*. Tres assumptos de fremente actualidade.

Discos

GRAVAÇÕES POPULARES

Odeon — 11625 — «Na Bahia», samba-jongo de Herivelto Martins e Humberto Porto; e «Meu radio e meu mulato», choro de Herivelto Martins. O primeiro é excelente. Carmen Miranda tem uma grande oportunidade de mostrar que é a única verdadeira expressão feminina da nossa musica popular. Dalva de Oliveira com o seu trio entra tambem no disco e mostra, de maneira categorica, o que já se disse sobre ella: qualquer coisa de inteiramente novo e bom entre nós. Acompanhamentos do conjunto regional, bons. O segundo pouco mais é que apreciavel. E é cantado apenas por Carmem Miranda, que empresta sua graça mais uma vez com successo. Com successo principalmente para o autor.

Odeon — 11623 — «Pra que mentir», canção de Milton Amaral e «Encantamento», canção de Francisco Alves e Gilka Machado. Eis duas peças de finissima mediocridade, embora cantadas com muita expressão por Francisco Alves. Acompanhamentos da orchestra Copacabana. Ha um detalhe: «Encantamento» tem letra de Gilka Machado, o que aliás não melhora em absoluto a produção.

Odeon — 11629 — «Canção discreta», de Henrique Vogeler e Martins Fontes; e «Cabeça de Cuia», lenda piauiense de Pedro Silva. A primeira tem a letra de valores litterarios para fazer letras de musicas populares, letras que antigamente eram compostas pelo Zé Comfome, pelo J. Silva, pelos Dungas e etc. Não deixa de ser interessante a tentativa. As grandes canções populares europeas e americanas frequentemente têm letras dos mais famosos poetas. Mas os dois exemplos nacionaes deste mez fazem com que a gente ainda continue a preferir Zé Comfome e Cia. Ambas as canções são cantadas pelo famoso canastrão Gastão Formenti e, como dizem certos annuncios de radio, está dito tudo. Chamamos a atenção para Pedro Silva que se tem mostrado intelligente compositor e certa peça delle gravada por Almirante é, realmente, qualquer coisa de notavel no aproveitamento de nosso folk-lore. Acompanhamentos da Orchestra Copacabana, bons.

Odeon — 11628 — «Elle não dorme sem apanhar!» chorinho de Cicero Nunes; e «Justiça», samba canção de Dunga. Dircinha Baptista canta o primeiro com Barbosa Junior e o segundo sozinha. Apesar dos pezares não se pôde dizer que não faça com uma graça pessoal. Lamentavel é o sr. Barbosa Junior, o eterno humorista. Acompanhamentos do Grupo Odeon, bons.

Odeon — 11621 — «Churrasco», rumba de Djalma Esteves e Augusto Garcês; e «Chimarrão», rumba de Djalma Esteves. Não podiam deixar de ser material ordinariissimo, de classe incrivelmente cretina. Rumba é uma musica popular característica. Imital-a é asneira. E' excelente para cubanos que a fazem realmente bem feita. Os americanos orchestram muito as rumbas, mas fogem o mais

possivel de inventar rumbas. Nós já temos uma musica popular bastante apreciavel e só devemos cuidar della. Imagine um hungaro fazendo sambas. Fatalmente seriam monstruosos. Pensem os autores de «Churrasco» e «Chimarrão» com que adjectivos elles devem ser apreciados em Cuba... Estas duas bobagens são cantadas por Francisco Alves e Linda Baptista. Se houvesse notas, teriam um bom zero.

Odeon — 283161 — 283162 — 283163. «Whistle While You Work», fox; J'm Whisteing», fox; «Heigh-Ho» (marching song), fox; «Some day my prince will come», valsa; «With a smile and a song», fox; «One song», fox; Todos de Larry Morey e Frank Churchill. Do filme «Branca de Neve e os sete anões». Eis uma collecção preciosa da musica americana. Composições magnificas, já pela inspiração, já pela orchestração. Desempenho de Freddie Rich e sua orchestra, figura nova que vem mostrar que vale muito.

M. R.

— Existem finas notações psychologicas no romance *Casa de saude*, do sr. José Augusto de Lima. E' uma narrativa de meios tons marcados com muita brandura, por quem sabe manifestamente ler em certas almas rebeldes a um exame apressado. Um dos bons livros de 1938.

— Biographo de Carlos Gomes e Humberto de Campos, o sr. Hermes Vieira é um trabalhador que não se esfalfa e tambem não esfalfa a paciencia do proximo. Tem elle sempre alguma coisa de util e suggestivo a dizer-nos. Tal nesta attrahente *Historia das Missões*, onde encontramos paginas, ao mesmo tempo substanciosas e poeticas, sobre os salesianos, os jesuitas, os franciscanos. Não ha um grande catechista que elle não admire e louve. Obra de bom christão que não acha a arte de bem escrever um peccado digno do Inferno.

— E' o sr. Celso Augusto ainda muito moço para ser um poeta perfeito. Mas é um poeta, um poeta puro, e isto lhe basta. Para socorrer-me de dois titulos da *Santa Cruz do caminho*, suas melhores paizagens são «chromos» e seus melhores versos de amor são «toadas do coração». Gosta elle de vagar junto a esses lindos rios paulistanos em cujas proximidades tambem vagaram Alvares de Azevedo e Fagundes Varella. Concital-o a proseguir é apenas querer mais um esplendido artista para o Brasil de amanhã.

— Ficcionista victorioso do Macão, o sr. Aurelio Pinheiro, temendo o perigo da monotonia, foge agora ao romance de costumes e embrenha-se no romance de aventuras. Aliás se mette com tal segurança pelo novo genero que dá antes a sensação de um velho familiar dos temas em que são mestres Aymard e Benoit. *Em busca do ouro* faisca aos nossos olhos com todas as miragens das riquezas amazonicas. E' livro de que o leitor não se desprenderá sem lhe ir ao desfecho, ansiado de emoção.

Ultimas Novidades

ARIEL

Gastão Cruls

HISTORIA PUXA HISTORIA

(Contos)

VERTIGEM

(2.^a edição)

Cyro Martins

SEM RUMO

A. da Silva Mello

PROBLEMAS DO ENSINO MEDICO E DE EDUCAÇÃO

José Simplicio

RETRATO

POPULAR DE UM HOMEM

René-Albert Guzman

CIUME

5.^a edição

12.000 exemplares

Stendhal

DO AMOR

Traducção de Marques Rebello e Correia de Sá

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Boletim de Ariel pede aos srs. editores ou autores que lhe remetam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possível.

- Ernani Fornari — O QUE O BRASILEIRO DEVE SABER — 2a. edição — Ariel Editora — Rio.
 Estevão Pinto — OS INDIGENAS DO NORDESTE — 2.º volume — «Brasiliana» — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
 Luiz Norton — A CORTE DE PORTUGAL NO BRASIL — «Brasiliana» — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
 Afranio Peixoto — CLIMA E SAUDE — Brasiliana — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
 Luiz Edmundo — O RIO DE JANEIRO DO MEU TEMPO — 3 volumes — Civilização Brasileira Editora — Rio.
 Telmo Vergara — NOVE HISTORIAS TRANQUILLAS — Livraria do Globo — Porto Alegre.
 Paulo Correia Lopes — POEMAS DA VIDA E DA MORTE — Livraria do Globo — Porto Alegre.
 Eugenio de Castro — RELAÇÃO BIBLIOGRAPHICA DE LINGUISTICA AMERICANA — Rio.
 Djacir Menezes — PREPARAÇÃO AO METHODO SCIENTIFICO — Bibliotheca de Divulgação Cientifica — Civilização Brasileira — Rio.
 Ivan Monteiro de Barros Lins — MARTINS FONTES — Rio.
 P. A. Negromonte — PEDAGOGIA DO CATECISMO — «Vozes de Petropolis» — Petropolis.
 René Thiollier — A LOUCA DO JUQUERY — Contos — São Paulo.
 Luiz de Andrade Filho — SORTILEGIOS — Versos — Cadiz.
 José de Mesquita — PIEDADE — Romance — Cuyabá.
 Aires da Matta Machado Filho — ESCREVER CERTO — 2a. série — Editora A.B.C. — Rio.
 Raymundo Moraes — O MIRANTE DO BAIXO AMAZONAS — Romance — Companhia Melhoramentos — São Paulo.
 Aureliano Leite — AMADOR BUENO, O ACCLAMADO — Romance historico — São Paulo.
 Fran Martins — POÇO DOS PAUS — Romance — Fortaleza.
 Affonso Louzada — MELLO MATTOS — Rio.
 Hermes Vieira — HISTORIA DAS MISSÕES — São Paulo.
 Herculano Rebordão — CAMINHOS DO MEU OLHAR — Versos — Editora Pongetti — Rio.
 Luiz Teixeira — PERFIL DE SALAZAR — Lisboa.
 Alvaro Las Casas — OS DOIS — Romance — Editora A Noite — Rio.
 Olegario Marianno — DA CADEIRA N.º 21 — Editora A Noite — Rio.
 Mariza Lyra — BRASIL SONORO — Editora A Noite — Rio.
 Joaquim Paço d'Arcos — ANA PAULA — Romance lisboeta — Parceria Pereira — Lisboa.
 Isidoro de Maria — MONTEVIDEO ANTIGUO — Soc. Amigos del Libro Rioplatense — Montevideo.
 PENSAMENTO — Revista Mensal de Divulgação social e scientifica, arte e litteratura — Porto — Numero 100.
 REVISTA DE PORTUGAL — Coimbra — Numero 4.

— Successo de livraria, successo do espirito, o obtido pelo sr. Nelson Werneck Sodré com a publicação da *Historia da Litteratura Brasileira*, onde estuda muitos aspectos da nossa evolução cultural com a preocupação dos fundamentos economicos.

— *A louca do Juquery*, do sr. René Thiollier, arrola alguns juizos, bastante favoraveis ao autor, de Medeiros e Albuquerque, Goulart de Andrade e Hermes Fontes. O sr. Thiollier, entusiasta dos movimentos modernistas da Paulicéa, já nos deu um excellente trabalho sobre o abolicionista Antonio Bento. Quanto ao volume *A louca do Juquery*, compõe-se de contos lepidamente traçados.

— Obra de amizade intellectual, mas tambem de critica erudita e austera, é a consagrada pelo sr. Ivan Monteiro de Barros Lins á memoria de *Martins Fontes*. Trata-se ahi, especialmente, do ingresso do poeta nos dominios de Augusto Comte. Trabalho de emoção e raciocinio.

« ALLELUIA »

Eis um poeta jovem de quem appetece falar bem. A sua poesia é nitida e serena embora seja difficil e complexa a sua expressão formal. Desta se pode affirmar que é, por indole, inimiga de rythmos. Jorge de Lima, o grande Poeta brasileiro, apresenta Ivan Ribeiro desta forma: «a sua poesia é uma poesia que, não parando no homem ou nos fins immediatos e accidentaes do homem, vae além mesmo de seus fins Moraes, ao além de toda a vida humana, a eternidade de Deus». E' effectivamente, o autor de *Alleluia*, um lyrico que não precisa de regatos para mirar-se. O alvo de seus olhos fascinados é o Céu — não para implorar o perdão de suas fraquezas humanas — mas para, sem arrogancia, dialogar com Deus sobre a belleza terrena e natural.

Fiel ao brocardo de Jorge de Lima: «*Restauremos a poesia em Christo*»: e comprehendendo o que essa divisa contém de inquietação intellectual, Ivan Ribeiro surprehende, para além das formas bellas e coloridas das suas paizagens, a força mysteriosa capaz de as aniquillar ou de as transformar. Mas essa realidade divina transparece, no seu livro, apenas como uma *temperatura*. O poeta Ivan Ribeiro é orgulhoso e voluptuoso: ama as ondinas verdes, os braços morenos, as garças aladas e as proprias deusas de corpo harmonioso. E' marinheira, quasi sempre, a sua voz. O mysterio vela, porém, todas as realidades humanas do Poeta: para lá das formas, domina o *espirito* ao qual Ivan Ribeiro consagrou seus cantos. Essa *dualidade*, contida na expressão temente e lyrica dos seus poemas, todos famintos de Deus, e na tendencia do Poeta para obsidiantemente nos dar imagens voluptuosas e arfantes, é a maior singularidade do seu livro. Dahi, as suas paginas coloridas, intensas e, só em ultima instancia, *religiosas*.

Moderno pela inspiração e pela forma, com uma construção poetica que vae de Jorge de Lima a Mario de Andrade e a Manuel Bandeira, Ivan Ribeiro revelou, já, neste seu primeiro livro, grande noticia de si. Esperemos a continuação da sua obra. Certamente, novos livros do Poeta nos elucidarão sobre qual o resultado final do temeroso conflicto (entre o *natural* e o *sobrenatural*) que *Alleluia*, sob o aspecto lyrico, nos narra. Até lá, louvemos o Poeta pelo seu talento e pela originalidade formal de seus cantos.

MANUEL ANSELMO.

(Transcripto de «Mensagem», de Lisboa).

LETRAS PORTUGUEZAS

Graças á gentileza do sr. Antonio Amorim, operoso secretario da Sociedade Luso-Africano do Rio de Janeiro, que tanto tem feito pelo maior intercambio intellectual luso-brasileiro, podemos inserir neste numero do BOLETIM DE ARIEL um formoso poema inédito de Antonio Ferreira, onde «volta a cantar a velha alma lyrica do Rio Lima, aquella alma que bucolicamente cantara nas rimas de Diogo Bernardes e Antonio Feijó».

Da *Revista de Portugal*, onde os srs. Victorino Nemesio e Alberto de Serpa mantêm com muito brilho e equilibrio a tradição de um periodico illustre, extrahimos para as nossas columnas alguns poemas de Fernando Pessoa, de quem, em nosso ultimo numero, já aqui estampámos tres composições.

Do semanario lisboeta *O Diabo* transcrevemos para as paginas do BOLETIM o artigo de Nuno Simões sobre o ultimo livro de Agrippino Grieco, bem como o sexto artigo de uma interessante série de Affonso de Castro Senda sobre a litteratura brasileira.

— Do sr. W. Buschmann, creador do volume intitulado *Rythmo aryano*, disse o grande Alberto de Oliveira: «...joven poeta em cujo alvorecer intellectual presinto, os fulgores de um dia glorioso».

— Chegam-nos, de Cadiz, os *Sortilegios* do sr. Luiz de Andrade Filho. Este nosso patricio é cultor dos poemets incisivos á japoneza e não lhe escasseiam notas felizes e brilhantes.

De Cuyabá vem-nos um romance do sr. José de Mesquita: *Piedade*. E' trabalho onde as nobres intenções Moraes são sempre conduzidas em bello estylo, sem que a esthetica pereça em proveito da ethica. Christão sincero, o sr. Mesquita não é desses ficcionistas que tornam a virtude odiosa.

LUIZ EDMUNDO, o illustre autor de "O Rio de Janeiro
no tempo dos Vice-Reis", lança o seu novo livro :

"O Rio de Janeiro do Meu Tempo"

● Este livro é o depoimento de um historiador de raça, "que evoca os ultimos dias do seculo que passou e os primeiros do que está passando". Repositorio valiosissimo, por constituir quasi um "livro de memorias" vivido pelo autor, que o enriqueceu com as illustrações originaes de Marques Junior, Henrique Cavalleiro, Armando Pacheco, Raul Calixto, Gil, J. Carlos, Rocha, Daniel Julião Machado, Lobão e outros e as photographias de Marc Ferrez, Luiz ::::::::::: Bueno, W. Crown e Augusto Malta. :::::::::::



PREÇO DA OBRA COMPLETA

(3 grossos volumes, 1.232 paginas, 460 desenhos
feitos por 18 caricaturistas, 214 photographias) :

Brochura 70\$000 os 3 volumes
Encadernação Simples 100\$000 os 3 volumes
Encadernação de Luxo..... 120\$000 os 3 volumes

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS E NA

Livraria Civilização Brasileira

Matriz : RUA 7 DE SETEMBRO, 162 — Rio de Janeiro

Filial : RUA 15 DE NOVEMBRO, 144 — São Paulo

E

LIVRARIA DO EDIFICIO ALHAMBRA

(ABERTA ATÉ AS 23 HORAS)

IMPORTANTE : No Rio entregamos á domicilio, pedidos pelos telefones : 22-6773 e 42-0390. No Interior atendemos pelo "SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL" que significa pagar quando o correio entregar.

MONTEIRO LOBATO

Amigo Leo Vaz:

Se V. gostou tanto da "HISTORIA DA FILOSOFIA", de Will Durant, vai babar-se agora com THE MANSIONS OF PHILOSOPHY, que traduzi como "FILOSOFIA DA VIDA", porque - quem entenderia, aqui, o titulo literal, AS MANSÕES DA FILOSOFIA ? E para a escolha do novo titulo baseei-me no proprio Durant, que começa o prefacio dizendo: "This book is an attempt at a consistent philosophy of life." ("Consistent !... Ingleses e americanos fazem grande uso desta palavra, para nós cada vez mais sem sentido ...)

Mas que livro, Jeremias ! Que repositorio da coisa mais escassa entre nós: sabedoria, bom senso ! E sabedoria moderna, isto é, rica de todas as finuras do espirito moderno - a ironia alegre, o aticismo entre grego e gaulês, as sutis indiretas á politicagem e á "bigotry". Um perfeito diabo, este Will Durant, um amenissimo Voltaire bem merecedor do tremendo sucesso de suas obras. Com a primeira, já posta em todas as linguas decentes e com tiragem, na America, pegando o milhão, ganhou ele mais que entre nós um genio do comercio que passa a vida a falsificar banha. E de tal modo seduziu o mundo, que a filosofia entrou em moda, é o "dernier cri" de hoje - ela, a coitada que, já toda teias de aranha, vivia esquecida no quarto de badulaques do pensamento humano.

E tão cotada ficou que os editores não tem mãos a medir no reeditar velhos filosofos, Kant, Spinoza, os gregos - todos ! Nas bibliotecas americanas a consulta de obras filosoficas subiude 200% - e o mesmo se daria aqui... se tivéssemos bibliotecas.

E quanta razão ha para isso ! Vejo-o por mim. Já li este livro, sabe quantas vezes ? Seis ! A primeira, no original - e foi a revelação. Outra, ao traduzi-lo. Outra, ao corrigir minha tradução. Outra, ao rever as provas tipograficas. Outra, ao rever a primeira edição para a fatura da segunda. Outra, ao rever as provas da segunda. Seis - e não basta. Lerei dez, vinte. Quero ficar morando em Will Durant como na mais deliciosa das mansões !

E que millionario de ideias proprias ele é ! Faz a critica dos totalitarismos opressores do pensamento com estas palavras: "A liberdade de cultivar ideias falsas é o unico meio que temos de, ocasionalmente, conseguirmos uma verdadeira." Não é puro Voltaire ? E dá medida do seu aperfeiçoamento moral com estas: "Sempre que lutei, vi as resistencias redobrar-se - mas sempre que ameí venci". Não é puro Cristo ?

Sái da cobcha, ó caramujo, e espoja teu espirito neste tapete persa da superioridade mental - e deixa-te nele ficar. Quem entra em Will Durant e não fica, está fichado. Porque "though understanding no jpy is alien to us" - e o realmente bom "is to sit at the feet of Plato in the City of God". É ou não é, ó caramujo ?

Monteiro Lobato

ACABA DE APPARECER:

HISTORIA DA COMPANHIA DE JESUS NO BRASIL (1.º volume) do Padre Serafim Leite S. J.

«Um livro é uma acção. Pode ser grande acção, que outras recorde e a outras incite. Terá o livro, na historia humana, valor muito mais alto do que aquelle que geralmente se lhe attribue, de ser a historia e de fazer a historia, a vida da humanidade. Nada, pois, mais augusto.

Estes pensamentos, que têm emphase e dignidade, nos vêm, precisamente, da contemplação de um grande livro, desses que uma civilização não terá nunca demasiados para exhibir, ou de que se ufanar.

E' um livro, grande livro, até no aspecto magestoso, mas cujo conteúdo ideologico é ainda maior, porque é um livro de historia, de historia de nossa Patria, que relata o Brasil no berço, o Brasil infante, como o iria criar Portugal, servido pela Companhia de Jesus, criando a civilização latina e christã, em terras de Santa Cruz.

Acaba de se publicar a «Historia da Companhia de Jesus no Brasil», do Padre Dr. Serafim Leite, S. J. E' o primeiro volume, e outros virão. E' um monumento erguido, tanto aos jesuitas, nossos primeiros mestres, como ao alumno dilecto delles, o Brasil.

Disse Capistrano de Abreu, o nosso maior historiador, que a historia do Brasil não poderia ser escripta antes da historia da Companhia de Jesus no Brasil. Sabia porque. Os documentos, poucos e esparsos, de tão preciosos davam idéa do que seria o manancial dos archivos sellados da Companhia. Havia cartas de jesuitas publicadas em traducção em varios livros estrangeiros, e recoltas nacionaes se ensaiaram. Havia precioso codice tirado á casa de São Roque e dada por Pombal ao Conselheiro Lara e Ordonhes, que o dera a D. João VI, para a Bibliotheca Nacional. Capistrano e Veiga Cabral puzeram-se a publicar documentos jesuiticos. Ajudou-os Teixeira de Mello. Mas ficaram em meio. A Academia Brasileira, no serviço publico de que se poderá sempre vangloriar, emprehendeu reunir o acervo nas suas publicações. Sahiram as «Cartas de Nobrega», annotadas pelo Sr. Rodolpho Garcia; sahiram as «Cartas Avulsas», de vinte e tantos missionarios, annotadas pelo Sr. Afranio Peixoto; sahiram as Cartas de Anchieta, annotadas pelo Sr. Alcantara Machado. Mas não era bastante.

Foi quando a Companhia de Jesus resolveu abrir os seus archivos á Historia do Brasil e confiou a um dos seus o formidavel cargo de pesquisar esses archivos e escrever esta historia. O escolhido foi o Dr. Serafim Leite, que já conhecia nossa Patria e tinha tirocinio de escriptos historicos e sociologicos, que o recomendavam. Depois de annos, em Roma, no Gesù, e pela Europa, onde havia documentos jesuiticos, tirou copias photographicas de tudo, a decifrar, a ler, a comprehendere, a elucidar. Um trabalho heroico e abnegado.

Antes, porém, da primeira linha veio ao Brasil para ter o contacto directo com a terra e a gente, a côr local, a alma dispersa da Brasil, recolhida num coração de apostolo, que andou por toda a parte entre nós, embevecido e orgulhoso, repetindo a palavra inicial de Nobrega ao chegar em 1549 á Bahia: *esta terra é nossa empresa*. Era um Brasil inexistente, terra erma, mato-grosso, que tal esperança tornava sagrada... E outro jesuita, no seculo XX, acha immenso paiz, cheio de grandes possibilidades, e com as lagrimas nos olhos e o amor no coração, que reza embevecido a mesma oração orgulhosa de Nobrega: *esta terra foi a nossa empresa*...

Tornou o Dr. Serafim Leite a sua casa de Lisboa e poz-se a escrever a «Historia da Companhia de Jesus

no Brasil». As aparas, a sobra da obra, trechos de marmore ou troços de bronze, foram levados da officina para as sociedades sabias, para revistas technicas, para as columnas do «Jornal do Commercio», para um concurso publico. Foi o Brasil vendo que tinha razão Capistrano: não se pode, não se poderia, antes da historia delles, os Jesuitas no Brasil, escrever a nossa historia. São Paulo viu a historia da fundação de Piratininga mal contada, com lacunas e erros, rectificada. João Ramalho, longe de ser um inimigo dos padres, foi delles auxiliar, com sua prole e seus parentes indios. Santo André da Borda do Campo, Maniçoba, Geribitiba, as aldeias dispersas, ao genio do Jesuita, por economia e para defesa, é que se reúnem em torno da colina sagrada, que escolhera o Padre Nobrega e ahi, no dia da Conversão do Apostolo das Gentes, é que se inaugura São Paulo, do qual será defensor Tebiriçá, o sogro de João Ramalho, que, este, lhe será o capitão-mór em 1562, primeiro patriarcha, pioneiro dos paulistas, braço direito dos padres na entrada do sertão.

Cartas ineditas vêm a lume, datas se corrigem, successos se sabem e a historia certa do Brasil emerge do pelago de nossa insciencia, como uma ilha resplandecente de coral que brotasse do abysmo para a gloria da luz.

Os entendidos tinham porém a curiosidade insoffrida e contavam os mezes por annos, na impaciencia da obra. E eis que ella nos chega e eis que é como a esperavamos. Grande, na sua factura material. Ha muito dos prêlos da Europa e da America não sae livro mais nobre e mais magestoso. Grande na sua compleição espiritual; o nosso Capistrano de Abreu teria lagrimas de emoção nos olhos: — outro jesuita, como o primeiro, Nobrega, lhe relata os feitos, seus e dos seus, num livro mestre, digno desse apostolado jesuita no Brasil «obra sem exemplo na historia»...

De todas as immensas obras jesuitas no mundo, o Brasil é a maior. A obra na Europa foi formidavel, de educação da mocidade; o chanceller Francis Bacon insuspeitamente dissera, já no seculo XVII, «nada se podia fazer de melhor». Mas veio a tormenta liberal do seculo XVIII, e lá se foi. O Japão, de S. Francisco Xavier? Ou a China? Ou o Paraguay? Tudo tornou ao que era, melhorado certamente, mas sem memoria dos apostolos que approximaram da civilização esses povos, diferentes ou barbaros.

O Brasil é que foi a grande obra jesuitica, a obra que vingou, a «nossa empresa» de Nobrega, a «obra sem exemplo na historia», de Capistrano. E' essa obra que começa a relatar um grande jesuita, pelos outros grandes jesuitas que a fizeram, num grande livro que é uma obra prima, de devoção e patriotismo. O livro do Dr. Serafim Leite, «Historia da Companhia de Jesus no Brasil», este grande primeiro volume, é a certidão de baptismo desse nosso Brasil, não só á fé, como á civilização.

Quizeramos que alguém, publicamente qualificado para isso, representando o Brasil, — o Governo, pelo Ministerio da Educação; as sociedades sabias; a imprensa; os brasileiros cultos — conhecendo a grande acção que é tal livro, manifestasse á Companhia de Jesus, uma vez mais, a nossa gratidão, a gratidão nacional, agora já consciente, pelo grande documento deste livro. O Dr. Serafim Leite, S. J. bem merece, por elle, a benção e o applauso do Brasil.»

(Transcripto do «Jornal do Commercio».)

Preço do 1.º volume brochado: 35\$000

Distribuidora: CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

IMPORTANTE: No Rio entregamos á domicilio, pedidos pelos telefones: 22-6773 e 42-0930. No Interior atendemos pelo "SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL" que significa pagar quando o correio entregar.

Collecção "BRASILIANA"

Ultimas publicações na grande bibliotheca de cultura
editada pela COMPANHIA EDITORA NACIONAL

O DOMINIO HOLLANDEZ NO BRASIL — *Hermann Wätjen* — Vol. 123.

O panorama do Brasil hollandez foi realizado pelo grande professor de Historia da Universidade de Heidelberg, Hermann Wätjen, que o publicou em 1921, na Allemanha. Estava, assim, vedada ao nosso publico, que conhece pouco o idioma allemão, a obra mestra, a obra mais completa e robusta sobre um dos capitulos mais movimentados e significativos da nossa historia. Ficariamos ainda por muito tempo no desconhecimento de tal livro, se não fôra a iniciativa da Cia. Editora Nacional de editar na «Brasiliana» a tradução do famoso livro, e assim entregal-o ao nosso publico.

«O Dominio Colonial Hollandez no Brasil» é um livro de copiosa e erudita informação historica, que o autor bebeu na Hollanda, em Portugal, e aqui no Brasil, onde esteve apenas entregue ao trabalho de rebuscar em nossos arquivos todos os documentos esclarecedores da ação de Nassáu e dos hollandezes no Brasil. É um livro completo, realizado com aquella segura erudição allemã, estudando desde a origem da navegação para as Indias, no inicio do seculo 17, até a formação, o apogeu e a ruina do Brasil Hollandez, de 1644 a 1654. O governo do Conde Mauricio de Nassau, de 1637 a 1644, ocupa o Capitulo 3.º da obra, um dos mais interessantes, como tambem aquelles relativos á organização e administração da colonia, á igreja no Brasil Hollandez, ás relações entre a população branca e a gente de côr, porisso que a obra focaliza todos os aspectos sociaes daquella rapida e fecunda ação Hollandea em Pernambuco.

A tradução deste livro foi pelo Dr. Pedro Celso Uchôa Cavalcanti, diretamente do original allemão, para a «Brasiliana».

Broch. 15\$000

A CORTE DE PORTUGAL NO BRASIL — *Luiz Norton* — Vol. 124.

Livro interessante, a um tempo erudito e agradável, esse que o Dr. Luis Norton escreveu e que acabamos de editar na «Brasiliana».

Aqui o ilustre historiador e diplomata portuguez estuda o ambiente, a côr, a feição humana e social da côrte portugueza no Brasil. É um passeio áquelle tempo, uma volta aos primeiros dias do Brasil, aquelles que se desenrolaram entre estes dois eixos que serviram ao dr. Luis Norton como limites ao estudo feito em seu livro: a Transferencia da corte de D. João VI para o Brasil e a abdicação de Pedro I.

Como vêm «A Côrte de Portugal no Brasil» fixa pela primeira, em conjunto, o tempo de D. João VI e de seu aventureiro filho, o fundador do nosso Imperio, unindo assim, no mesmo trabalho de pesquisa historica e de bom gosto literario, duas epocas que se completam e harmonizam. A transferencia da côrte, o casamento do principe Dom Pedro, e as famosas negociações feitas pelo Marialva, o casamento de Dona Leopoldina, a cidade naquelle tempo, seus costumes, suas artes, suas ciencias e suas letras, Dona Leopoldina e a Independencia, a coroação, a morte da Imperatriz, a abdicação.

Broch: 15\$000

VIAGEM PELAS PROVINCIAS DE RIO DE JANEIRO E MINAS GERAIS — *Auguste de Saint-Hilaire* — Vol. 126.

O trabalho realizado pelo famoso naturalista francez Saint-Hilaire, durante os seis annos em que viveu no Brasil, percorrendo, em estudos, todo o nosso territorio, vem sendo revelado através da tradução dos seus varios volumes, relativos aos diversos estados que palmilhou.

Agora a nossa «Brasiliana» publica a «Viagem pelas provincias do Rio de Janeiro e Minas Geraes», e é desnecessario exaltar o valôr raro deste livro. É o roteiro de um viajante, o caderno de annotações de um naturalista, o diário de um homem intelligente viajando por um paiz novo e de fascinação illimitada.

Cada vol. broch: 12\$000

POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRASIL — *Oliveira Vianna* — 4.ª edição, Vol. 10.

A grande obra de Oliveira Vianna, em que elle estuda a formação das populações ruraes do sul do Brasil, ligando-as pela mesma significação politica, observando-as de maneira aguda e poderosa, entra em sua 4.ª edição.

É a consagração do publico, atravez de sucessivas edições, a uma obra que já merecera a consagração de todas as correntes do pensamento brasileiro, e da qual dissera Ingenieros constituir um verdadeiro monumento «que honra ala cultura de todo el continente».

Para a perfeita comprehensão d'opassado, a investigação scientifica arma, hoje, os estudiosos, com um completo systema de methodos e de instrumentos que permitem, quando bem utilizados, resultados de perfeito rigorismo e certa exatidão. Oliveira Vianna soube, melhor que ninguem, utilizar essas armas de reconstrução do nosso passado social: a força da sua obra, da qual este livro é um dos momentos mais altos, atesta-o de maneira insofismavel.

Broch: 12\$000.

EVOLUÇÃO DO POVO BRASILEIRO — *Oliveira Vianna* — 3.ª edição, Vol. 10.

Os trabalhos de pesquisa social de Oliveira Vianna, desdobram-se, neste livro, de maneira panoramica. Aqui ele estuda, como o indica o proprio titulo, a evolução do povo brasileiro. Mas evolução total, em todos os sentidos: evolução social, evolução ethnica, evolução politica. Livro cujo primeiro apparecimento data de alguns annos, foi elle objecto de vivas controversias que só fizeram, com o passar do tempo, pelo desmentido que o tempo lhe trouxe, formar para o grande livro do illustre sociologo brasileiro um verdadeiro plano de contraste, onde a sua verdade scientifica e o seu conteúdo cultural se projetam de maneira vivissima.

Aqui se estuda desde as questões geraes de sociologia, principalmente em face das modernas modificações operadas no corpo dessa ciencia, até a significação ethnica, social e politica da nossa vida social.

Trata-se da reedição de um livro de valor excepcional para a cultura brasileira, livro de profunda significação neste momento da nossa historia.

Broch. 12\$000.

EDIÇÕES DA

São Paulo

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rio de Janeiro

Recife

Bahia

Porto Alegre

O mais completo Livro de Cosinha



EXMAS. SNRAS.

Ampliae os vossos conhecimentos adquirindo este precioso livro.

Diferente de todos os outros, pela sua forma pratica em descrever os conteúdos das receitas, e a sua manipulação.

Mil trezentas e cincoenta

:: :: receitas diversas :: ::

CLARAS

SIMPLES

EFFICIENTES

Cem diversas receitas para Dieteticos e especiaes pratos nortistas

A arte de cosinhar complexa nas suas variadas formas, foi estudada por D. Maria de Lourdes Costa, professora, diplomada em arte culinaria, que desejando contribuir para engrandecer os conhecimentos das Snras. donas de casa neste «metier», apresenta o livro de cosinha de sua autoria contendo 1354 receitas diversas, experimentadas, para a manipulação do seguinte:

Hors d'oeuvres	Ovos	Bolos
Canapés	Legumes	Tortas
Sandwiches	Massas	Pudings
Mólhos	Licores	Molhos para pudings
Sopas		Crèmes
	Refrescos	Molhos para cremes
	Sundays	
Peixes	Sorvetes	Docinhos diversos
Mariscos	Aperitivos	Brôas
Crustaceos	Cooktails	Pães
	Punches	Pãezinhos
	Toddys	Bolachas
	Egg-Noggs	Rosquinhas
	Fizzes	Etc. Etc. Etc.

ARTE DE CONFEITAR

Sobre este importante trabalho encontra-se no livro A ARTE DE COSINHAR, além das necessarias explicações, diversos desenhos das machinas e ferros para este fim, e suas applicações.

Sobre este util ensinamento que quasi todas as professoras de arte culinaria fazem «grande segredo profissional», D. Maria de Lourdes Costa, descreve em seu livro A ARTE DE COSINHAR, o mais perfeito METHODO DE CONFEITAR, podendo qualquer pessoa em sua casa, fazer doces, biscoitos, etc., saborosos e lindos, iguaes aos das confeitarias de primeira ordem.

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO BRASIL

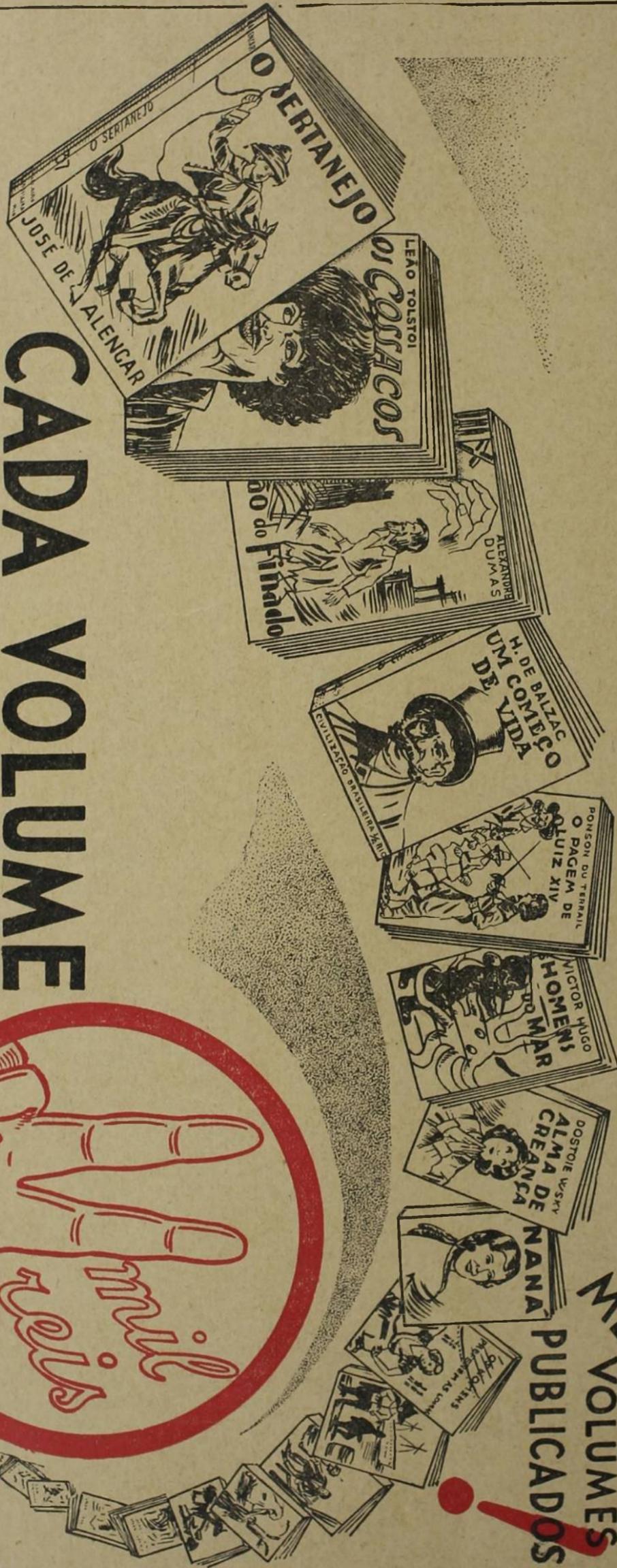
Volume cartonado 14\$000

PEDIDOS A'

CIVILIZAÇÃO BRAZILEIRA S/A

Rua Sete de Setembro n.º 162 — Rio de Janeiro

COLEÇÃO "SIP" MEIO MILHÃO DE VOLUMES PUBLICADOS



CADA VOLUME



EM TODAS AS LIVRARIAS E NA
LIVRARIA CIVILIZAÇÃO - RUA 7 DE SETEMBRO 162 - RIO